



INTERVENÇÃO NO POÇO DOS CHEFES

Arquitetura na Natureza

(versão final após defesa)

Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitetura

(Mestrado integrado)

Orientador: Prof. Doutor Tiago de Almada Cardoso Proença Oliveira

Setembro de 2025

Folha em branco

Declaração de Integridade

Eu, Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues que abaixo assino, estudante com o número de inscrição 40283 de Arquitetura da Faculdade de engenharias, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referência de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 05/09 /2025

Folha em branco

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao meu orientador Prof. Doutor Tiago de Almada Cardoso Proença Oliveira por me acompanhar neste trabalho de descoberta pelo apoio e paciência.

Aos professores que me acompanharam nesta jornada e que me deram a bagagem para que este trabalho fosse realizado.

Agradecer aos meus colegas e amigos que fizeram parte deste meu percurso universitário e que de uma forma ou outra contribuíram para o fim desta etapa.

Agradecer ao Sr. Manuel e à Sra. Silvina Gonçalves pela partilha de conhecimento, ao Nuno Gonçalves pelo material fotográfico, ao Mariano Rebolo pela a sua ajuda no levantamento topográfico.

À Beatriz pelas fotos tiradas para este trabalho.

Ao Cristiano, pela sua ajuda e pela sua incapacidade de dizer “não” a um amigo.

À Carlota, pela ajuda e por 11 anos de carinho, amor e apoio.

À minha família pelas vivências e pelos anos de sabedoria geracional, em especial ao meu pai pelo sacrifício, pelas risadas e pelas horas de trabalhos manuais a segurar lanternas que se demonstraram práticas essenciais para este curso. À minha mãe pelo apoio incondicional e por colocar-se em segundo plano para o meu benefício, por me incentivar a ser curioso e fazer o meu melhor. Ao meu irmão pela amizade e pelo companheirismo.

A todos um grande obrigado!

Folha em branco

Resumo

O crescimento do setor turístico na ilha da Madeira tem-se afirmado, ao longo das últimas cinco décadas, como uma força motriz da economia regional, em constante expansão. A atratividade da sua paisagem natural e riqueza cultural tem motivado fluxos significativos de visitantes, cujo contributo económico sustenta o desenvolvimento da infraestrutura hoteleira e das construções associadas à indústria do turismo.

No entanto, embora este fenómeno possa, à partida, favorecer a preservação do património cultural e paisagístico, verifica-se que esses mesmos valores são, por vezes, instrumentalizados com fins economicistas, promovendo processos de descaracterização que comprometem a autenticidade dos elementos que se pretendem conservar. Numa freguesia da ilha este fenómeno é escasso. O Curral das Freiras, mantém a sua essência preservada em âmbar. As suas gentes, as suas serras, as suas tradições. Talvez por não deter da muita estimada “vista mar” que alicia os grandes empreendimentos, guardando para si os vales, os picos e as ribeiras.

É a partir desta freguesia que se propõe o desenvolvimento de uma intervenção que realce as suas qualidades intrínsecas e atue, de forma criteriosa, nos pontos em que tal se revele necessário, promovendo a prosperidade do setor turístico local sem descuidar o benefício das comunidades residentes. Assim partimos do Poço dos Chefes, uma praia fluvial no leito da ribeira dos Socorridos no fundo do vale.

Palavras-chave

Natureza; arquitetura; praia fluvial; turismo, Ilha da Madeira; Curral das Freiras; sustentabilidade

Folha em branco

Abstract

The growth of the tourism sector on the island of Madeira has established itself, over the last five decades, as a driving force for the regional economy, which is constantly expanding. The attractiveness of its natural landscape and cultural richness has motivated significant flows of visitors, whose economic contribution supports the development of hotel infrastructure and buildings associated with the tourism industry.

However, although this phenomenon may initially favor the preservation of cultural and landscape heritage, it is clear that these same values are sometimes instrumentalized for economic purposes, promoting processes of decharacterization that compromise the authenticity of the elements that are intended to be preserved.

In one parish on the island this phenomenon is rare. Curral das Freiras maintains its essence preserved in amber. Its people, its mountains, its traditions. Perhaps because it does not have the much-prized “sea view” that attracts large developments, keeping the valleys, peaks and rivers for itself.

It is from this parish that we propose the development of an intervention that highlights its intrinsic qualities and acts, in a judicious manner, in the points where this proves necessary, promoting the prosperity of the local tourism sector without neglecting the benefit of the resident communities. So we set off from Poço dos Chefes, a river beach on the bed of the Socorridos River, at the bottom of the valley.

Keywords

Nature; architecture; beach; Madeira Island; Curral das Freiras; sustainability

ÍNDICE

1.METODOLOGIA	4
2.OBJETIVOS	4
3.INTRODUÇÃO	5
2. NATUREZA E ARQUITETURA	6
2.1 O lugar da Arquitetura na Natureza	6
<i>O planalto</i>	9
2.2 Taxidermia da Natureza	11
2.1.1 O abrigo e habitar	14
2.1.2 Cultura e Memória	17
2.1.3 A Natureza	18
3. TURISMO	19
3.1. Turismo na Madeira	22
3.1.1 Reflexão	24
4.TERRITÓRIO	26
4.1. Ilha da Madeira	26
4.2. Curral das Freiras	27
4.3. O Campo e a Cidade	29
4.4 Curral das Freiras, seu território e tradições.	33
5. O POÇO	36
5.1. O lugar e a paisagem	38
5.2. Clima	39
5.1.2 Exposição solar	39
5.3 Processo construtivo	41
6. REFERÊNCIAS	46

A inspiração: A piscina das Marés, Siza Vieira	46
O Professor: Peter Zumthor	48
7. PROPOSTA	50
7.1 Premissas projetuais	50
7.2 Projetar na Natureza	51
7.1.2 Materiais	52
7.3 Programa	54
7.3.1 A chegada	56
8. O PERCURSO E A LEVADA	58
8.1 Expandir os limites aparentes	60
9. A AGRICULTURA E A GASTRONOMIA	61
9.1 Restaurante e Balneários	63
10. BOULDERING	66
10.1 Bouldering Gym	67
11. Fogareiros	69
13. MOBILIÁRIO URBANO	72
12. ESPAÇO DE CONTEMPLAÇÃO	73
13.1 BANCOS	74
13.2 Coberturas exteriores	75
14. O VIME	77
14.1 Centro de Processamento do Vime	81
14. CONCLUSÕES	85
BIBLIOGRAFIA	87
ANEXOS	90

Entrevista com Sr. Manuel “Abel”	90
Entrevista com a Sra. Silvina Gonçalves	94
Imagens da maquete	99
Peças desenhadas	114

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1. BAHRAIN I – ANDREAS GURSKY (2005)	6
FIGURA 2. SOCALCOS OU "POIOS" EM PONTA DE SOL (IMAGEM DO AUTOR) E CIVITÁ DE BAGNOREGIO POR GIOVANNI ATTILI	7
FIGURA 3. ADMIRALTY HOUSE, LONDRES – IMAGEM DO AUTOR	9
FIGURA 4. CONSTRUÇÃO DEVOLUTA COM PALMEIRA NO INTERIOR. – IMAGEM DO AUTOR	10
FIGURA 5. PORMENOR DE UM FINGIMENTO RODEADO DE VEGETAÇÃO – IMAGEM DO AUTOR	11
FIGURA 6. "VISTA DO FUNCHAL" - JOHAN FREDRIK ECKERSBERG	12
FIGURA 7. ENTRADA DE UMA HABITAÇÃO E LATADA TRADICIONAL MADEIRENSE. - IMAGEM DO AUTOR	13
FIGURA 8. ZONAS ALTAS DA RIBEIRA BRAVA – AUTOR DESCONHECIDO	13
FIGURA 9. "PASTOR COM REBANHO DE OVELHAS NA ALDEIA" – JOÃO ALVES DE SÁ (1917)	15
FIGURA 10. RIVERBED - OLAFUR ELIASSON (2014)	17
FIGURA 11. SEM TÍTULO. - KATRIEN BLAUWER (2017)	18
FIGURA 12. SIR EDMUND HILLARY E TENZING NORGAY NA PRIMEIRA ASCENSÃO AO MONTE EVEREST	19
FIGURA 13. GIOVANNI PAOLO PANNINI - PICTURE GALLERY WITH VIEWS OF MODERN ROME (1757)	20
FIGURA 14. SCALINATA DI TRINITÀ DEI MONTI - ERICH ANDRES (1954)	22
FIGURA 15. BOMBOTEIROS E RAPAZES DA MERGULHANÇA – FOTO FIGUEIRAS	23
FIGURA 16. MAN EATING HIS OWN CHEST. DANA SCHUTZ (2005).....	25
FIGURA 17. "BAIA DO FUNCHAL" - LITOGRAFIA POR ANDREW PICKENS.	26
FIGURA 18. . KURRAL - JOHAN-FREDRIK ECKERSBERG (1853)	27
FIGURA 19. HABITAÇÃO SECULAR, CURRAL DAS FREIRAS - IMAGEM DE AUTOR.....	28
FIGURA 20. CAMPO DA BICA – IMAGEM DO AUTOR	29
FIGURA 21. ÚLTIMA PARAGEM DE AUTOCARRO QUE CONECTA SANTO ANTÓNIO À FREGUESIA DO CURRAL. AO FUNDO OS PICOS QUE CERCAM O CURRAL DAS FREIRAS. - IMAGEM DO AUTOR.....	30
FIGURA 22. ESTRADA REGIONAL 107. - IMAGEM DO AUTOR.....	31
FIGURA 23. CURRAL DAS FREIRAS – IMAGEM DO AUTOR.....	32
FIGURA 24. HABITAÇÃO NO CENTRO DO CURRAL DAS FREIRAS. EM CIMA A ESTALAGEM DA EIRA DO SERRADO. – IMAGEM DO AUTOR.....	33
FIGURA 25. CASA NO CURRAL DAS FREIRAS COM LARANJEIRA EM PRIMEIRO PLANO. – IMAGEM DO AUTOR.....	34
FIGURA 26. ESPÍRITO SANTO EM VISITA.	35
FIGURA 27. VEREDA DO URZAL;	35
FIGURA 28. ESTUDO DO LOCAL. – IMAGEM DO AUTOR	36
FIGURA 29. BANHISTA MERGULHA NO POÇO. – NUNO GONÇALVES	37
FIGURA 30. PLANTA TOPOGRÁFICA DA ÁREA DE INTERVENÇÃO – IMAGEM DO AUTOR	38
FIGURA 31. MERGULHOS COM A PAISAGEM DE FUNDO. – NUNO GONÇALVES	39
FIGURA 32. A RIBEIRA INTERROMPIDA PELA BARRAGEM. - IMAGEM DO AUTOR.....	41
FIGURA 33. VOLUNTÁRIO SOLDANDO A ESTRUTURA DA BARRAGEM. AO FUNDO UM VISITANTE ESCALA A PAREDE DE ROCHA SOBRE A ÁGUA. - IMAGEM DO AUTOR	42
FIGURA 34. COFRAGENS APOIADAS NA ROCHA; VOLUNTÁRIOS SOLDAM AS CHAPAS À COFRAGEM. - IMAGEM DO AUTOR.....	44
FIGURA 35. POÇO DOS CHEFES NA SUA CAPACIDADE MÁXIMA. - IMAGEM DO AUTOR.....	45
FIGURA 36. PISCINAS NATURAIS DE PORTO MONIZ.	47
FIGURA 37. PISCINA DAS MARÉS E CASA DE CHÁ DE MATOSINHOS DE SIZA VIEIRA.	47
FIGURA 38. MURO DE CONTENÇÃO PISCINA DAS MARÉS. - FERNANDO GUERRA	47
FIGURA 39. TERMAS DE VALS - FERNANDO GUERRA	49
FIGURA 40. MUSEU DE MINERAÇÃO DE ALLMANNAJURET - PER BERNTSEN.....	49
FIGURA 41. ESTALAGEM DA EIRA DO SERRADO ILUMINADA. VISTA A PARTIR DO POÇO DOS CHEFES. - IMAGEM DO AUTOR .	52

FIGURA 42. PAREDES DE BETÃO DESCOFRADO NA PISCINA DAS MARÉS (FERNANDO GUERRA) E PAREDE DE PEDRA ARRUMADA COM ESCADA (IMAGEM DO AUTOR).....	53
FIGURA 43. PLANTA DAS ÁREAS DE INTERVENÇÃO.....	54
FIGURA 44. PLANTA DE COBERTURA DO RESTAURANTE E BALNEÁRIOS - IMAGEM DO AUTOR.....	56
FIGURA 45. PERSPETIVA DO EDIFÍCIO DE ACESSO. - IMAGEM DO AUTOR.....	57
FIGURA 46. ESQUIÇO DA LEVADA - IMAGEM DO AUTOR.....	58
FIGURA 47. ESCADA LADEADA POR LEVADA - PAUL MAGUIRE/GETTY IMAGES; LEVADA DO ALECRIM - IMAGEM DO AUTOR.....	59
FIGURA 48. ESTUDO DE RELAÇÃO DO VOLUME E A ENVOLVENTE. - IMAGEM DO AUTOR.....	61
FIGURA 49. PLANTAÇÃO DE FEIJÃO E VINHA. ESCADARIA JUNTO AOS POIOS. - IMAGEM DO AUTOR.....	62
FIGURA 50. FACHADA DO RESTAURANTE E SALA DE REFEIÇÕES E JARDIM - IMAGEM DO AUTOR.....	63
FIGURA 51. PLANTA DOS BALNEÁRIOS E SOCALCOS. - IMAGEM DO AUTOR.....	64
FIGURA 52. CORTE ILUSTRADO DA SALA DE REFEIÇÕES. - IMAGEM DO AUTOR.....	64
FIGURA 53. PERSPETIVA DO BOULDERING GYM. - IMAGEM DO AUTOR.....	66
FIGURA 54. REPRESENTAÇÃO DO DESMONTAR DO “BOULDER”.....	67
FIGURA 55. PLANTA DO BOULDERING GYM. - IMAGEM DO AUTOR.....	68
FIGURA 56. ESQUIÇO DOS FOGAREIROS. - IMAGEM DO AUTOR.....	69
FIGURA 57. CHURRASQUEIRA NA RIBEIRA DA LAPA. - IMAGEM DO AUTOR.....	70
FIGURA 58. MAQUETE E PLANTA DE COBERTURA DOS FOGAREIROS. - IMAGEM DO AUTOR.....	71
FIGURA 59. PLANTA DE COBERTURA DO POÇO. - IMAGEM DO AUTOR.....	73
FIGURA 60. BANCO. - IMAGEM DO AUTOR.....	74
FIGURA 61. VISTAS DO BANCO. - IMAGEM DO AUTOR.....	75
FIGURA 62. ALÇADO LATERAL DOS FOGAREIROS. IMAGEM DO AUTOR.....	75
FIGURA 63. ESBOÇO DO ESTUDO DO SISTEMA DE ENCAIXA DAS CANAVIEIRAS.....	76
FIGURA 64. OFICINA DE VIMES DO SR. MANUEL – IMAGEM DO AUTOR.....	77
FIGURA 65. SR. MANUEL A TRABALHAR DO VIME - NUNO GONÇALVES.....	79
FIGURA 66. HOMEM RETIRA UM MOLHE DE VIMES DO CALDEIRÃO E MULHER A DESCASCAR O VIME. – NUNO GONÇALVES... 80	80
FIGURA 67. ALÇADO NORTE DO CENTRO DE PROCESSAMENTO DO VIME - IMAGEM DO AUTOR.....	81
FIGURA 68. PLANTA DE DO CENTRO DE PROCESSAMENTO DE VIME. - IMAGEM DO AUTOR.....	82
FIGURA 69. CENTRO DE PROCESSAMENTO DE VIME. - IMAGEM DO AUTOR.....	83
FIGURA 70. ESQUEMA DOS PARALELEPÍPEDOS. - IMAGEM DO AUTOR.....	84
FIGURA 71. COSTA DA ILHA DA MADEIRA.....	101
FIGURA 72. PICOS DA ILHA.....	101
FIGURA 73. VALE DO CURRAL DAS FREIRAS.....	102
FIGURA 74. RUAS E CONTEXTO URBANO DA FREGUESIA.....	102
FIGURA 75. LEITO DA RIBEIRA.....	103
FIGURA 76. ACESSOS.....	103
FIGURA 77. ESQUIÇO DO ACESSO.....	104
FIGURA 78. MATERIALIDADES.....	104
FIGURA 79. ALÇADO DO EDIFÍCIO DE ACESSO.....	106
FIGURA 80. RESTAURANTE.....	106
FIGURA 81. PLANTA COM PROPOSTA.....	107
FIGURA 82. CONTEXTO DA PAISAGEM DO POÇO DOS CHEFES.....	108
FIGURA 83. RELAÇÃO ENTRE OS CURSOS DE ÁGUA E A CIRCULÇÃO PEDONAL.....	109
FIGURA 84. LEVADAS.....	109
FIGURA 85. ESQUIÇOS DE PROPOSTA.....	110
FIGURA 86. CENTRO DE PROCESSAMENTO DE VIMES.....	111



1. Metodologia

Esta dissertação analisa os principais elementos que fundamentaram a proposta apresentada em projeto, partindo de uma abordagem contextual e interdisciplinar. Iniciamos com a definição dos objetivos para o local e uma introdução ao seu contexto geral, complementada por uma análise mais detalhada das características sociais, económicas e culturais da freguesia do Curral das Freiras, área de intervenção do projeto. Além disso, ensaiamos uma breve história do turismo na ilha da Madeira, destacando tanto os seus benefícios como as consequências adversas para a economia, cultura e património da região.

Seguidamente, é explorada a relação entre Arquitetura e Natureza, duas forças fundamentais na vida humana, abordando não apenas a dependência intrínseca que o ser humano tem da Natureza, mas também os benefícios mútuos que podem surgir dessa interação. Esta reflexão serve de base para avançar para uma leitura detalhada da área de intervenção, compreendendo a sua história, geografia e funções atuais, as quais orientam o desenvolvimento programático e a materialização da proposta arquitetónica.

Assim, propomos uma abordagem que articula contexto, história e paisagem, considerando a contextualização do local como ponto de partida para soluções arquitetónicas que valorizem tanto o património cultural quanto o natural.

2. Objetivos

O desenvolvimento desta dissertação tem como objetivo repensar a valorização do espaço natural como elemento central na conceção de um projeto arquitetónico. A crescente afluência de turismo global tem impulsionado investimentos significativos que, embora benéficos para a economia, frequentemente priorizam o bem-estar dos visitantes, negligenciando os residentes, a cultura e, muitas vezes, a Natureza.

Assim, este trabalho pretende explorar estratégias arquitetónicas que harmonizem as dinâmicas do turismo com as necessidades locais, assegurando a proteção da identidade cultural e ambiental do lugar. Pretende-se promover soluções que respeitem e valorizem as características únicas do espaço, oferecendo respostas que favoreçam simultaneamente os visitantes e os residentes, preservando a memória coletiva, os valores culturais e a integridade da paisagem natural.

Este estudo busca também evidenciar boas práticas de intervenção em espaços naturais, demonstrando como a arquitetura pode atuar como mediadora entre o ser humano e o ambiente, contribuindo para um modelo de desenvolvimento sustentável que valorize e potencialize a essência do local.

3.Introdução

Ao longo dos anos, lugares como a ilha da Madeira foram alvo de um grande crescimento económico, catapultado pela crescente afluência de turismo. Estes núcleos turísticos preservam a sua herança cultural de forma a manter o interesse dos visitantes. No entanto, uma vez que a cultura e a tradição nem sempre são suficientes para acomodar o turista, o empreendedor local procura providenciar as comodidades em falta, mesmo que isso signifique sacrificar um pouco da caracterização territorial e da sua memória.

Nesta dissertação, procuro entender este fenómeno, através da observação de casos semelhantes, e encontrar novos pontos de vista sobre a intervenção arquitetónica na Natureza e no contexto turístico, tendo como principal objetivo a preservação cultural e natural do lugar, e apresentando um exemplo prático na freguesia do Curral das Freiras na Ilha da Madeira.

2. Natureza e Arquitetura

2.1 O lugar da Arquitetura na Natureza

A busca pelo conforto do ser humano na natureza faz-nos refletir sobre a presença da arquitetura no meio natural virgem, e questionar até que ponto é necessário adicionar objetos arquitetônicos para usufruirmos desse espaço natural.



Figura 1. Bahrain I – Andreas Gursky (2005)

Por mais que a ligação do Homem com a Natureza seja evidente, ele não está imune à sua inclemência. Ao longo do tempo, o ser humano, na sua busca por conforto e segurança, moldou o espaço natural para atender às suas necessidades imediatas, muitas vezes sem considerar os impactos a longo prazo.

Norberg-Schulz em *Towards a Phenomenology of Architecture* (1979) conclui que arquitetura significa visualizar o espírito do lugar e que o arquiteto estabelece as condições necessárias para que nele possamos habitar. Desta forma procura-se a essência deste lugar, o que faz dele este e não outro, o seu *genius locci*. Ainda que a natureza tenha um forte impacto no seu bem-estar, o Homem sempre a modificou com o objetivo de efetivamente encontrar um

equilíbrio entre o fator natural e o controlo sobre os seus limites. Embora construída pela mão do Homem, a arquitetura é desenhada pelo que a natureza sugere. Visualiza-se o território e segue-se as suas pistas, onde se sugere uma direção constrói-se um caminho e onde se apresenta um espaço delimitado constrói-se um recinto. Formam-se assim as primeiras intenções, antes de se adicionar o que vem a “faltar” e corrigir o que interfere com esta simbiose entre o Homem e a Natureza. E, por fim, a intervenção torna-se um gesto simbólico que finaliza e celebra a relação entre o lugar e o construído, conferindo-lhe o seu caráter único e indissociável.



Figura 2. Socalcos ou "poios" em Ponta de Sol (Imagem do autor) e Civitá de Bagnoregio por Giovanni Attili

A memória de um lugar é tão poderosa quanto o seu espírito. O modo como ele é frequentado, as pessoas que o visitam e os caminhos percorridos deixam marcas profundas tanto nas pessoas quanto no próprio espaço. As características que hoje definem as nossas lembranças são fruto de uma transformação contínua provocada pela nossa presença. O que recordamos sobre um local não é uma memória fixa, mas o resultado de uma interação constante. Nós moldamos os lugares, e eles, por sua vez, moldam as nossas memórias e identidades.

Assim, para a área do Poço dos Chefes no Curral das Freiras, que constitui o exemplo prático que apresentamos, determinou-se 3 diretrizes necessárias para tornar este espaço HABITÁVEL: cultura, memória e natureza.

A cultura é a nossa identidade como conjunto orgânico, é o que nos associa a uma sociedade, e como seres sociais não nos é possível descartar a importância desta diretriz. Uma

relação debilitada entre o Poço e a freguesia tem de ser reavivada para que este local não se torne num monumento representativo da clausura do povo Curraleiro, mas sim um símbolo da sua perseverança e prosperidade.

A memória de um lugar não é estática, ela evolui à medida que novos significados são atribuídos ao espaço. Honrar a memória do Poço significa não apenas preservar o seu passado, mas também permitir que ele continue a ser reinterpretado pelas gerações futuras.

A natureza é o cerne da nossa existência. Por mais que o humano pareça distanciar-se, é a sua maior referência e inspiração. No entanto, retiramos o que nos convém e despojamos a terra das suas propriedades naturais para favorecer os nossos caprichos que se consomem a si mesmos e ao espaço que o rodeia. Cultura, memória e natureza, são dimensões inseparáveis da habitabilidade.

A cultura interpreta a memória e guia a nossa interação com a natureza; a memória dá sentido ao lugar e molda nossa visão do futuro; a natureza, por sua vez, é o fundamento essencial que sustenta e inspira todas as nossas práticas e narrativas.

O planalto



Figura 3. Admiralty House, Londres – Imagem do autor

Ainda que procuremos um equilíbrio entre o espaço natural e a Arquitetura, esta última não pertence ao ecossistema autorregulador e essa exclusão denuncia-se com a passagem do tempo.

Imaginemos um grande planalto, cuja base é coberta por uma densa vegetação, abrigando diversas espécies de plantas de fruto, grandes árvores, pequenos arbustos, plantas rasteiras e aves. Todos esses organismos coexistem com o planalto, tirando proveito das suas características: o bloqueio dos ventos, a sombra que se projeta sobre a vegetação, a retenção de recursos hídricos e as pequenas fendas que acolhem sementes, as quais, ao germinarem, transformam continuamente a paisagem.

Ainda assim, toda esta flora e fauna são condicionadas pelos ciclos da Natureza, o que altera toda a sua imagem e constituição, enquanto o grande planalto se mantém firme e austero perante todas as adversidades. Todavia entendemos que esta fragilidade do ser vivo se afirma como a sua mais-valia, pois enquanto os ventos e as chuvas avassalam os organismos vivos este processo permite que se reinventem e prosperem nestas novas condições. Já o planalto tem apenas a seu favor a sua materialidade que, apesar de duradoura, se deteriora com o tempo. Inevitavelmente todo este planalto que antes era sólido e indivisível, após milhões de anos de

escrutínio e sem capacidade de se regenerar, começa a ceder e, ainda que existindo como matéria, a sua identidade de planalto não prevalece e o que era um grande rochedo é tomado pela vida que outrora a cercava. Durante milhões de anos teve na sua presença o poder de providenciar abrigo no seu topo, à sua volta, nas suas fissuras.

Assim, a Arquitetura deve buscar inspiração nas características do planalto: coexistir e interagir com o ambiente, fornecendo abrigo e suporte às formas de vida que o rodeiam. Mas, mais do que isso, deve reconhecer que, mesmo enquanto matéria aparentemente permanente, a sua identidade se altera e se perde com o tempo. Cabe à Arquitetura coexistir com a vida existente para que quando a nossa não for significativa, outras possam dar-lhe uso.



Figura 4. Construção devoluta com palmeira no interior. – Imagem do autor

2.2 Taxidermia da Natureza



Figura 5. Pormenor de um fingimento rodeado de vegetação – Imagem do Autor

Taxidermia:

Arte ou técnica de preparar cadáveres de animais para resistirem à decomposição e de os empalhar para que ganhem poses semelhantes às que tinham em vida.

(Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2023)

Apesar da apropriação do espaço natural, este nunca é totalmente eliminado. Observa-se, tanto em projetos arquitetónicos como em intervenções domésticas informais, uma tendência para replicar a Natureza, atribuindo-lhe o valor de um objeto, e não o de uma entidade viva — uma espécie de taxidermia figurada. Em vez de se integrar verdadeiramente o elemento natural, procura-se muitas vezes a sua representação simbólica ou estética. Por exemplo, prefere-se frequentemente o uso de plantas artificiais, que apenas simulam a presença da Natureza, evitando o compromisso do cuidado e da manutenção exigidos por plantas reais. Esta substituição revela uma postura que valoriza o estímulo visual imediato em detrimento de uma relação viva e contínua com o meio natural.

Os residentes da ilha, tal como os turistas que a visitam, deslumbram-se com as paisagens e a soberba presença natural que cobre as serras e se vai dissipando ao aproximar-se dos centros urbanos. O aumento da população, tal como o crescente interesse turístico na ilha,

contribuiu para o crescimento destes centros urbanos. O problema não reside na ocupação de mais território – afinal, o Parque Natural da Madeira cobre 2/3 da área da ilha (S.A., S/título, 2020) mas no facto da harmonização entre a Natureza e a Arquitetura, que devem ser conceitos simbióticos, não se verificar com este crescimento. A arquitetura torna-se um investimento por metro quadrado sem grande valorização da herança cultural do local, afastando o homem do espaço natural. A construção demonstra um desinteresse pelo contexto envolvente e pela beleza natural, relegando a natureza para o papel de uma realidade que apenas pode ser observada à distância, como um pano de fundo que cada vez menos se interlaça com o tecido urbano.

Um exemplo que ilustra este fenómeno é a “evolução” da casa típica madeirense. Outrora, esta estaria forrada de vinha e “pavimentada” de canteiros de flores, enquadrada na paisagem. Era dada verdadeira importância aos elementos naturais que se integravam na casa e os limites eram estabelecidos não por muros, mas por becos e balcões¹ onde a interação e o convívio entre as pessoas tinham um papel central. Atualmente estes valores não são aplicados e evita-se este tipo de intervenção. A arquitetura segue um género de modernismo sem substância, que destaca apenas a própria construção e as suas incoerências. É colocado um espaço ajardinado, com o objetivo de ocupar as áreas de afastamento obrigatório, onde a vegetação é fixada com uma organização geométrica, desvalorizando a beleza orgânica que outrora definia a ligação entre a casa e o ambiente.

A importância de integrar elementos naturais na arquitetura parte também dos benefícios que estes trazem, como a climatização, sombreamento sazonal e os produtos do cultivo. A nossa relação com o desenvolvimento e manutenção destes seres vivos faz parte da nossa biofilia.

A natureza não é decoração, é parte integrante do ecossistema arquitetónico.



Figura 6. "Vista do Funchal" - Johan Fredrik Eckersberg

¹ Este fenómeno ainda se verifica em algumas regiões da ilha onde o acesso às habitações eram feitos através de becos. Os donos construíam junto ao caminho balcões adornados de flores onde os residentes se juntavam para pôr a conversa em dia. (Mestre, 1997)



Figura 7. Entrada de uma habitação e latada tradicional madeirense. - Imagem do Autor



Figura 8. Zonas altas da Ribeira Brava – Autor Desconhecido

2.1.1 O abrigo e habitar

A Revolução Neolítica marcou o início de uma transição que viria a transformar o estilo de vida nómada predominante na história humana. A invenção da agricultura e a sua prática trouxeram ao indivíduo a possibilidade de se fixar num lugar. No passado, a apropriação de grutas e cavernas era o mais próximo que se podia considerar como abrigo. Apesar de essas formações naturais oferecerem proteção, a sua estrutura, moldada pela erosão, dificultava a manipulação do espaço para atender a todas as aspirações humanas. Assim, tornou-se indispensável a criação de lugares que proporcionassem condições de vida a longo prazo – espaços verdadeiramente habitáveis. (Mann, 2011)

Este conceito de habitabilidade foi-se alterando ao longo do tempo, acompanhando a evolução das necessidades humanas. Martin Heidegger interpreta o conceito de “habitar” para além da sua definição convencional. Num dicionário comum, encontramos a definição: "ter a sua residência em; morar; viver"². À primeira vista, esta definição parece completa, deixando pouco espaço para interpretação. Contudo, Heidegger explora as múltiplas camadas do que define algo como habitável e as ramificações que permitem classificar um espaço como abrigo.

A envolvente do local onde se habita faz parte integrante do conceito de abrigo. Este não é apenas o espaço que protege fisicamente, mas também aquele que oferece ao indivíduo a possibilidade de exercer a sua atividade profissional, de cultivar os seus interesses pessoais e de satisfazer as suas necessidades. É essa capacidade de permitir a permanência e o desenvolvimento que torna um espaço habitável.

Por outras palavras, a evolução do conceito de habitabilidade não responde apenas a necessidades práticas, mas também a motivações culturais, sociais e espirituais, que moldam a forma como indivíduos e comunidades interagem com o espaço. Neste sentido, é relevante introduzir o conceito de "habitat", que engloba tanto os espaços privados como os públicos em torno deles, reforçando o carácter holístico da habitabilidade. (Heidegger, 1951)

A arquitetura a mim parece-me ser a primeira medida da Terra. Não para abrigar ou proteger os homens das intempéries; para isso a caverna servia muito bem. Assim, habitamos espaços com proporções que dão sentido á escala do bairro e também á do mundo. As proporções que adotamos em uma casa são o início da relação com o mundo, e a qualidade de uma paisagem está ligada á qualidade da arquitectura que habitamos. (Petit, 1997)

² “Habitar”. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/habitar#google_vignette. Acesso em: 17 de jan. 2025.



Figura 9. "Pastor com rebanho de ovelhas na aldeia" – João Alves de Sá (1917)

Na área a intervir, questionamo-nos, porquê intervir? Onde intervir? Estas questões fazem-nos ser minuciosos e cirúrgicos na forma em como pensamos alterar o que durante anos se manteve como ainda hoje se encontra. Intervir é um ato de transformação consciente, que exige respeito pelas memórias e pela funcionalidade do espaço. No caso do Poço dos Chefes, a intervenção surge como uma oportunidade para reaproximar a comunidade de um local que, outrora, foi central no seu quotidiano, mas que se encontra hoje subaproveitado.

O conceito de habitar transforma-se em conjunto com o que podemos chamar de abrigo. Quando o abrigo não favorece as necessidades básicas, que vão progressivamente avançando para uma otimização das condições, o habitar torna-se cada vez mais inóspito (Saint-Maurice, 1987). Pensadores como Norberg-Schulz, defendem que habitar implica também criar um "espírito do lugar" (*spirit of place*)³, algo que vai além das necessidades básicas. Na freguesia, o tempo de sol diário era valioso para os trabalhadores, e o pouco tempo adicional nos meses de Verão para utilização lúdica teria de ser aproveitado ao máximo. Não tendo acesso direto ao mar, e sendo uma viagem à "cidade" dispendiosa e longa, teriam de se sujeitar às oportunidades que tinham. No âmbito balnear, a resposta eram os poços que se construía no leito da Ribeira dos Socorridos e Ribeira do Cidrão. Atualmente, apesar do povo continuar a priorizar os valores de trabalhador árduo, as melhoradas condições sociais e económicas permitem que as pessoas tenham mais tempo livre. Também a atual existência de infraestruturas e de acessibilidades aos centros urbanos vem mudar esta imagem do Poço dos Chefes de "última bolacha do pacote". A grande afluência de visitantes, mesmo fora da época dita "balnear", deve-se muito à sua imagem

³ Norberg-Schulz em *Genius Loci – Towards a Phenomenology of Architecture*. p.5 "A place is a space which has a distinct character. Since ancient times the genius loci, "spirit of place", has been recognized as of art which "represent life-situations" within man and his environment. The concrete reality man has to face and come to terms within his daily life."

natural, à vegetação abundante, às grandes rochas, ao vale e à água cristalina. No entanto o charme da sua natureza vale-lhe pouco para a sua utilização, o que o distancia cada vez mais da freguesia e do seu povo. A dificuldade de deslocação, a falta de infraestruturas de apoio e de espaços para outras atividades fora do espetro balnear, fazem com que o tempo de permanência no local seja curto e que, como já acontecera antes, caia no esquecimento.

2.1.2 Cultura e Memória

Nós, humanos, como ser pensantes, temos a capacidade de recorrer à imaginação para montar acontecimentos com base em fragmentos de outros acontecimentos, histórias e experiências, a que nos expomos. Não poderíamos replicar um acontecimento sem auxílio da experiência, nem tão pouco da memória. Algum tipo de incremento tem de acontecer. Imaginemos a primeira patente de um veículo a combustão, desenvolvida por Karl Benz e apresentada ao mundo em 1885, a Benz Patent-Motorwagen. Esta foi uma peça crucial no desenvolvimento da sociedade atual e que nos dias de hoje a única referência possível que podemos ter deste monumento da engenharia automotiva é a sua contemplação no estado estático, no entanto este objeto tem como principal função o movimento e associado a esta toda uma parafernália de mecânica que produz som, vibrações e cheiros.

Podemos criar memórias através apenas da nossa capacidade de imaginação, em que o único estímulo sensorial que tivemos cinge-se apenas ao espectro visual? Como podemos criar a memória de um prato de que apenas saboreamos a confeção? Como podemos relembrar um êxito musical através de uma pauta? Como sentiríamos o cheiro a pinho apenas observando um pinhal? Como criámos memórias sem que participemos ativamente nelas? A experiência torna-se mais rica quando se preenche todas as dimensões sensoriais.

Onde já se criaram memórias, pretende-se que se possam criar outras, conectando-as com a cultura local, remetendo o espaço para o que representava quando intocado e simultaneamente tornando-o adequado para a circunstância contemporânea. Procura-se criar condições para atividades que fomentem a partilha de conhecimento, onde o utilizador possa experienciar a cultura madeirense da freguesia do Curral das Freiras, e abrir novas oportunidades para que se possam produzir novas memórias ao mesmo tempo que se revivem as antigas. Imagina-se um local que progrida com o tempo apoiando-se nas tradições.



Figura 10. Riverbed - Olafur Eliasson (2014)

2.1.3 A Natureza

Ainda que vivamos longe do que outrora foi o nosso planeta intocado, onde éramos entidades passageiras e onde apenas as leis do universo e da física regiam a nossa realidade, o nosso código genético ainda transporta a importância do espaço natural nas nossas vivências diárias.

A artificialidade, porém, tem frequentemente desafiado essa relação. Um exemplo disso é a modernização da produção alimentar a partir do século XX. A “revolução verde” deixou de obedecer aos ciclos naturais para responder à crescente demanda de uma população global e acabar com a crise alimentar do pós 2ª Guerra Mundial. Os métodos de produção comuns deixaram de dar resposta e entraram em cena os aditivos alimentares, eliminando pragas, mas tornando-as mais fortes, acelerando o processo de crescimento de animais, mas de forma descompensada. A globalização da alimentação mundial vem trazer um mercado de nicho para a venda em massa. (Ferreira, 2024) Comemos abacate em todo o mundo, e morangos no inverno. Atualmente vivemos numa realidade distópica onde observamos o mundo através de um daltonismo autoinfligido que nos força a assumir uma realidade aparente ainda que saibamos que é distorcida.

Este fenómeno, embora aparentemente distante, reflete-se em muitas outras áreas, incluindo a arquitetura. À semelhança da alimentação, onde se valoriza mais as aparências e conveniências que a autenticidade, a arquitetura contemporânea muitas vezes esquece a sua ligação essencial com o contexto natural. Nos nossos projetos, somos convidados a recriar, adaptar e domesticar a paisagem natural, frequentemente de forma artificial e isolada, em vez de reconhecer a natureza como um elemento ativo e simbiótico no processo de construção.



Figura 11. Sem título. - Katrien Blauwer (2017)

Porém, no caso do Poço dos Chefes, temos um privilégio raro: a oportunidade de interagir com um ambiente natural quase intocado. Não precisamos de recriar a natureza; apenas de adaptá-la de forma respeitosa às necessidades do ser humano moderno. A arquitetura, nesse contexto, deve funcionar como uma ponte simbólica e funcional entre o homem contemporâneo e a paisagem natural, equilibrando as suas necessidades práticas com a preservação das suas origens.

3. Turismo

A procura por novos territórios sempre foi intrínseca ao ser humano. Desde a era dos descobrimentos, das expedições aos polos magnéticos da terra, das viagens às profundezas do oceano e aos tetos do mundo e para além disso, procura-se o conhecimento, algo novo, ou entender os limites da nossa raça. Os *Grand Tours*, destinados aos aristocratas britânicos e outras elites europeias antecederam o turismo que atualmente é praticado. Ainda que reservado aos mais privilegiados, as motivações por detrás desta prática ainda se refletem no público atual. A sede de conhecimento, a vontade de conhecer novas culturas e explorar novos territórios são transversais a ambas as épocas.



Figura 12. Sir Edmund Hillary e Tenzing Norgay na primeira ascensão ao Monte Everest

Os *Grand Tours* não eram meras viagens de lazer, mas sim verdadeiros percursos educativos, pensados para complementar a formação académica e cultural da elite europeia. Jovens aristocratas percorriam cidades como Paris, Veneza, Roma e Florença, ou até Atenas e alguns locais do médio Oriente, normalmente acompanhados de um tutor, explorando as ruínas clássicas, aprendendo com artistas renomados e aprofundando seus conhecimentos em

literatura, história e filosofia. Essa experiência permitia não apenas a absorção de saberes, mas também a construção de redes de contatos. Em muitos aspectos, essa tradição ecoa nos dias de hoje, quando o turismo cultural e acadêmico continua sendo uma forma de crescimento pessoal e intelectual. A grande diferença é que, ao contrário do passado, viajar deixou de ser privilégio exclusivo da nobreza e tornou-se acessível a uma parcela muito maior da população. (Simmonds, 2017)



Figura 13. Giovanni Paolo Pannini - Picture Gallery with Views of Modern Rome (1757)

Atualmente, os riscos foram retirados da equação e viaja-se no conforto de uma comutação diária. Ainda que não se viva o risco como noutros tempos, experienciar novas culturas, povos e lugares é entusiasmante e enriquecedor por si mesmo. A facilidade em viajar atualmente permite a qualquer um explorar o mundo e abrir novas rotas de intercâmbio cultural. Ainda que isso seja muito positivo em termos económicos, tem-se registado algum descontentamento por parte dos governos e residentes dos lugares mais visitados.

Cidades como Veneza sentem isto já há alguns anos, vendo intensificar-se o número de visitantes no período pós-Covid, com consequências irreparáveis. Algumas cidades foram sentindo um crescimento mais recente, como é o caso de Bologna. Num artigo para o New York Times, Ilaria Maria Sala, natural de Bologna, escreve como as redes sociais e os voos low-cost mudaram o quotidiano da cidade. Refere que, com o aumento de visitantes, grandes empresas tomaram conta das antigas livrarias do centro histórico, para venderem produtos “típicos” e usar a imagem da cidade para proveito próprio.

Numa perspetiva mais pessoal, em visita a Roma, encontro-me na Piazza di Spagna, palco da famosa Scalinata di Trinità dei Monti. Esta belíssima escadaria que une a Igreja da Santissima Trinità dei Monti à Piazza di Spagna numa cota mais baixa, através de 135 degraus, é das mais famosas atrações turísticas da cidade. A disposição dos edifícios e a amplitude da escadaria lembram um teatro e o jorrar da água do chafariz e a comoção das pessoas que

percorrem a praça, o espetáculo. Enquanto observo a escadaria, uma senhora senta-se sozinha, a apreciar a praça talvez, quando repentinamente quebra-se o ritmo calmo do ecoar dos sapatos na calçada e o chapinhar da água no chafariz por um som estridente de um apito. Um guarda soprava esse apito e mandava à senhora que se levantasse. Notavelmente surpreendido pelo sucedido, aproxima-se um local e esclarece-me. Atualmente, devido ao imenso fluxo turístico e à degradação causada por este, não nos é permitido permanecer na escadaria, e sentar pode resultar numa elevada coima.

Esta medida não é apenas uma resposta prática à preservação do local, mas também um reflexo de um desafio cultural mais amplo: o turismo vindo de realidades socioculturais diversas muitas vezes encontra dificuldade em interpretar os limites implícitos que um lugar carrega. Em Miami, é comum andar de fato de banho nas ruas, enquanto no Dubai tal prática seria um desrespeito aos valores locais. Da mesma forma, o comportamento desatento de muitos turistas em locais emblemáticos, como a Scalinata di Trinità dei Monti, revela uma falta de compreensão ou consideração pela delicadeza de tais espaços. Lugares como este transcendem a funcionalidade arquitetônica; são um símbolo do patrimônio histórico e cultural, cuja integridade depende tanto da sua preservação física quanto do respeito simbólico que lhes é atribuído. Quando a experiência turística não reconhece esses valores, o espaço perde parte de sua essência, transformando-se em uma mera peça de fundo para o consumo fotográfico. Pegamos num emblemático monumento arquitetônico e aplicamos leis rodoviárias, reduzindo-o a um simples acesso pedonal ou plano de fundo de uma foto.

Constata-se que o excesso de turismo não apenas sobrecarrega a infraestrutura urbana, mas também transforma os espaços em cenários, fragmentando o tecido social e comprometendo a autenticidade cultural. A conexão entre o turista e a essência do local perde-se quando a experiência se torna superficial, alimentada por redes sociais e consumismo. Se o turismo é, de facto, uma ponte cultural, é fundamental que ele seja praticado com consciência e equilíbrio, para que o ecossistema social e cultural das cidades não seja corroído em nome do espetáculo.



Figura 14. Scalinata di Trinità dei Monti - Erich Andres (1954)

3.1. Turismo na Madeira

Durante os séculos XV e XVI a ilha da Madeira tornou-se um dos maiores produtores de açúcar. Este fenómeno advém de uma baixa de imposto substancial sobre a produção do “Ouro Branco” pelo Infante D. Fernando, colocando a Madeira nas principais rotas de comércio da Europa e influenciando o seu estado tanto económico como cultural. Era uma escala obrigatória na viagem para o Novo Mundo, fundamental para exploração fora da Europa (Vieira A. , A História do turismo na Madeira, 2008). Não se pode catalogar esta afluência de gentes da Europa como turismo, mas decerto que é uma forma de desvendar a beleza e todas as suas virtudes da ilha ao mundo. No entanto, esta riqueza repentina apaga um pouco da história dos primórdios da cidade do Funchal, cujo berço, o povoado de Santa Maria do Calhau, foi em tempos a casa dos artesãos e dos trabalhadores de ofícios. A riqueza proveniente da indústria do açúcar vem criar uma divisão social e económica cujo resultado afeta a cidade, que foi sendo modificada com mira a sustentar esta indústria e os seus empreendedores, enquanto os restantes permaneciam no esquecimento (Aragão, 1987). Por outro lado, a imigração trouxe consigo artesãos das terras belgas da Flandres e da Alemanha que contribuíram para um dos maiores acervos nacionais de arte flamenga, desde tábuas a retábulos e pinturas, muitos dos quais ainda se encontram no seu local de implantação como na Igreja Matriz de Machico (Carita, 1989).



Figura 15. Bomboteiros⁴ e rapazes da mergulhança⁵ – Foto Figueiras

Já num panorama mais contemporâneo, o turismo terapêutico pode ser visto como um predecessor do atual turismo da ilha. Doentes de tuberculose vinham para a ilha na esperança de curar-se num ambiente que os naturalistas chamavam de sanatório natural. Grande parte deste turismo provinha do norte da Europa, e procurava o clima subtropical da região para se curar. Durante o primeiro quarto do século XIX, esta afluência aumenta, especialmente por parte dos ingleses que, devido às invasões napoleónicas, se veem forçados a procurar um destino terapêutico alternativo às costas mediterrânicas da Grécia, Itália e França (Matos, 2022). É deste período o surgimento de várias obras literárias que descreveriam as características da ilha. Entre o séc. XIX e o início do sec. XX, vários autores, em visita à ilha, descrevem desde a vivência entre os locais até à caracterização detalhada do clima. Um deles, John Diver, redige o livro *Letters from Madeira*, com base em cartas que escrevia para conhecidos seus, a informar a melhor forma de se deslocar, onde ficar hospedado, custo de vida...compondo o que se chama de um guia turístico da ilha. Andrew Pickens em *Madeira Ilustrada* compõe uma das mais completas descrições da ilha, considerada “*de longe a mais bem-sucedida tentativa*”⁶. Enquanto o mundo se industrializava, a ilha vivia uma pacatez de terra do interior, onde as máquinas ainda não lavravam a terra e onde céu azul é apenas manchado pelos rebanhos de nuvens passageiras. Com a chegada de mais doentes, nas periferias do Funchal são utilizadas as quintas e hotéis como residência terapêutica. A razão para tal recai sobre a localização que favorecia a fruição do clima, as tipologias que permitiam uma visita prolongada do doente e da sua família, e os vastos jardins amuralhados que permitiam que pudessem permanecer em contacto com exterior num ambiente controlado e salubre. (Aragão, 1987)

⁴ Dava-se o nome de “bomboteiros” àqueles que levavam peças de artesanato em “bombotes” para vender aos turistas nos grandes paquetes.

⁵ A “mergulhança” era uma atividade praticada pelos mais jovens que consistia em mergulharem junto aos navios ancorados de forma a receberem recompensas dos turistas que assistiam.

⁶ Sir James Clark, *The Sanative Influence of Climate*, 4th ed., London, John Murray, John Churchill, 1846, pp. 290

A presença britânica na ilha influenciou toda a sua cultura artística, arquitetónica e até linguística. Este fenómeno continua a acontecer atualmente devido ao turismo em geral, mas de uma forma negativa. Ao contrário do que ocorreu com os nossos antepassados, atualmente estamos perante uma descaracterização cultural e social, algo que vem a acontecer por obra dos nativos.

O elevado lucro obtido pela exploração do setor turístico vem aliciar donos de terrenos e empreendedores ambiciosos a construir alojamentos para um mercado que não é local, o que por sua vez prejudica a vivência dos locais, descaracterizando a identidade morfológica, arquitetónica e social da ilha.

3.1.1 Reflexão

Um dos charmes da Ilha da Madeira, para além do clima, é a natureza vibrante que cobre toda a ilha, e as conseqüentes paisagens. No passado, estas características atraíam o turista sénior abastado que procurava a beleza, sol e sossego insular. Construíram-se hotéis ao longo da costa, como se pode constatar na zona do Lido, alterando a sua silhueta para acomodar os turistas que procuravam o bom tempo e o mar. Atualmente a acessibilidade dos transportes aéreos possibilita que os mais jovens também possam viajar para a ilha, o que abre novas portas de atividades que se estendem desde a costa às serras. À medida que esta afluência foi crescendo, justificou-se criar melhores infraestruturas que acomodassem os turistas e os seus costumes.

Durante o ano de 2019 registaram-se cerca de 7,4 milhões de visitantes durante todo o ano, número que baixou significativamente durante o ano de 2020 devido à pandemia do Sars-COV19, que implodiu o volume turístico em todo o mundo e que, na Madeira, reduziu o número de visitantes para 2,9 milhões. No entanto esta descida serviu rampa de descolagem para os anos seguintes, como o de 2023, atingirem recordes de dormidas em toda a ilha.

A crescente afluência de turistas e os seus diferentes tipos de turismo espalham-se pela ilha. Seja para o turismo de sol e praia, rural ou de aventura, os locais procuram dar resposta à procura de alojamento, adaptando antigas moradias e pequenos palheiros, ou até construindo de raiz. Como já foi referido, em algumas situações vai-se perdendo património por causa destas intervenções. Transformam-se habitações em alojamentos locais, pondo de parte os valores culturais em favor da margem de lucro. Para além da sua imagem, o crescimento turístico vai afetando o quotidiano dos madeirenses. Atividades lúdicas como as levadas, onde o utilizador procura o sossego das serras e o distanciamento da civilização, encontram-se com filas de pessoas, lixo espalhado e restrições de utilização, um fenómeno que se alastra por toda a ilha. Habitações e terrenos onde se plantavam bananeiras e cana-de-açúcar vão sendo adquiridas por investidores privados ou estrangeiros, substituindo os moradores por visitantes sazonais e retirando uma parte fundamental do carácter do local - os seus residentes.

De forma a ilustrar este conceito, imaginemos uma pequena vila piscatória, que subsiste maioritariamente da pesca e que possui infraestruturas adequadas para essa atividade. Proponho então um mercado, onde se processa e vende o peixe, um cais, casas para os

pescadores, e situemos essas infraestruturas na famosa Riviera Italiana. A pitoresca paisagem, o mar da Ligúria com os seus barcos, a humilde, mas característica, arquitetura local e o seu povo, evocam uma visão romantizada do estilo de vida desse lugar. À medida que o turismo cresce, as casas são compradas por visitantes em busca de experiências autênticas, mas acabam por desalojar os pescadores. Sem eles, a prática da pesca desaparece, tornando o cais e o mercado obsoletos. O que resta não é mais uma vila piscatória, mas um cenário estéril que representa apenas uma memória romantizada de seu passado.



Figura 16. Man Eating His Own Chest. Dana Schutz (2005)

Esta analogia aplica-se à Madeira. O turismo traz benefícios económicos inquestionáveis, mas a sua expansão descontrolada corre o risco de tornar a ilha inóspita para seus próprios habitantes e, ainda mais grave, de apagar sua identidade cultural. Como conciliar o desenvolvimento turístico com a preservação do que torna a ilha única? É uma questão que exige reflexão e ação, para que a Madeira não se torne um 'genius loci' sem alma, mas sim um lugar onde tanto visitantes quanto residentes possam prosperar em harmonia.

4.Território

4.1. Ilha da Madeira

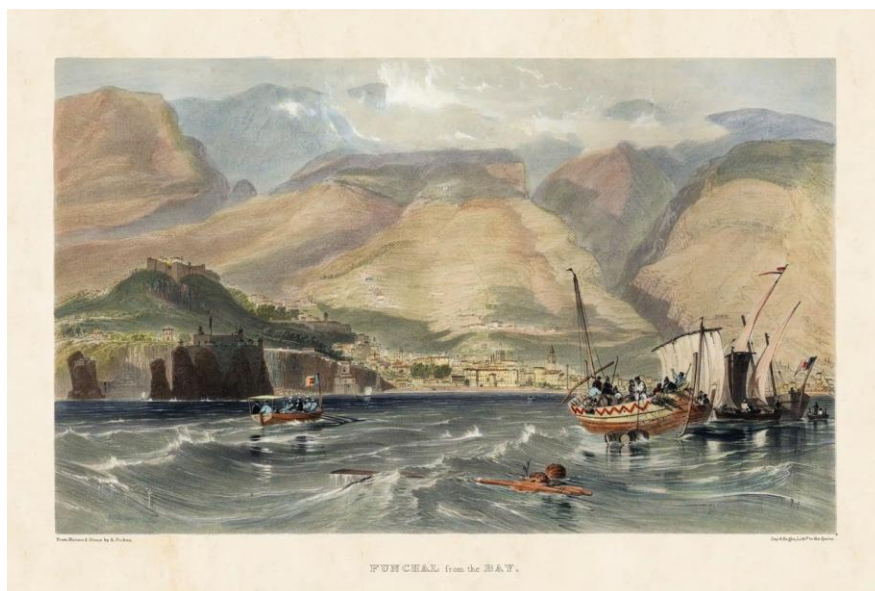


Figura 17. "Baía do Funchal" - Litografia por Andrew Pickens.

A Ilha da Madeira está localizada no Oceano Atlântico, 530 milhas náuticas a sudoeste do continente português, ficando mais próxima do continente africano. Por conta da sua localização, faz parte de um grupo de arquipélagos conhecido como Macaronésia, que em grego significa "ilhas afortunadas". Este grupo inclui os arquipélagos da Madeira, dos Açores, de Cabo Verde e das Canárias, que compartilham essa designação devido às suas condições climáticas, consistentemente amenas ao longo de todo o ano.

Em 1418, durante uma viagem comandada pelo Infante D. Henrique, com o objetivo de dobrar e explorar além do Cabo Bojador, Tristão Vaz Teixeira e João Gonçalves Zarco foram surpreendidos por uma tempestade que os desviou da rota original, levando-os à ainda não cartografada ilha de Porto Santo. No ano seguinte, em 1419, descobriram a Ilha da Madeira, a apenas 41 milhas de distância. Na época da descoberta, a ilha estava coberta por uma densa floresta que se estendia desde os íngremes picos até à costa, apenas interrompida pelas águas cristalinas das ribeiras e por fajãs, que mais tarde se tornariam povoados.

A colonização da ilha teve início por volta de 1425, concentrando-se primeiramente onde hoje se localiza a capital, o Funchal. Esta região tornou-se o epicentro de diversas atividades, como as exportações de açúcar e vinho, além da chegada constante de navios mercantes que usavam a baía do Funchal como ponto de abastecimento. A fertilidade do solo não se refletia apenas na prosperidade das exportações, mas também na exuberância da flora, que tingia a superfície do Atlântico com as suas cores vibrantes. As paisagens moldadas pelos vales profundos e as grandes montanhas desenhavam as silhuetas que cativaram viajantes a escreverem sobre a sua visita e sobre as suas gentes.

4.2. Curral das Freiras



Figura 18. . Kurrall - Johan-Fredrik Eckersberg (1853)

O Curral das Freiras é uma freguesia pertencente ao município de Câmara de Lobos, situada no centro da ilha e circundada por encostas, ao contrário do resto do município que é maioritariamente litoral.

Devido à sua morfologia, caracterizada pelas extensas e grandes escarpas, e ao seu uso para pastagens este local era denominado de Curral ou Curral da Serra, em 1420, no princípio da colonização da ilha da Madeira.

João Gonçalves da Câmara, 2º Capitão donatário do Funchal e filho do João Gonçalves Zarco, mandou edificar o convento de Santa Clara, no Funchal. Suas filhas Elvira e Joana entram como noviças nesta nova instituição, e por isso decide favorecer este convento com meios de subsistência. Desta forma, em conjunto com outras ofertas, doa a propriedade do Curral, que passa a denominar-se Curral das Freiras.

Em 1784, o Convento de Santa Clara cede um pedaço de terra à diocese do Funchal para construir uma igreja no Curral das Freiras. O bispado, em honra à Nossa Senhora do Livramento, vai permitir que, em 1790, a localidade adquira o estatuto de paróquia independente.

Nos dias de hoje encontramos uma freguesia que subsiste de negócios locais, que dependem dos populares e dos turistas que visitam a freguesia pelas suas vistas, gastronomia, tradições locais e beleza natural. A freguesia é algo pacata, e poucas atividades acontecem. Os poucos jovens residentes procuram trabalho no concelho mais próximo (Funchal). Uma das

grandes vantagens do Curral das Freiras é a sua, recente, proximidade do Funchal, graças ao túnel rodoviário construído em 2004. Antes, devido a morfologia da ilha, o acesso à freguesia era moroso, porém belo, pois a estrada tinha de contornar todas as escarpas até chegar ao fundo do vale, oferecendo uma das viagens mais cénicas na ilha. Até então, quem já lá tinha construído uma vida aceitava este estilo de vida pacato e limitado, no entanto a localidade não prosperava e não se viam grandes progressos nem investimentos. Os mais jovens procuravam outro lar com mais oportunidades (Saint-Maurice, 1987).



Figura 19. Habitação secular, Curral das Freiras - Imagem de Autor

4.3. O Campo e a Cidade



Figura 20. Campo da Bica – Imagem do autor

Para além das peculiaridades que diferenciam a freguesia da restante ilha, o próprio percurso de acesso assinala a sua posição geográfica como se de outra região do mundo se tratasse. Apesar de pertencer ao concelho de Câmara de Lobos, o único acesso automóvel ao Curral das Freiras parte da cidade do Funchal, mais concretamente da freguesia de Santo António. Este percurso parte dos arredores de Santo António onde existe uma grande concentração habitacional com múltiplos acessos que convergem numa só estrada em direção ao Curral das Freiras.



Figura 21. Última paragem de autocarro que conecta Santo António à freguesia do Curral. Ao fundo os picos que cercam o Curral das Freiras. - Imagem do autor

O caminho sinuoso é delineado pelas formações rochosas cobertas de vegetação que nos vão afastando da cidade. O caminho segue por um vale que, à medida que se avança, nos vai fechando por entre ele e onde as poucas casas que vão surgindo, progressivamente, vão apresentando características que diferem do habitual, antecipando uma mudança de realidade. A estrada segue por outro rumo quando as duas vertentes se intercetam, continuando a subir pelo contorno das montanhas vertiginosas. A vista para os vales acompanha-nos por entre troncos de eucalipto cujo cheiro se vai dissolvendo com o ar rarefeito e frio habitual das zonas altas. Neste ponto do percurso já não se veem quaisquer vestígios de casas ou outro qualquer tipo de construção para além da estrada. À medida que vamos percorrendo o caminho, apenas um par de fogareiros dentro de furnas surgem no resto do percurso, acompanhados de um eventual grupo de pessoas. Ao fim da estrada, uma bifurcação: um caminho leva-nos a continuar a contornar a montanha que nos levaria à antiga estrada que outrora dava acesso ao Curral das Freiras; o outro dirige-nos a um túnel que perfura a montanha e nos transporta para o Curral das Freiras. A única opção será seguir pelo túnel que se prolonga em linha reta durante uns largos 5 minutos. À saída o panorama muda, a monumentalidade das montanhas ganha outra escala. O recorte das mesmas desenha um céu azul devido á cordilheira que bloqueia a passagem das nuvens. Sentimo-nos pequenos e esta já pequena freguesia torna-se mais

pequena. Apesar do antigo percurso oferecer um ponto de vista mais cénico, em que se vislumbra o curral a partir de pontos altos, o túnel tem a capacidade de nos teletransportar de uma realidade para o centro de outra.



Figura 22. Estrada regional 107. - Imagem do autor

As construções têm um estilo próprio, desde as fundações implantadas em terrenos com grandes inclinações, devido á morfologia do leito do vale, até às hortas que alimentam os lares, designados “poios”⁷. À medida que percorremos a zona das Casas Próximas, a paisagem vai demonstrando um certo “improvisado” ocupacional, consequência da necessidade. Veem-se casas onde não se veem estradas, e vê-se gente onde não se vê caminho. Uma dinâmica pacata predomina, as pessoas caminham, não correm, e os carros que circulam conhecem-se pela matrícula. O Curral das Freiras não se deixa contaminar pela algazarra exterior, sabe-se para onde se vai e de onde se veio.

⁷ “Um poio, na Madeira, é a designação dada aos socacos existentes nas encostas. Atualmente constituem-se como uma imagem de marca da intervenção do homem na paisagem madeirense. Foram escavados nas encostas para a contenção das terras e implementação de culturas agrícolas, devido à orografia da ilha. A sua origem remonta ao início do povoamento da Madeira no Séc. XV.” (S.A., Sabe o que é um poio?, s.d.)



Figura 23. Curral das Freiras – Imagem do autor

No início, talvez apenas por um momento as árvores e rochas tornam-se discerníveis em várias profundidades, sendo que, em seguida, são novamente envolvidas na penumbra; em breve, tornar-se-ão cada vez mais claras e firmemente visíveis; seguidamente, um raio de sol penetra o vapor ondulante, iluminando a distante igreja ou casebres; e, gradualmente, o córrego prateado é visto meandrando no fundo do vale, e uma inundação de gloriosa luz derrama sobre as rochas, árvores, cascatas e todas as variadas maravilhas abaixo, de tal forma que o abismo nebuloso de escuridão e mistério muda, diante dos olhos do viajante, para um cenário de incomparável beleza e grandiosidade

(Pickens, 2022)

4.4 Curral das Freiras, seu território e tradições.

A freguesia do Curral das Freiras divide-se em diversas sub-regiões, distribuídas pelo terreno montanhoso que caracteriza a sua paisagem. A área é composta por localidades ao sul, como Casas Próximas, Achada, Murteira, Capela, Balseiras, Terra Chã, Corticeiras e Curral de Baixo, e ao norte, como o Colmeal e a Fajã Escura. Essas regiões são nomeadas com base nas suas características geográficas, na vegetação local, em monumentos e em outros marcos do quotidiano.

Embora toda a freguesia possua habitações e áreas agrícolas, o sítio das Casas Próximas é o centro da atividade. Aqui, em 1790, foi construída a Igreja de Nossa Senhora do Livramento, que permanece até hoje, junto com o cemitério, ambos com vistas privilegiadas para o vale. A freguesia conta com diversos serviços e infraestruturas concentrados nas Casas Próximas, incluindo farmácia, serviços de emergência, minimercados, restaurantes, cafés, escola, piscina pública e o Museu da Castanha, além de praças, parques infantis e outros espaços culturais. Devido à dimensão demográfica, é mais prático que os serviços se concentrem nesta área, garantindo o fácil acesso para todos.



Figura 24. Habitação no centro do Curral das Freiras. Em cima a estalagem da Eira do Serrado. – Imagem do autor

O sítio das Casas Próximas, localizado a 635 metros de altitude, é o ponto mais elevado da freguesia. A partir daqui as estradas descem com uma acentuada inclinação para outras sub-

regiões, que variam entre pequenas planícies, como a Capela, e encostas e margens de ribeiros, como nas Balseiras. No leito do ribeiro, 200 metros abaixo do sítio das Casas Próximas, situa-se o Poço dos Chefes, na Capela, que é um ponto de encontro popular entre os habitantes de todas as sub-regiões, especialmente durante o verão. A falta de uma zona balnear natural na área faz deste local, cercado pela vegetação e pela tranquilidade, uma atração importante.



Figura 25. Casa no Curral das Freiras com laranjeira em primeiro plano. – Imagem do autor

Nos meses de verão, toda a ilha é animada por festas religiosas e gastronómicas que ocupam os fins de semana da população, tanto em atividades de organização como na participação. As festas religiosas continuam a ser momentos aguardados, em que a comunidade se reúne para celebrar e se encontrar com familiares e amigos. Essas festividades são fundamentais para fortalecer os laços comunitários, como demonstram as visitas do Divino Espírito Santo, que duram três meses. Durante este período, um grupo de religiosos, vestidos de encarnado e acompanhados de insígnias, músicas e instrumentos, percorre a freguesia a pé, visitando as casas que os recebem com comida, bebida e oferendas, em troca de bênçãos para o lar e para os seus moradores.



Figura 26. Espírito Santo em visita.

Para além dos festejos sazonais, outros pontos de interesse e atividades ao ar livre fazem parte das atrações da freguesia. Entre estas estão passeios pedestres que seguem paralelamente a antigas habitações centenárias por entre socalcos, como o roteiro do Pico e Lapa Branca, e até caminhos que nos levam a outras partes da ilha, acompanhados de vistas arrebatadoras, como a Vereda do Urzal.



Figura 27. Vereda do Urzal;

O seu rico património natural, o seu povo humilde e tradições animadas mostram mais sobre esta freguesia do que apenas os seus miradouros desvendam.

5. O Poço



Figura 28. Estudo do local. – Imagem do autor

O poço dos chefes, tal como outros poços, foi parte integrante da vida de muitos residentes da freguesia do Curral das Freiras. Grande parte dos residentes subsistia da agricultura e apoiava as suas necessidades de recursos hídricos nos poços. Estes poços também eram usados durante as estações mais quentes como praia fluvial, pois a deslocação para as

freguesias litorais da ilha era dispendiosa e morosa. Estes entraves tornam estes poços algo muito valioso tanto para os jovens como para a classe trabalhadora.

Atualmente encontramos uma freguesia que ainda trabalha na agricultura, mas que, nas duas últimas décadas, viu acontecer grandes mudanças. As grandes escarpas deixaram de ser uma barreira para o mundo externo, e os outrora únicos trajetos pedonais que ligavam a freguesia ao exterior, são agora percorridos por lazer, dada a beleza do cenário. Tal como estas novas atrações, a popularização mediática do Poço dos Chefes em 2017 vem trazer atenção para a freguesia.

Apesar da atual facilidade com que os locais se podem deslocar para outros destinos balneares, este espaço ainda é valorizado por eles, não só pela sua acessibilidade, mas também pelo companheirismo, porque é onde se juntam várias gerações de famílias e amigos para a sua construção, usufruto e desconstrução.



Figura 29. Banhista mergulha no poço. – Nuno Gonçalves

5.1. O lugar e a paisagem

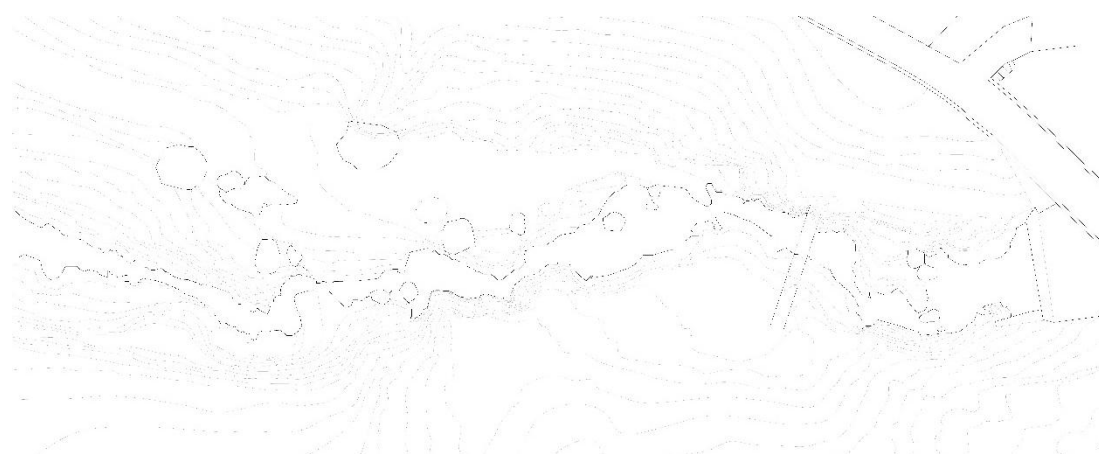


Figura 30. Planta topográfica da área de intervenção – Imagem do autor

O vale encontra-se no leito da Ribeira dos Socorridos, que nasce no Pico das Torrinhas, percorrendo toda a freguesia do Curral das Freiras até desaguar no oceano Atlântico, a Sul, em Câmara de Lobos. A ribeira delinea o vale da freguesia e onde se situa o Poço dos chefes.

Apesar da zona do Poço ser usada como espaço balnear e de cultivo, só encontramos 2 referências à intervenção humana: as escadas e a ponte. A restante paisagem é quase intocada, algo que nos é constantemente lembrado pelo pavimento acidentado. Canavieiras crescem junto das rochas, subjugando-as à sua presença. Pimpineleiras e algumas bananeiras avistam-se ao alto, juntamente com várias espécies de arbustos, tal como o silvado, que tomam conta das áreas que não são percorridas. A rocha delimita as margens da ribeira. O leito do ribeiro ziguezagueia pelo vale enquanto as escarpas se elevam, preenchendo o céu. As montanhas surgem umas por trás das outras, formando uma penumbra entre elas, adicionando misticismo à paisagem verdejante. A densa vegetação cobre o cenário desde a margem do ribeiro ao topo das montanhas, sendo recortada apenas pela luz refletida nas rochas e na água. Por entre canavieiras, loureiros e acácias, emergem alguns poios iluminados pelo sol alto, onde algumas bananeiras se fazem conhecer pela sua folhagem distinta. A corrente empurra a água vale abaixo embatendo contra as rochas levemente borbulhando. As diferentes escalas do vale vão escondendo riachos, poços e desfiladeiros que vão perpetuando uma sensação de território inexplorado.



Figura 31. Mergulhos com a paisagem de fundo. – Nuno Gonçalves

5.2. Clima

Tal como a própria freguesia, o clima do Curral das Freiras é refém da sua orografia. Dependendo do dia encontramos um céu cinzento ou azul. A amplitude solar é pequena, mas os dias de verão são quentes. A exposição solar é a mais reduzida na ilha devido as montanhas circundantes, onde o primeiro vislumbre do sol se dá apenas perto das 10h da manhã mantendo-se até às 18h.

Apesar temperatura da média rondar os 15,8 Cº durante o ano, ela ronda os 19 Cº durante os meses de verão, uma vez que grande parte da exposição solar ocorre durante as horas de maior temperatura, o que vem exponenciar a sensação de calor, uma vez que não há progressão solar como nas zonas costeiras.

Em dias de nebulosidade nas zonas costeiras podemos encontrar no Curral das Freiras uma clareira na imensidão de nuvens devidos às escarpas que bloqueiam a sua passagem.

5.1.2 Exposição solar

Apesar de no solstício de Verão os dias na ilha se estenderem até às 22h, o Curral das Freiras não tem uma exposição solar direta duradoura, mas é intensa.

A área em estudo usufrui de aproximadamente 4h30 de luz direta durante o solstício de Inverno que aumenta para 7h no solstício de Verão. Apesar de não serem números elevados,

esta região detém uma particularidade: enquanto regiões planas ou litorais testemunham o emergir do sol a partir da linha do horizonte, e sofrem uma transição progressiva, no Curral esta aclimatização dá-se repentinamente. A linha do horizonte de onde surgem os primeiros raios de sol são as cordilheiras montanhosas onde a primeira incidência solar acontece já com uma inclinação de 110 graus, entre as 9h e as 10h. O orvalho pousado na densa vegetação que cobre o vale inicia um processo de evaporação intenso, o que se faz sentir na humidade do ar. Durante o dia, a incidência vai aumentando até ao ponto em que sol está mais alto, quando se sente mais calor mesmo em dias de inverno. E da mesma forma que surge, este desaparece por detrás das montanhas deixando o vale prematuramente em sombra, a arrefecer. (S.A., Shadow Map, 2024)

5.3 Processo construtivo



Figura 32. A ribeira interrompida pela barragem. - Imagem do autor

Os dias são quentes nos meses de Verão, e aproveita-se as primeiras horas do dia quando o sol ainda se levanta por detrás das montanhas, para carregar o material da estrada até ao Poço. Os voluntários avistam-se a caminhar em direção à ponte enquanto se espera que chegue o transporte com os materiais. Este transporte, que para mim era desconhecido, tal como a carga que nele viajava, avista-se na estrada e aproxima-se. Surpreendendo-me por ser uma carrinha tribasculante, antecipando uma carga de transporte pesada e de grandes dimensões.

Após o veículo parar, tivemos oportunidade de ver o que guardava a sua báscula. Pontes, painéis, metlicos, cofragens metálicas, um gerador, uma máquina de soldar, caixas de

elétrodos. Uma grande quantidade de materiais pesados de grande porte para transportar. Rapidamente fez-se uma seleção dos primeiros materiais a seguir para o local de montagem do poço. Tudo colocado às costas, seguimos pelo grande lanço de escadas, que de todo o trajeto é a parte que mais suscetível de acidentes devido à sua inclinação e aos degraus não terem espelho. Ultrapassado este primeiro difícil obstáculo, descansamos para seguir pela pequena vereda bruta e pavimentada em direção a outro lanço de escadas que, apesar da sua composição muito rudimentar, não demonstram ser um grande desafio.

Entretanto, somando todas as peças, começo a entender a função que cada uma servirá na montagem do poço. Já depois de descida a escada, olhamos para o próximo desafio; contornar grandes rochas, água corrente, e terreno irregular com trinta quilos às costas. À medida que se avança vamos sentindo o pavimento antes de libertar o peso nesse movimento, improvisando cada passo, tentando não escorregar nas pedras com lodo ou entalar um pé entre as rochas. Já nos encontramos ao pé da Pedra Grande e contornamo-la por cima devido à melhor acessibilidade. Arrastamos o material nesta fase, pois o pavimento é terra e torna-se mais fácil depois da travessia. Todo o material vai sendo despejado junto ao leito da ribeira, onde dois mestres tiram medidas e planeiam o primeiro passo da montagem da barragem. Enquanto isto, outros locais chegam com mantimentos, águas, sandes e cerveja para os voluntários, e todos decidem tirar um minuto para descansar e reabastecer-se de líquidos e comida, antes de seguirem para uma segunda viagem à carrinha para trazer o restante material.



Figura 33. Voluntário soldando a estrutura da barragem. Ao fundo um visitante escala a parede de rocha sobre a água. - Imagem do autor

Abastece-se o gerador com gasolina. O seu cheiro destoa do ambiente em redor, olfativamente neutro, e preparam-se os berbequins e máquinas de soldar. Antes de entender os próximos passos, já o grupo voltava para a carrinha para trazer mais uma remessa de material.

Apresso-me para alcançá-los. Ao percorrer o caminho de volta para a carrinha, analiso o percurso em busca de uma melhor estratégia para carregar o material para baixo. O que evitar, onde levantar e onde arrastar. Apesar de sobrecarregado, este é a realidade de qualquer pessoa que queira levar uma geleira e uma mochila para o poço... Ao chegar à carrinha, um pouco ofegante devido ao passo apressado, juntavam-se dois a dois os voluntários para trazer as pesadas cofragens metálicas. Apesar de agora sermos 2, o trabalho não facilita, e a coordenação tem de estar bem afinada para evitarmos cair ou que nos caiam em cima. Ao chegarmos ao Poço algumas intenções vão ficando mais claras. Algumas calhas estavam dispostas onde iriam ficar e algumas ideias ainda estavam a ser discutidas. As calhas metálicas seriam colocadas na diagonal para suportar a barragem e chumbadas na pedra. As cofragens metálicas serão a estrutura da barragem com uma folha metálica a fazer de revestimento. Os mestres seguiram então com estas indicações e os restantes seguiram para mais uma volta para trazer o restante material. Desta vez a carga era mais leve, mas ainda era uma tarefa penosa. As chapas dobravam e desdobravam com os solavancos, desequilibrando-nos, e a sua fina espessura penetrava os nós dos dedos. A meio caminho limitamo-nos a arrastá-las ribeiro a abaixo. Ainda que com menos peso nas mãos, a posição em que nos colocávamos para arrastá-las tornava esta tarefa igualmente incomoda, a que se somava o som estridente, que se ouvia a dezenas de metros, do repercutir da superfície metálica no pavimento irregular que fazia soar todas e as mais pequenas pedras do caminho.

A montagem do poço já se iniciara há algum tempo e algumas calhas já estavam a ser soldadas, outras cortadas, e as cofragens já estavam a ser colocadas no sítio. Já é possível ter uma ideia do que se pretende. Entretanto alguns banhistas vão chegando e ocupam as margens para se refrescarem na parte do poço que está naturalmente cheia. As laterais da barragem são constituídas por duas formações rochosas irregulares, o que dificulta vedar e restringir a passagem de água. Assim, aplica-se a estratégia dos sacos de areia (que neste caso são cheios de terra do local). A sua plasticidade é ideal para preencher as irregularidades entre a barragem e a rocha, e este é o próximo passo, encher os sacos de terra. A terra era recolhida num canto refundido mesmo junto á barragem, e, tal como todas as que a antecederam, esta tarefa parecia mais fácil do que era. Um voluntário segurava o saco, e outro, com a pá, enchia-o de terra. A posição de quem segurava o saco não podia ser mais desgastante. Entre rochas escorregadias e terra lamacenta da água da ribeira, o processo de encher estes sacos de terra e colocá-los amontoados até formar uma parede consistente, continuava. Entretanto já tinham sido colocadas as cofragens, e as respetivas calhas já tinham sido chumbadas à pedra, mas a água ainda passava por entre as aberturas da estrutura. Com as folhas metálicas vedam-se as aberturas da estrutura de forma a reter a água que corre ribeiro abaixo, no entanto as irregularidades do leito rochoso e as laterais são grandes o suficiente para que o nível de água do poço não suba. Do fundo do poço retiram-se rochas para colocar na base da estrutura. Recolhidas de baixo de água, estas rochas algumas com 50kg, tornam-se mais fáceis de levantar, mas depois de emergirem é necessário empurrá-las até á base. Desta forma reforça-se a estrutura e veda-se as zonas onde a água passa.



Figura 34. Cofragens apoiadas na rocha; voluntários soldam as chapas à cofragem. - Imagem do autor

Alguns voluntários aproveitam para lanchar e refrescar-se, pois o sol já vai alto. Alguns banhistas permanecem nas margens do sol a aproveitar o dia. Discute-se se será possível fazer um passadiço sobre a barragem, acoplado à estrutura.

Nos anos anteriores o poço era construído usando as pedras que se encontravam em redor e sacos de terra empilhados até a altura requerida. A sua robustez permitia que se pudesse caminhar sobre ela sem comprometer a estrutura. Este processo necessitava de mais voluntários e era altamente exigente devido ao peso das rochas e dos sacos, mas ao longo dos anos o número de voluntários foi diminuindo. Neste ano, com o número de voluntários bastante reduzido, decidiu-se usar este método alternativo de construir a barragem.

No dia seguinte, felizmente o poço estava cheio e o passadiço estava a ser usado. O nível de água ainda não estava no seu melhor devido a algumas fugas. Estas só se conseguem detetar quando se começa a encher o poço. Procuram-se remoinhos junto à barragem e deteta-se de onde vem a sucção com as mãos. Um par de óculos de natação e um último suspiro, e submerge um dos rapazes para reparar a fuga. Após emergir e voltar a submergir umas 3 vezes confirma que está vedado, e espera-se na água para verificar se o nível começa a subir.

O poço está concluído e os festejos fazem-se com uma competição de mergulhos da Pedra Grande. Uns atrás dos outros, tentam dar o mais espalhafatoso dos mergulhos. Bebe-se e come-se o que restou do lanche e usufrui-se do resto do dia. A partir de agora não há mais trabalho a fazer, apenas disfrutar das águas cristalinas e do sol, e, por volta de meados de novembro, quando o caudal da ribeira aumentar, desmontar a barragem.



Figura 35. Poço dos chefes na sua capacidade máxima. - Imagem do autor

6. Referências

A inspiração: A piscina das Marés, Siza Vieira

Este clássico da arquitetura portuguesa, em que se relaciona arquitetura com natureza e água, teria de estar presente nesta dissertação, e, neste caso, como uma importante referência arquitetônica cujo desenho me acompanhou ao longo da minha intervenção no Poço dos Chefes.

A principais linhas de pensamento que aprendi com esta obra, e que pretendo seguir na minha intervenção, é o respeito pelo local de intervenção, e a obra de Siza rege-se por isso. A implantação do objeto, a escala, os materiais e o mobiliário são complementos do lugar.

Queria realçar a vontade de Siza de esconder a obra, mas talvez “esconder” não seja a palavra correta para descrever o seu gesto, mas sim dissolver a presença do edifício na paisagem. Apenas as rampas que nos encaminham para a praia identificam a entrada, e o edifício esconde-se em baixo, deixando a linha do horizonte ininterrupta. Após a primeira interação com a paisagem acabar abruptamente ao descer a rampa para o edifício, aqui inicia-se um jogo de *suspense* que se desenvolve com os rasgos e os muros que vão deixando entrar a luz sem expor a paisagem até esta ser revelada já na cota da piscina.

Algumas intervenções na ilha da Madeira partilham semelhanças com esta obra, como a piscinas naturais do Seixal ou do Porto Moniz. Localizadas no Norte da ilha, estas também se abrigam entre formações rochosas, que funcionam como 1ª frente contra a violência das ondas do Norte. Aqui a arquitetura também se cinge a realçar o local e a paisagem, apesar do edifício de apoio diferir um pouco desta norma, e as construções vão pontualmente surgindo em forma de muros para encerrar a piscina com ajuda das formações rochosas ou lajes ou para criar pequenos acessos à água. Note-se que a rocha se sobrepõe sempre ao betão, enfatizando a importância dos elementos naturais na proposta. O mobiliário e a sua forma servem o local como uma moldura serve uma pintura, a obra resguarda a imagem da praia e as suas águas e interceta-as com a vivência humana.



Figura 36. Piscinas naturais de Porto Moniz.

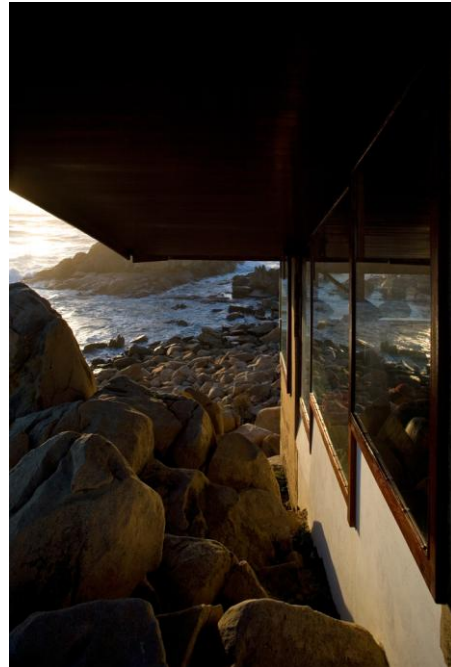
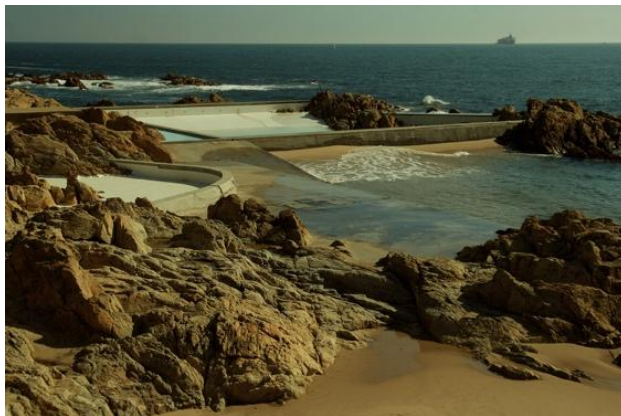


Figura 37. Piscina das marés e Casa de Chá de Matosinhos de Siza Vieira.



Figura 38. Muro de contenção Piscina das Marés. - Fernando Guerra

Todos os anos nas marés vivas, o mar leva o que não é essencial(...) Nas primeiras marés vivas levou um bocado de muro, corrigindo o que não estava bem.

(Vieira Á. S., textos 01, 2009)

O Professor: Peter Zumthor

Para entender o que significa construir no meio natural era necessário entender que sensações esse meio me transmite e como a intervenção deve catalisá-las para o utilizador. Com exemplos como as Termas de Vals e o Museu de Mineração de Allmannajuret entre outros, Peter Zumthor demonstra a sua capacidade de conjugar o corpo arquitetónico, os materiais, e o seu ambiente envolvente.

Nas suas obras reconheço um desenho minimalista que privilegia a experiência sensorial em detrimento de soluções sensacionalistas. Observando as Termas de Vals, a sua extensa fachada, implantada na colina, não intimida; pelo contrário, desperta curiosidade pela sua materialidade e pela forma como se inscreve na paisagem. Com uma leitura atenta, identificam-se os vãos e os limites harmoniosamente encastrados em quartzito. Já no Museu de Mineração de Allmannajuret, a proposta procura instalar-se em torno das rochas, entre as árvores e no seio da própria história, completando e reinterpretando o lugar.

Na obra *Atmosferas*, Zumthor explica como os primeiros instantes num espaço desencadeiam uma relação emocional vinculada ao nosso instinto. Esta reflexão sobre a nossa capacidade de nos relacionarmos – positiva ou negativamente – com um espaço no primeiro contacto é algo que levo em muita consideração, e que dita, em parte, a restante experiência. A primeira luz, o primeiro ressoar, a temperatura, o toque, formam uma imagem que ultrapassa o que se vê, e provocam sensações complicadas que perduram e que se enraízam na nossa memória. Esta atenção à atmosfera de um espaço é o que torna um objeto arquitetónico consciente, harmonioso e relevante.



Figura 39. Termas de Vals - Fernando Guerra



Figura 40. Museu de Mineração de Allmannajuret - Per Berntsen

7. Proposta

7.1 Premissas projetuais

Nada condicionará mais esta proposta do que o próprio local onde se propõe implantá-la. O local, para além da sua representação, está intrinsecamente ligado a uma povoação, cuja intervenção (ou a falta dela) no Poço dos Chefes é representativa de uma dimensão social e económica. A compreensão da história da ocupação, da forma como a comunidade se adaptou ao clima, utilizou os materiais disponíveis e respondeu às limitações impostas pelo território, será fundamental para orientar o projeto. É no respeito e no entendimento destes fatores, que vão da demografia à orografia do local, passando pelas suas condições atmosféricas e recursos naturais que o desenvolvimento da proposta encontra a sua base. (Amaral, 1947)

Pretende-se projetar uma obra autêntica, completamente representativa do local e que faça parte dos elementos que constituem o Poço dos chefes. A intervenção será fruto da relação da ribeira e do homem e representará a interseção entre o homem e o espaço natural.

Na análise da área de implantação, foi fundamental entender e estabelecer os limites que definem o local conhecido como “Poço dos Chefes”. Embora o espaço seja composto e atravessado pela ribeira, esta não determina, por si só, a totalidade dos limites. Na verdade, os limites são estabelecidos não apenas pelas características físicas do terreno, mas também pelo modo como o espaço é utilizado. A área de intervenção deve, portanto, considerar não apenas os elementos naturais, como o leito e as margens da ribeira, mas também as zonas habitualmente frequentadas pela comunidade para atividades como o lazer, o convívio e a prática de tradições locais.

Ao reconhecer que a utilização do espaço muitas vezes ultrapassa as barreiras físicas impostas pelo terreno, é possível compreender a verdadeira extensão da área de intervenção e projetar soluções que respeitem as dinâmicas existentes. Assim, o planeamento não se limita ao espaço geográfico imediato, mas abrange também as relações funcionais e sociais que tornam este local tão importante para a comunidade.

7.2 Projetar na Natureza

A arquitetura é a luz na escuridão da Natureza

O lugar deve ser sempre representado por ele mesmo. Quando se atribui valor a um espaço pelas suas características, essas têm de ser preservadas e salvaguardadas de qualquer intervenção invasiva. A arquitetura permite-nos coexistir com a natureza, deixando esta de ser um mero gigante que se observa á distância. O poder de a alcançar e de por ela vaguear, faz da natureza algo acessível.

Observando uma colina arborizada ou um pico escarpado, consideramos essa manifestação natural como um marco na paisagem, uma limitação do horizonte no nosso trajeto. No entanto a presença de um objeto de origem humana transforma estes elementos de algo intransponível ou inóspito para um novo percurso, algo para alcançar, algo que se pode habitar. Augusto Pestana, no seu livro. *Madeira Cultura e Paisagem* (1985), reflete sobre como a inacessibilidade à natureza acaba por restringir o espaço a algo meramente observável, dizendo: “E ante esta Natureza brava, desconexa encontro-me estático, e obtuso sem um entretenimento que não seja a paisagem rude...”⁸. Essa reflexão evidencia a relação distanciada do homem com o ambiente selvagem, reforçando a necessidade de uma conexão mais profunda e significativa.

Pestana prossegue ao abordar o ímpeto do homem moderno em se alinhar com o ritmo da sociedade, destacando a importância da presença humana na paisagem. A arquitetura, nesse contexto, emerge como uma expressão dessa relação simbiótica. Representa uma conquista e um pacto entre o Homem e a Natureza, respondendo à necessidade humana de alcançar, habitar e integrar-se no espaço natural, transformando-o em algo que é simultaneamente acessível e habitável. (Pestana, 1985)

Dessa forma, compreendemos que a intervenção arquitetónica deve ser entendida como um meio para alcançar a natureza, colocando-a como o verdadeiro protagonista. A arquitetura, por sua vez, desempenha o papel de enquadrar o elemento natural, integrando-o no nosso espectro de vivências e ampliando a sua significância no quotidiano humano.

⁸ PESTANA, César Augusto. – Carta do Diabo In PESTANA, César Augusto. *A Madeira, cultura e paisagem*. 1ª ed. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura, 1985. p. 159 – 160.



Figura 41. Estalagem da Eira do Serrado iluminada. Vista a partir do Poço dos Chefes. - Imagem do autor

Para mim, a presença de certos edifícios tem um certo secretismo. Aparentam simplesmente ali estar. Não lhes prestamos nenhuma atenção especial. E ainda assim é impossível imaginarmos esse local onde estão sem eles.

Peter Zumthor em Thinking Architecture

7.1.2 Materiais

...one of the first principles of art so clearly seen in primitive work is truth to material; the artist shows an instinctive understanding of his material, its right use and possibilities.

Henry Moore

Pretende-se que toda a construção valorize a sua envolvente, desde a forma até à materialidade, priorizando sempre o uso de materiais que possam ser obtidos localmente no seu estado natural. Este princípio visa fomentar uma arquitetura mais sustentável, promovendo uma relação simbiótica entre a obra e o local.

No caso do betão, considera-se que a sua composição possa ser produzida *in loco*, quando as matérias-primas disponíveis na região. A presença de rochas transportadas pela terra oferece uma fonte natural de agregados inertes para o betão. Para além da sua durabilidade, destacam-se as suas qualidades estéticas e a harmonia com o contexto natural. Apesar de ser um material de fabrico artificial, tanto a sua textura como o seu aspeto apresentam uma aparência orgânica, remetendo para as qualidades intrínsecas da rocha natural. Com o passar do tempo, o betão adquire características que enriquecem a sua relação com a paisagem, influenciando a perceção do objeto arquitetónico de forma subtil, mas significativa.

A técnica de terraceamento exemplifica de forma clara a integração das necessidades arquitetónicas com a natureza. Trata-se de uma intervenção que não destrói nem cria, mas transforma. Desloca-se a terra e estrutura-se a parede com a rocha, mantendo a essência da montanha, mas adicionando uma ortogonalidade que reflete a intervenção humana. Esta técnica usa os recursos naturais fornecidos pela montanha, respeitando-a como elemento soberano da paisagem.

O muro de pedra aparelhada é uma construção tradicional amplamente presente por toda a ilha, incluindo a freguesia do Curral das Freiras. A sua edificação exigia grande dedicação dos habitantes, desde o transporte das pedras ao longo de trilhos improvisados até ao processo manual de empilhar cuidadosamente as rochas nas encostas íngremes. Estes muros permitiam criar pequenos lotes de cultivo, conhecidos localmente como “poios”. Porém, um único poio raramente era suficiente para garantir a subsistência. Assim, construía-se outros, muitas vezes formando autênticas escadarias pela montanha acima.

Os muros de pedra aparelhada simbolizam a resiliência humana face às adversidades da natureza. Representam não apenas a luta pela subsistência, mas também uma homenagem ao esforço coletivo e à engenhosidade humana.

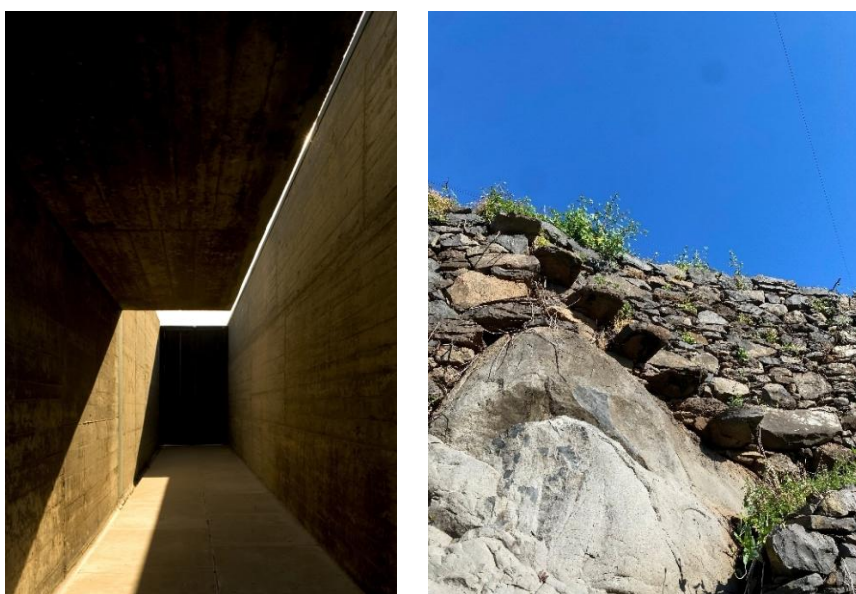


Figura 42. Paredes de betão descobrado na Piscina das Marés (Fernando Guerra) e parede de pedra arrumada com escada (Imagem do autor).

Da robustez e crieza da rocha e da plasticidade do betão, passamos à leveza e ao conforto proporcionados pela madeira. No Curral das Freiras, espécies como acácias, cedros, nogueiras, castanheiros e eucaliptos cobrem os picos e encostas. O eucalipto, em particular, é um recurso abundante, sustentável e perfeitamente adaptável à construção, contribuindo para um diálogo harmonioso entre os materiais locais e as necessidades contemporâneas.

... deve-se ouvir o local, observar o terreno, estudar a cultura, as raízes que já me falou. Perceber como se tradicionalmente se construía num lugar. Os melhores materiais são indígenas, do sítio onde estamos a projetar, eles estão lá... quero que a minha arquitetura se funda com o meio ambiente. (Kuma, 2009)

7.3 Programa

Procuramos estabelecer um equilíbrio entre os elementos construídos e a integridade do local, uma cooperação entres estas duas realidades em função do homem sublinhando os valores naturais e locais. Este equilíbrio é reforçado pela adaptação da proposta às vantagens e desvantagens que a sua topografia oferece, estabelecendo uma dialética fluida entre a terra e a obra. Não estamos a ser fiéis à nossa escolha do terreno se queremos usar apenas o que nos favorece e fazer tábua rasa do que nos “atrapalha”, assim estaremos a retirar o carácter do lugar (Foster, 1983).

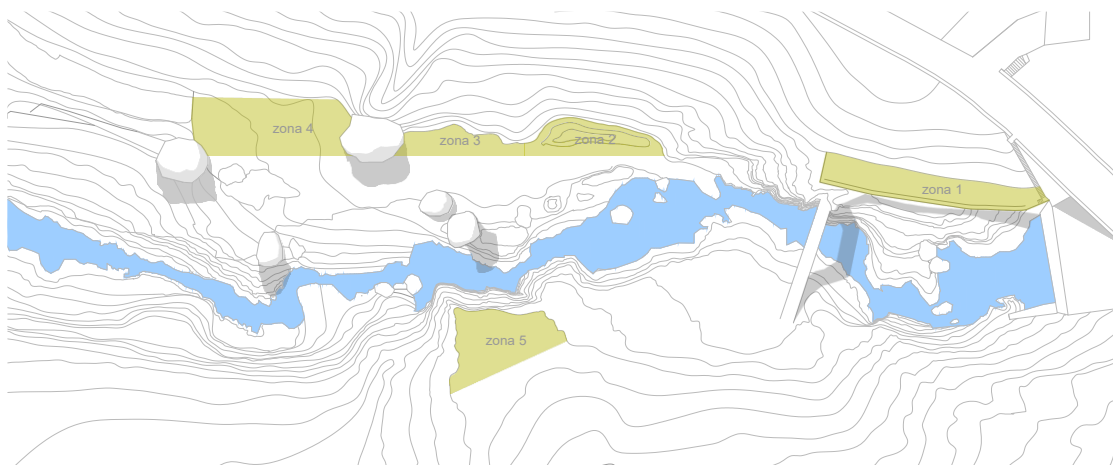


Figura 43. Planta das áreas de intervenção.

Durante o processo de levantamento topográfico, assinalaram-se as zonas que sofreram danos por intempéries, que foram abandonadas ou que apresentavam potencial para serem desenvolvidas.

Na figura 43, encontramos áreas destacadas. Na zona 1, temos o acesso de escadas que interliga a cota da estrada à ribeira, percorrendo terrenos de cultivo e termina num muro de suporte da ribeira onde se inicia o restante percurso ladeado por um terreno baldio, formado por rochas e que aparenta ter sido usado para cultivo, mas que acabou por ser abandonado. Esta fração de terreno não favorece a passagem dos visitantes devido ao muro ser construído com grandes rochas arredondadas cuja estabilidade estrutural inspira pouca confiança. Mais abaixo no terreno, na zona 2, existe uma pequena clareira por detrás de uma formação rochosa coberta de canaveiras e outras árvores, que, ao contrário da sua envolvente acidentada, constitui uma depressão no terreno praticamente plana. A sua acessibilidade e as suas características orográficas destacam-na como uma área com potencial para ser desenvolvida.

As zonas 3 e 4 encontram-se numa área descampada, aberta ao céu, à ribeira e ao vale apenas separadas naturalmente por uma grande rocha. No entanto os taludes de ambas as áreas sofreram deslizamentos de terras trazendo consigo matéria orgânica decomposta, vários metros cúbicos de terra e rochas que outrora estariam soterradas. A escala dos elementos naturais é notável, e pela sua proximidade ao poço, as zonas 3 e 4 foram designadas como áreas de interesse a serem desenvolvidas. A zona 5, do outro lado da ribeira, encontra-se um ponto mais alto que tem vista para o vale e está localizado diretamente por cima do poço. Acessível pela ponte já existente, alguma importância teria de ser dada a este espaço rodeado de bananeiras e outras plantações e assim foi designada como área de interesse.

Pretende-se que a paisagem não seja perturbada, nem tão pouco o recorte que a ribeira faz no vale, e que é apenas interrompido pela vegetação e rochas que se aninham no seu leito. É do nosso interesse preservar esta paisagem e fazer com que os novos elementos realcem a sua beleza e corrijam o que se degradou. A primeira parte do programa inclui o restaurante, um miradouro e o balneário, concentrando os vários tipos de utilizadores, oferecendo uma vista, uma experiência gastronómica, acessibilidade aos banhistas e, aos restantes utilizadores, um acesso à cota da ribeira. Esta é a parte do programa onde a presença de construção é mais perceptível no projeto. Daqui em diante será diluída por entre os planos da vegetação, terreno e paisagem, e distribuída ao longo de uma levada que interligará o início e o fim do programa. Uma zona de observação e reflexão no projeto é indicada através de uma ponte que nos afasta para outra margem da ribeira no topo da colina. Associados à levada estarão os restantes elementos do programa: a vertente desportiva, composta por estruturas destinadas à prática de escalada; o poço, a peça principal deste local; as churrasqueiras, um elemento que promove a convívio social entre famílias e amigos; o centro de processamento do vime, que estabelece uma ligação entre a arte do vime e o utilizador.

7.3.1 A chegada

O quebrar o gelo



Figura 44. Planta de cobertura do restaurante e balneários - Imagem do autor

A arquitetura é uma narrativa, e o seu primeiro parágrafo deve introduzir a experiência que se segue para que seja interpretada como se pretende. Neste projeto, o compromisso é com a Natureza e a relação do ser humano com ela e o local. Neste primeiro momento trata-se de evidenciar esta relação, através da paisagem e a gastronomia local. Um culminar dos 5 sentidos. A derradeira experiência sensorial.

Acredito que a comida, a cultura, as pessoas e a paisagem são absolutamente inseparáveis - Anthony Bourdain

Um dos problemas do acesso atual é o muro suporte da estrada. Este muro apresenta características que pouco se enquadram na envolvente, desde a sua cor à abrupta presença que tem no local, impondo-se sobre o terreno. O novo elemento de acesso visa resolver o acesso á cota desejada e é efetuado compassadamente através de patamares que apresentam diferentes ambientes adaptados às funções. O volume é implantado entre a ribeira e os terrenos baldios existentes.

O primeiro e inevitável encontro é com a paisagem. Ao percorrer a estrada somos observados pelo vale até chegarmos ao acesso. É no acesso que surge um pavimento ajardinado, orientado a sul, que desce e nos encaminha para a paisagem onde há um ponto elevado com uma vista singular, como um cais, onde é possível ver os poios à direita, a ribeira à esquerda e

ao fundo, ao longe, o poço e a paisagem. Deste ponto, seguimos por uma outra rampa, orientada para norte, que nos encaminha para uma área onde se situam os balneários e chuveiros exteriores. Esta área dispõe de uma exposição mais reservada, tanto à paisagem como aos outros utilizadores, devido orientação da sua rampa de acesso que cria uma antecâmara tanto para os balneários como para o início do percurso até ao poço. Uma terceira rampa surge paralela à segunda. Esta surge em conjunto com a levada que encaminha o utilizador até ao poço e ao resto da proposta. O volume criado pelas rampas e balneários permite que se abra uma área de espaço utilizável para restauração, criando uma ligação com o Poço dos chefes que não é sazonal nem exclusivamente para funções balneares. A colocação de um elemento comercial nesta primeira etapa do percurso procura atrair as pessoas constituindo um convite a frequentar a ribeira todo ano. Os terrenos adjacentes seriam utilizados para o cultivo com acesso direto à cozinha e ao restaurante visando abastecer os mesmos.

O espaço restauração abre-se num rasgo que convida à entrada. O acesso é feito a partir de uma extensão do pavimento sobre a levada, mas sem se encostar totalmente, procurando aplicar a mesma estratégia que se observa nas levadas e que permite a passagem sem interromper o fluxo da água. Desta forma obtemos uma ligação visual contínua com a levada, que é mantida desde o seu surgimento no projeto.

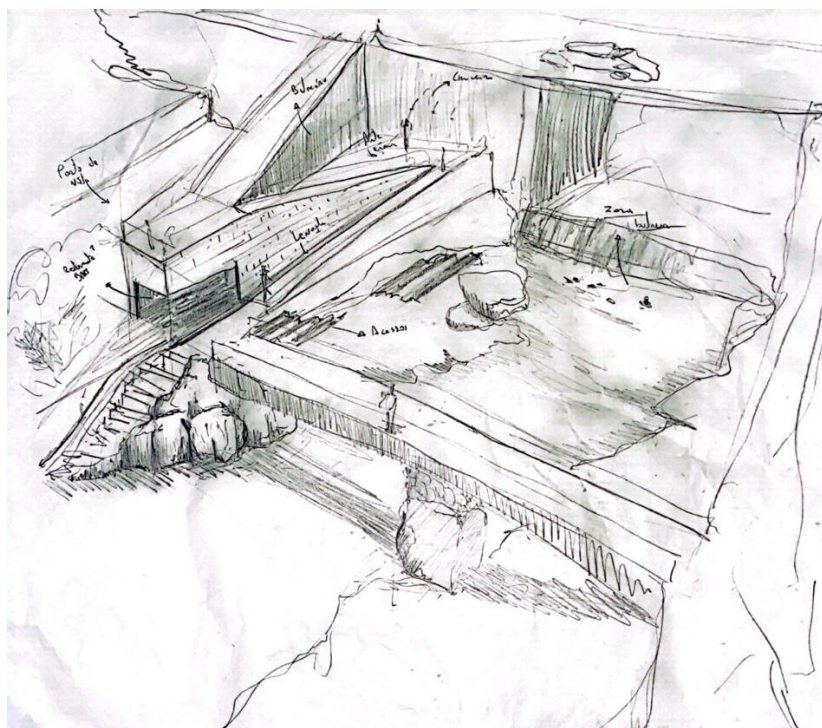


Figura 45. Perspetiva do edifício de acesso. - Imagem do autor

Este volume tem também como objetivo desconstruir a presença do muro de contenção da ribeira. Face à necessidade da existência deste muro de contenção não se contemplou a sua remoção, mas sim usar este novo volume para a sua imagem. É usada a mesma materialidade do muro, o betão à vista, tanto no volume como na restante intervenção. No volume esta materialidade surge intercalada com a pedra que interliga o conjunto com os poios existentes.

8. O percurso e a levada

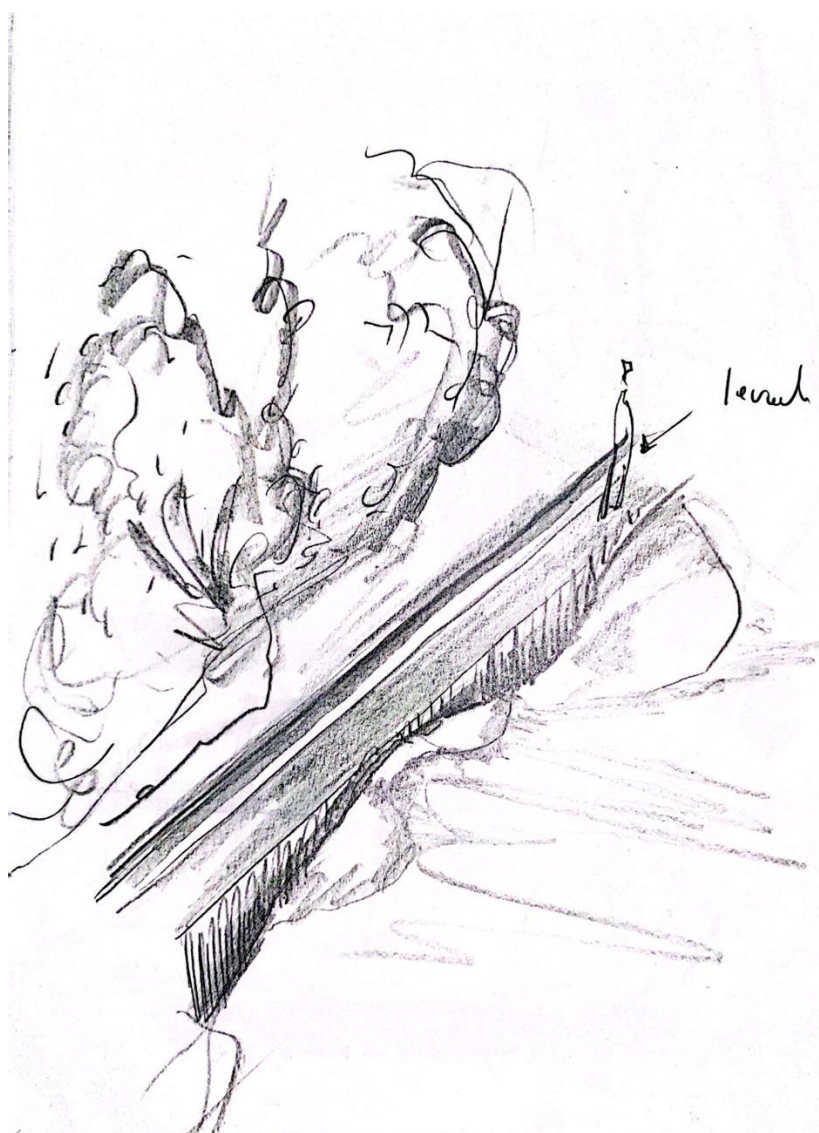


Figura 46. Esquiço da levada - Imagem do autor

A argamassa que sustentou os pilares económicos dos primórdios da Ilha da Madeira foi definitivamente as levadas. Durante o século XVI, a Madeira era o maior exportador de açúcar do mundo. A grande produção exigia o clima quente e solarengo do Sul da ilha, mas precisava de grandes quantidades de água, recurso que era abundante no Norte devido ao clima mais húmido e chuvoso. As levadas transportavam a água que abastecia a produção de açúcar, tal como a população madeirense que residia maioritariamente no Sul. (Vieira A. , *As levadas. Os caminhos de água na Madeira.*, 2015)

As levadas consistem em canais de água fabricados pelo homem, com uma pequena inclinação, que através da ação da gravidade guiam o fluxo de água ao destino pretendido, acompanhados sempre pela abundante flora da ilha e pelas vistas únicas. Atualmente, as

levadas mantêm a função. Servem campos de cultivo por toda a ilha e são também uma atração, tanto para turistas como para locais. (S.A., A cana de açúcar e a ilha da Madeira, 2020)

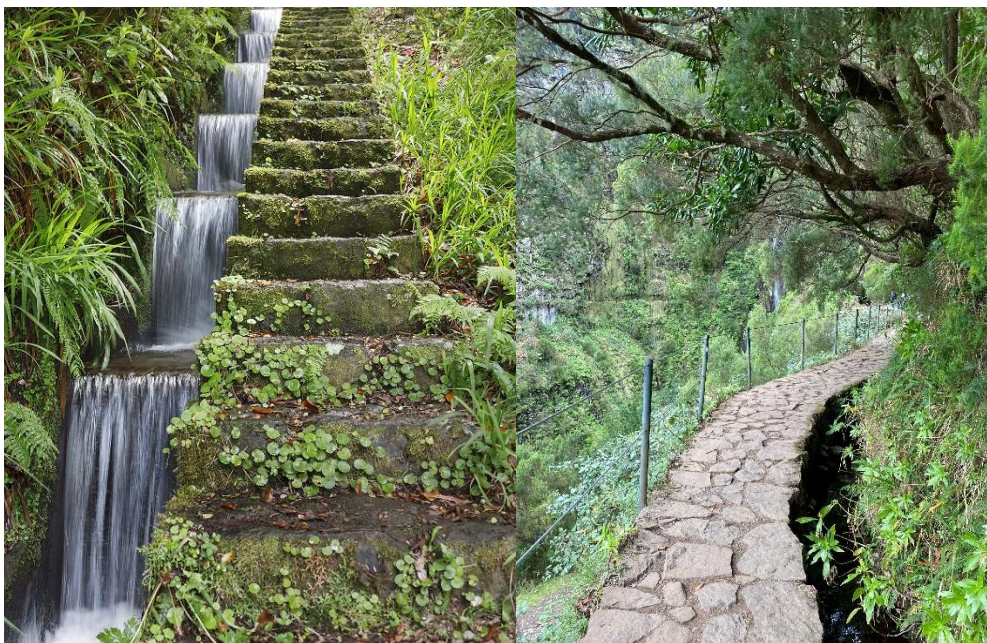


Figura 47. Escada ladeada por levada - Paul Maguire/Getty Images; Levada do Alecrim - Imagem do Autor

Os anos de difícil acesso aos recursos e oportunidades fora da freguesia incutiram na sua população a necessidade da autossustentabilidade. Deste modo, grande parte das residências possuem pelo menos uma pequena área reservada ao cultivo, seja para fins domésticos ou para fins comerciais. Nos aglomerados habitacionais mais antigos percorremos percursos pedonais, ao invés de estradas, que são delineados por vezes pelos limites de pequenos campos de cultivo que cobrem de vegetação o caminho e as residências dos donos. Estes caminhos são quase sempre acompanhados de cursos de água, com a função de encaminhá-la para os campos de cultivo. A cordilheira que encerra o Curral num vale é o que lhe vale a abundância de água. A importância das levadas, especialmente para estes residentes, não passa por ser um mero adorno herdado do passado. Representa a determinação dos habitantes do Curral face às suas limitações, e a sua capacidade adaptativa para tornar o problema na solução.

O projeto de uma levada no Poço parte do facto de existir uma linha de água suspensa que abastece socalcos destinados ao cultivo situados do outro lado da ribeira. No entanto esta linha de água existente não contribui para a utilização do Poço dos chefes tão pouco para a sua imagem natural. A proposta sugere a criação de uma levada, de forma a substituir esta linha de água e oferecer um percurso pedestre que permite colmatar as irregularidades do terreno e possibilita o contacto com a água de uma forma contínua, assim como abastecer de água os visitantes nas zonas de permanência. As deformações do terreno, as rochas, vão direcionando a levada, encaminhando a água para as áreas onde esta será utilizada. A sua história, inerentemente madeirense, e as suas valências para o local em questão, colocam-nos numa posição em que não podemos descartar este elemento no projeto.

A levada surge quando o utilizador decide avançar no sentido do poço. Seja um banhista ou um visitante, ambos os seus destinos partem deste momento onde nos encontramos pela primeira vez com a levada. A levada corre à direita da rampa. À esquerda em baixo, corre a ribeira dos socorridos. O final da rampa deixa-nos à entrada do restaurante que nos convida com o rasgo na fachada que abre para a acolhedora simbiose de escuridão e luz natural no seu duplo pé-direito.

Seguimos a levada para as escadas, onde a água corre com velocidade. A vegetação cobre as laterais de ambos os lados, criando um ambiente estanque onde se ouve a água borbulhante e os passos nas escadas de pedra. Somos deixados ao nível do leito da ribeira, onde nos sentimos no local. A nossa linha de visão está agora em sintonia com o ambiente em redor, e o tamanho das grandes rochas coloca-nos numa perspetiva mais humilde. Aquilo que, visto de cima, seria de um tamanho regular, apresenta-se agora á nossa frente, e sentimo-nos diminutos quando as mais pequenas rochas são maiores que nós. Seguimos o caminho da levada e agora o único fenómeno que nos separa da água que corre na ribeira é o seu caudal. Afastamo-nos da ribeira e envolvemo-nos novamente em vegetação. A vegetação dissipa-se num céu aberto onde já não se vê a ribeira, um pavimento verdejante é rasgado pela levada, e vemos para onde esta segue. Junto a uma grande rocha para onde corre a levada, à direita, encontramos uma série de elementos paralelepípedicos verticais que surgem do terreno. Neles, grupos de pessoas preparam refeições em fogareiros. Uma cobertura de vime abriga os intervalos entre fogareiros oferecendo uma sombra do sol alto do dia, sobre as mesas. Já mais próximo, sobre a levada, o pavimento paira sobre a água, continuando até aos fogareiros e oferecendo passagem para a outra margem da levada.

Do outro lado da pedra encontra-se um aglomerado de vimieiros, seguidos de uma construção. O pavimento acaba junto a uma formação rochosa por onde água da levada segue e contorna, e tal como na churrasqueira, o pavimento convida a atravessar para o outro lado em direção ao edifício. O som do borbulhar da água contra a rocha dissolve-se na conversa e na agitação que acontece junto ao caldeirão dos vimes. Por baixo de uma cobertura de vime, os populares cozem e descascam os vimes junto ao espaço de artesanato.

8.1 Expandir os limites aparentes

O foco principal desta proposta é a valorização do Poço dos Chefes e a melhoria das suas condições. No entanto, entendemos que parte do encanto deste poço passa também pela sua orografia e pela capacidade que o ser humano tem de se deslocar pela mesma, fazendo que várias localizações ao redor sejam utilizáveis sem grande intervenção arquitetónica. É uma improvisação que faz parte da própria natureza do Poço e que se procurou manter no projeto.

A colocação de elementos arquitetónicos de forma pontual, como escadas que permitem aceder a zonas de água, escadas verticais que nos ligam a grandes rochas e a outras posições onde se pode desfrutar de uma vista ou estender uma toalha, funciona como um convite à exploração do território em redor, expandido os limites aparentes.

Desta forma é ampliado o que realmente pode ser explorado/utilizado sem grande intervenção, à semelhança de um trilho/percurso pedestre onde o que nos indica a direção é um caminho de terra talhado apenas pela mera utilização desse percurso.

9. A Agricultura e a Gastronomia



Figura 48. Estudo de relação do volume e a envolvente. - Imagem do autor

Como vamos percebendo, as particularidades da freguesia devem-se muito à sua localização e orografia. E como não poderia deixar de ser, os hábitos alimentares locais diferenciavam-se por isso mesmo.

As grandes escarpas e terrenos acidentados não permitiam que grandes coletivos de animais vagueassem pelo vale, e o fraco desenvolvimento económico não facilitava a importação de carnes para a alimentação. Em alternativa, quem podia, recorria a um par de cabras, ou ovelhas. Ágeis e de porte pequeno lidavam bem com as inclinações das serras do Curral. Uma pocilga dava lugar a um suíno ou dois. E assim se alimentava o povo do Curral no que tocava a carnes, e o que não se comia vendia-se ou dava-se. Grande parte da alimentação era à base de produtos hortícolas, e só quando possível se punha carne no prato. Quando se

impõe limitações à sobrevivência, o ser humano torna-se exímio em encontrar soluções. Os curraleiros espremiam o que conseguiam da sua horta, e o que não se aproveitava serviria de adubo ou para alimentar o gado.

Alguns ingredientes tornaram-se recorrentes à mesa, como o birgalhó, a raiz da pimpineleira. Este tubérculo, da família do inhame, é um alimento muito associado à freguesia, e era o sustento para os mais pobres. Ainda hoje é utilizado e acompanhado de ingredientes mais variados. (Abreu, 2023)

Os castanheiros cobrem as encostas, e os ouriços o chão. As castanhas espalham-se pela freguesia e arredores, seja em sopa, licores ou no seu estado natural, e constituem uma das exportações mais reconhecidas da freguesia. É o fruto que abre o mês de novembro com a festa gastronómica da castanha, que traz gente de todos os concelhos e freguesia pelo ambiente acolhedor e pelas iguarias do Curral.

“A ginja é do Curral?” é uma pergunta bastante frequente em toda a ilha. Reconhece-se a qualidade do fruto que nasce por entre as serras do curral e a capacidade dos trabalhadores que produzem este elixir.



Figura 49. Plantação de feijão e vinha. Escadaria junto aos poios. - Imagem de autor

9.1 Restaurante e Balneários

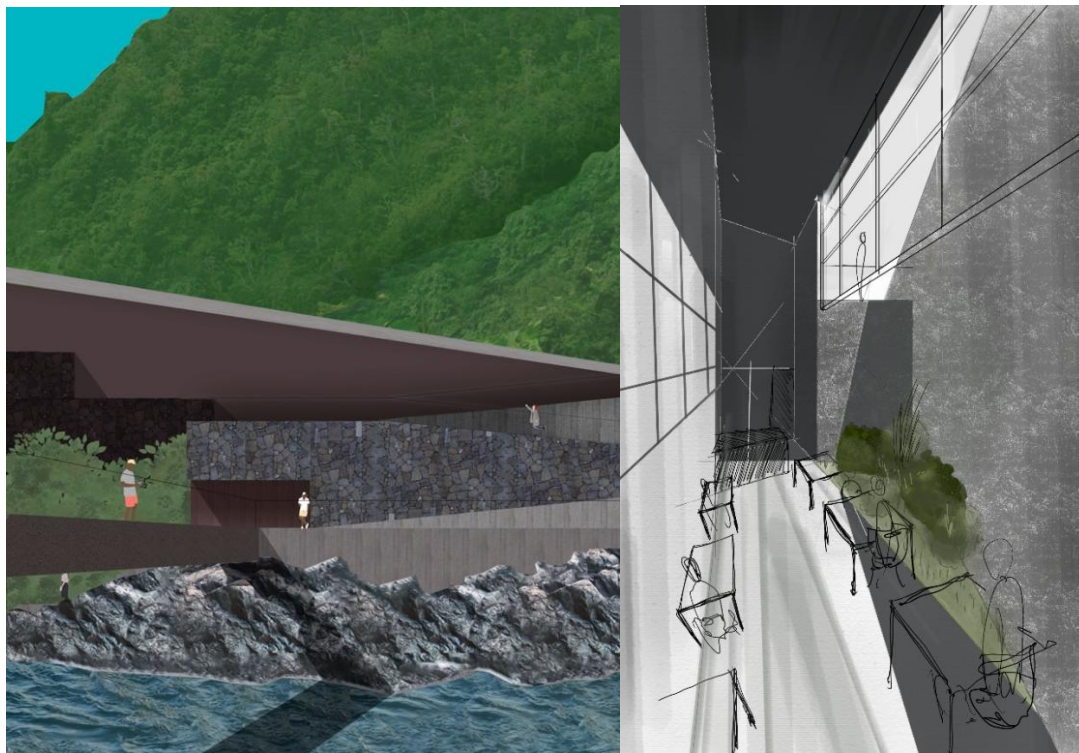


Figura 50. Fachada do restaurante e Sala de refeições e jardim - Imagem do autor

O primeiro contacto com uma proposta arquitetónica deve ser uma experiência rica e acessível, que cativa o visitante com as valências do local apoiadas pelas particularidades culturais. Pretendemos juntar num só elemento gastronomia, a paisagem e arquitetura.

Unir as cotas da estrada e da ribeira, uma conexão atualmente conseguida através de uma escada metálica, era uma necessidade para facilitar o acesso e corrigir a interrupção visual abrupta da continuação do vale. Ligando o ponto de chegada ao destino, desenhou-se uma hipotenusa bastante inclinada, sublinhando a transição marcada entre duas realidades distintas. Esta inclinação foi repartida em três rampas, que articulam três momentos sucessivos e suavizam a transição.

A primeira rampa afasta-nos da estrada e expõe-nos, vulneráveis, à paisagem e à imponência do vale que nos circunda. A segunda, mais estreita, retoma o percurso numa direção levemente divergente, criando um vazio entre si e a primeira. A paisagem aqui desaparece, e somos cercados pela parede de betão cru e pelo som da cascata junto à ribeira, que ressoa nestas paredes. Pessoas entram e saem de duas portas que penetram a parede. Os balneários emitem uma luz do seu interior. O vão da porta alinha-se com uma janela oposta, que enquadra a vista sobre os socalcos cultivados. Entre os balneários, um portal atravessa o edifício ligando-o aos campos agrícolas e a um saguão entre os poios e o edifício. Na interceção das rampas uma varanda surge e um jardim cresce. — Um respiro verde entre os níveis.

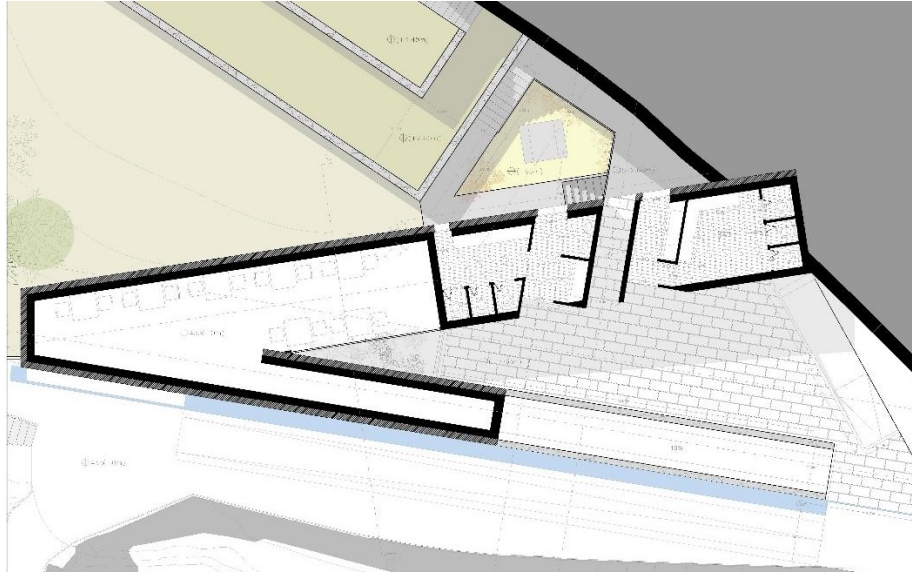


Figura 51. Planta dos balenários e socalcos. - Imagem do autor

Onde acaba uma rampa começa outra. Esta última é ladeada pela levada que surge do chão e acompanha o percurso. Atingida a cota desejada, abre-se um rasgo na parede de pedra que nos convida a entrar para o restaurante. Abre-se um duplo pé direito e uma luz esbatida vinda do alto ilumina as paredes de betão realçando as estrias da cofragem. Os cheiros, a humidade, e o som de uma aragem que penetra nesta “gruta”, favorecem uma experiência autêntica sem filtros. Ao fundo, junto ao balcão, cresce um jardim selvagem, recortado pela varanda desenhada pelas rampas, emoldurando um céu azul. Aqui procura-se uma relação sensorial que interligue a refeição com um espaço que, apesar de abrigado, não restrinja a beleza e crueza do exterior.



Figura 52. Corte ilustrado da sala de refeições. - Imagem do autor

Através da cozinha, umas escadas interligam o espaço de confeção com a zona de produção agrícola. Ao subi-las, encontramos-nos num patamar entre o edifício e os poios, onde a arquitetura recua e a natureza se aproxima. Os muros de contenção desenharam um pequeno saguão resguardado, onde, ao centro, uma mesa convida à partilha. Envolvida pela vegetação que cresce espontânea nas margens dos socacos, esta mesa torna-se ponto de encontro entre o saber da terra e o saber da cozinha.

Aqui, o agricultor e o cozinheiro cruzam-se num diálogo que começa na semente e termina no prato, discutindo sazonalidades, métodos de cultivo, receitas. A conversa flui entre tachos e ferramentas, entre mãos que lavram e mãos que temperam. Acima, ao longo de um passadiço, alguns visitantes observam, silenciosos, este momento de colaboração — não como um espetáculo, mas como partilha genuína de conhecimento. Este gesto simples reforça a ligação entre quem cultiva, quem transforma e quem usufrui, numa pequena celebração do ciclo completo da terra à mesa.

10. Bouldering

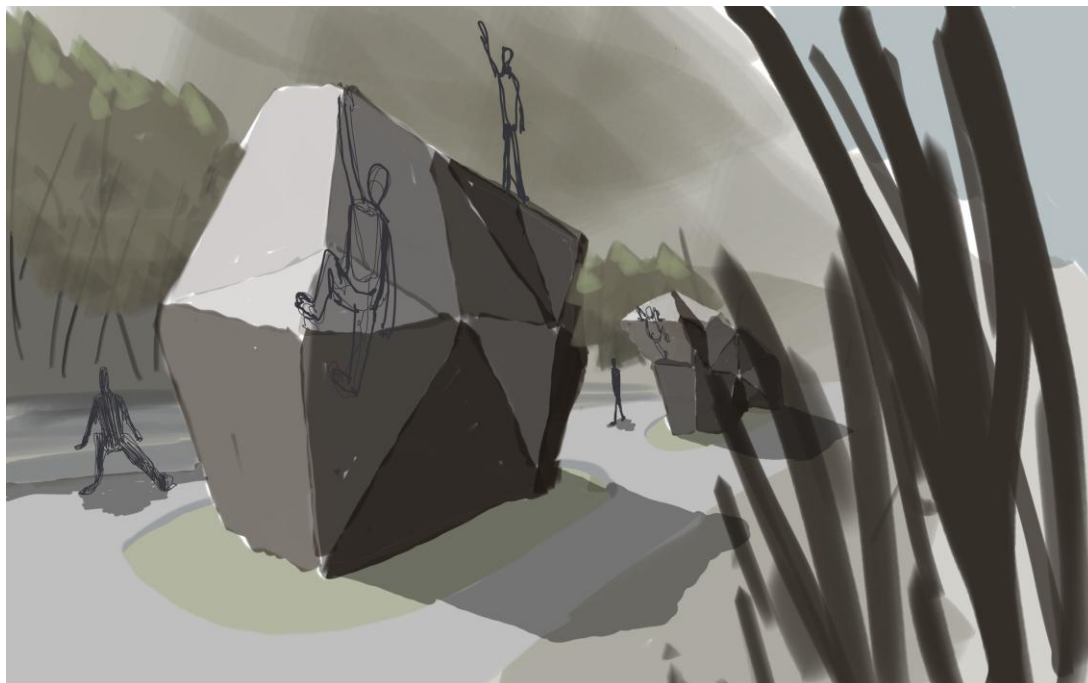


Figura 53. Perspetiva do Bouldering Gym. - Imagem do Autor

Como foi dito anteriormente, no passado o tempo para atividades lúdicas não era priorizado, e a vida no campo era focada nas tarefas que garantiam a subsistência do seio familiar. Atualmente o caso já não é o mesmo. O que outrora era um caminho para as “mulas” que carregavam produto do curral para as outras freguesias tornou-se trilho de caminhadas para bicicleta, as travessias perigosas tornaram-se passeios, e os grandes penhascos miradouros para grandes vistas. Os ciclistas percorrem as montanhas, e os alpinistas as escarpas. Os grandes desafios tornaram-se uma atração na freguesia.

O leito do vale está repleto de grandes rochas, que há milhares de anos lá permanecem, estáticas. Alguns entusiastas de escalada, nos últimos 2 anos, perceberam o potencial destas rochas e o facto de se encontrarem concentradas nesta pequena freguesia.

O *Bouldering* é uma prática de escalada que não exige qualquer tipo de cordas ou equipamentos de segurança de grande calibre. É um desporto que pode ser praticado no interior ou no exterior e que consiste em escalar pequenas elevações entre os 2 e os 5 metros de altura, em média. No interior é feito em ginásios em paredes de escalada, e no exterior qualquer superfície escalável é considerada *bouldering*. Ainda que se possa praticar *bouldering* em qualquer superfície escalável, o termo *bouldering*, vem da palavra inglesa *boulder* que significa “pedregulho” (The Access Fund, 2008). Os pedregulhos presentes nas ribeiras do Curral

permitem ter uma experiência verdadeira do que realmente consiste o *bouldering*: o contacto com a Natureza e ligação do homem com esta através do desporto.



Figura 54. Representação do desmontar do “boulder”.

Fonte - <https://threerockbooks.com/ten-tips-for-bouldering-outdoors/>

O *bouldering* na ilha, como movimento desportivo, começa no Curral, revelando a importância que a freguesia terá neste desporto nos próximos anos. Implementar uma contribuição para esta atividade no projeto, visa atrair novos praticantes e introduzi-los num novo desporto que continua a crescer tanto na ilha como no mundo.

10.1 Bouldering Gym

A ribeira está repleta de rochas que podem proporcionar ricas experiências de escalada, mas os níveis de exigência podem afastar jovens principiantes. Apesar de apenas se utilizar uma fração do equipamento de segurança, não deixa de ter o seu risco, e por isso designar uma área onde possa haver uma introdução ao desporto em segurança e num ambiente tão natural é uma mais-valia.

Descendo pelas escadas e seguindo a levada, abre-se uma clareira à direita. Os mais aventureiros ignoram a escada e escorregam pela levada. Atravessa-se para a clareira onde, no seu perímetro, num banco baixo, pais e filhos sentam-se observando dois objetos pousados no centro, e outros tentam escalá-los da forma mais rápida, mais difícil ou simplesmente a escalá-los. A vegetação alta cobre a clareira, a brisa oscila as canavieiras e eucaliptos, transformando o pavimento e os conjuntos de tetraedros que vão sendo escalados. O ambiente é de comunidade. Alguns apenas veem, outros escalam, outros apoiam, e alguns abandonam a churrasqueira para observar os praticantes.

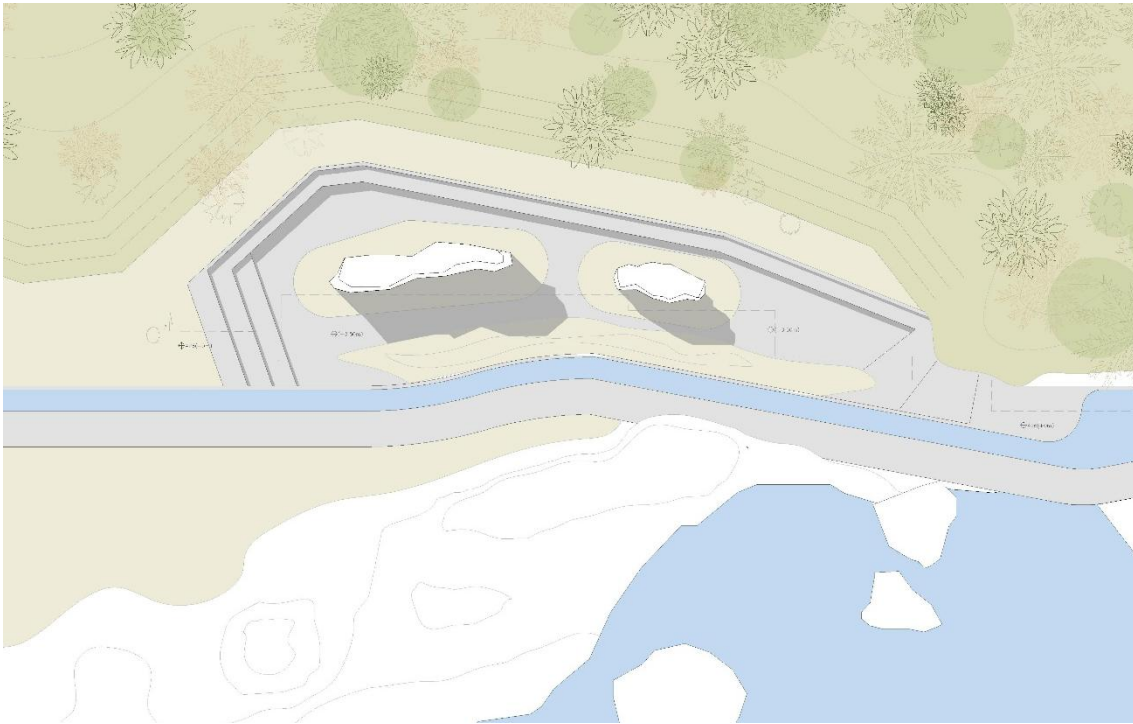


Figura 55. Planta do Bouldering Gym. - Imagem de Autor

O *bouldering gym* foi implantado nesta área do terreno com o objetivo de resguardar o espaço dos ventos e da exposição solar de uma forma natural e desta forma permitir uma experiência autêntica de escalada, onde a arquitetura apenas orienta e a Natureza define os limites e possibilidades do gesto.

11. Fogareiros

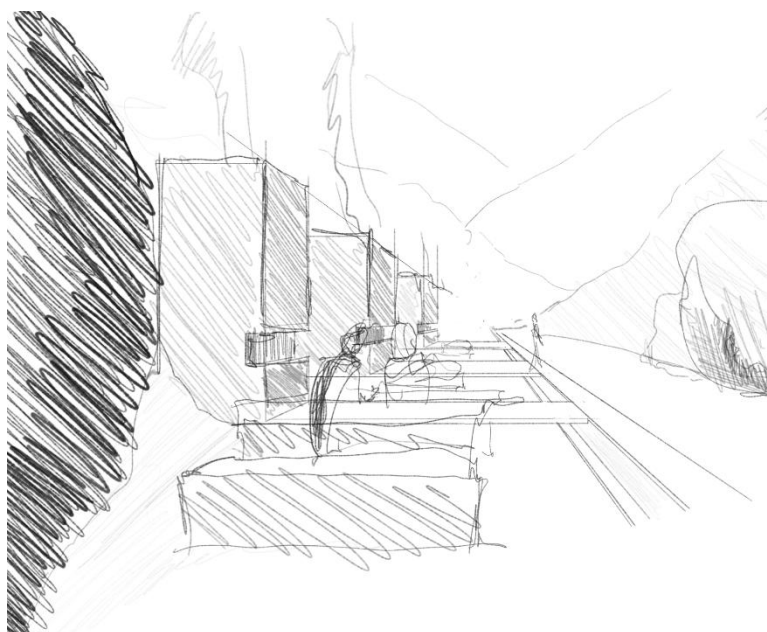


Figura 56. Esquiço dos fogareiros. - Imagem do autor

Os fogareiros estabelecem um momento que complementa todas as atividades no local. Presentes por toda a ilha, os fogareiros transformam vários pontos das serras nas mais belas salas de refeições, onde os cheiros das carnes assadas e de lenha queimada se misturam com a brisa aromatizada pelos pinheiros. Nestas “salas”, não estamos hermeticamente separados do exterior, estamos em contacto com a Natureza, e, ao invés de observarmos a luz filtrada e refratada por um vidro, as folhas oscilam e transformam as sombras em silhuetas em constante mudança, como um espanta espíritos à mercê dos ventos.

A beleza e a predominância da presença natural fazem do Poço dos Chefes um local que também pode proporcionar um espaço de refeições, estendendo o leque de atividades que oferece e conectando a população com o local fora da época balnear. Providenciar um espaço de refeições ao ar livre com estas características permite que as visitas ao Poço dos chefes sejam recorrentes e que a população se possa reconectar com este local que é esquecido fora da época balnear.



Figura 57. Churrasqueira na Ribeira da Lapa. - Imagem de autor

Nesta intervenção, tentamos adotar uma metodologia construtiva que permite a harmonização entre a obra e o local. Contudo, quando falamos em fogareiros falamos num sistema que necessita de mais atenção ao modo operativo, para além do estético.

Pretende-se que estas peças possam providenciar uma área de confeção para alimentos, conjuntamente com a sua principal função de cozinhar a lenha. Foram definidos 3 fogareiros, 3 peças únicas com as funções acima anunciadas. Tendo em conta o atual estado dos taludes naturais que constituem os limites desta área, é necessário reforçá-los devido á sua instabilidade estrutural. De forma a não adulterar a paisagem e a aproveitar o material que se acumula na ribeira, optou-se pelo uso de *gavions*, que têm também capacidade de permitir que a vegetação penetre e prospere, aliando o aspeto natural do talude e a ortogonalidade da estereotomia, um pouco à imagem do que se vê nos socalcos.

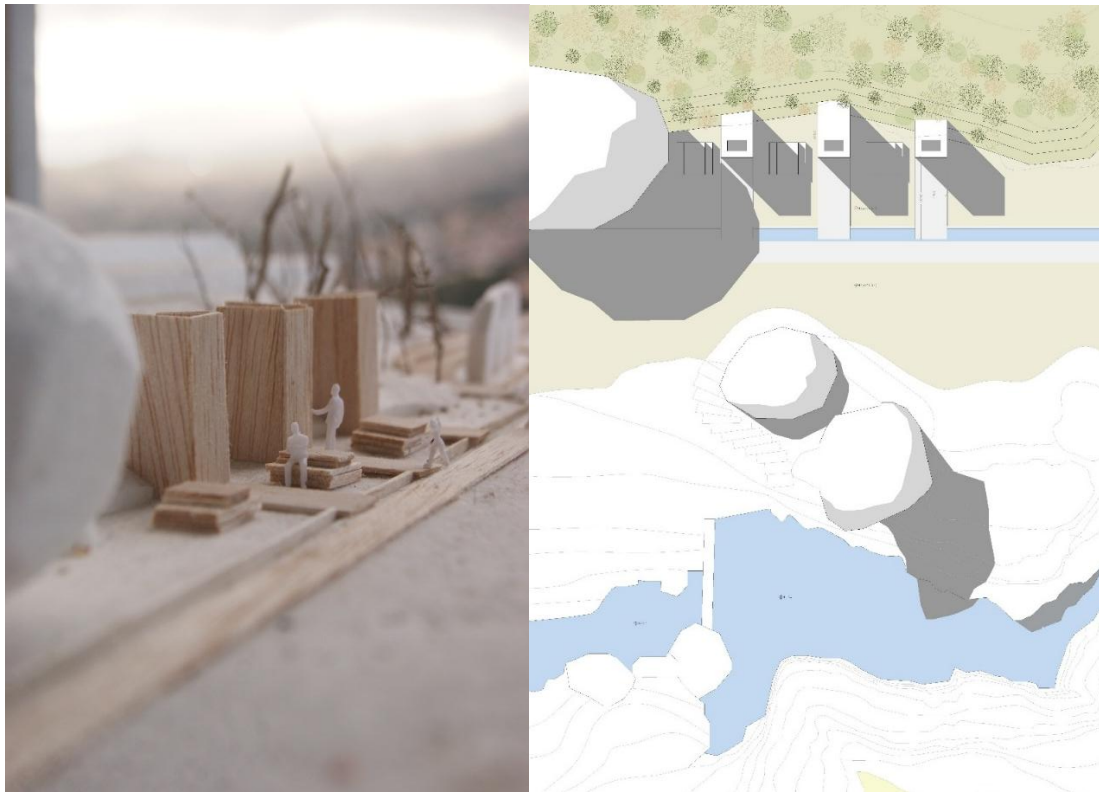


Figura 58. Maquete e planta de cobertura dos fogareiros. - Imagem de autor

Os fogareiros surgem delgados, emergindo da terra e colocando-se em primeiro plano face ao talude, que preenche o fundo de vegetação, e entre eles surge uma área mais reservada que se utiliza para a preparação dos alimentos e que se encerra entre os dois fogareiros, uma simbólica cozinha que se abre para a mesa de refeições. A cobertura de vime ou canaveira permite que a sombra se estenda até a mesa de refeições, e a permeabilidade desta permite a passagem irregular da luz, emulando um sombreamento “orgânico”. As mesas alinhadas entre os fogareiros estabelecem uma separação da zona de confeção. Assentes na terra e descobertas, tiram a atenção dos fogareiros focando-a para a paisagem em redor. A verticalidade dos fogareiros, perante a larga horizontalidade do terreno, reduz a sua densidade visual e a cobertura de vimes convida aos utilizadores a aproximarem-se destas estruturas.

13. Mobiliário Urbano

A fim de esta proposta ser mais sustentável, pretende-se que os elementos colocados em projeto possam ser mantidos pelos utilizadores, integrando-a mais na cultura local e tornando-a um espaço de participação ativa da sociedade.

Um exemplo dessas possíveis contribuições recai no mobiliário urbano. No projeto recorreremos à utilização dos recursos fornecido pela ribeira. As rochas, a água e o terreno, fornecem o que precisamos para a materialização da ideia projetual.

O mobiliário urbano, mesmo quando regularmente usado, sofre sempre alguma utilização negligente. A degradação com o passar do tempo torna-se perceptível, mas não põe em causa o uso, até ser irreparável.

No que toca ao mobiliário urbano, neste projeto pretende-se que os utilizadores possam também ser os zeladores dessas peças. Ainda que pareça forçada essa exigência, pretende-se que essa manutenção seja feita através da substituição parcial dos elementos constituintes do mobiliário de forma rápida e eficiente, sem grandes entraves nem necessidade de experiência

12. Espaço de Contemplação

Atravessando a ponte, um caminho de terra batida sobe a colina afastando-se da levada e da restante proposta que a acompanha. Por entre a vegetação o caminho continua até ao topo da colina. Aqui, alguns bancos surgem á sombra de eucaliptos e castanheiros. Abaixo, pessoas mergulham no poço e refrescam-se nas águas da ribeira. Avista-se a Pedra Grande, e por trás desta é possível ver uma parte dos fogareiros que libertam o fumo das suas chaminés. Mais a baixo no vale os telhados de vime espreitam a volta das rochas.

Este espaço pretende oferecer ao utilizador mais recatado um local de contemplação do vale e das atividades que nele acontecem sem que haja um contato direto, permitindo uma vivência mais silenciosa e reflexiva da paisagem. Aqui, o tempo abranda. As distâncias criam uma moldura natural onde a arquitetura e a natureza dialogam em escala reduzida, como miniaturas em movimento lá em baixo. O som chega atenuado — o murmúrio da água, os ecos das vozes. Esta plataforma torna-se um miradouro sensorial, onde o espaço não exige ação, apenas presença. Um lugar onde se pode simplesmente estar.

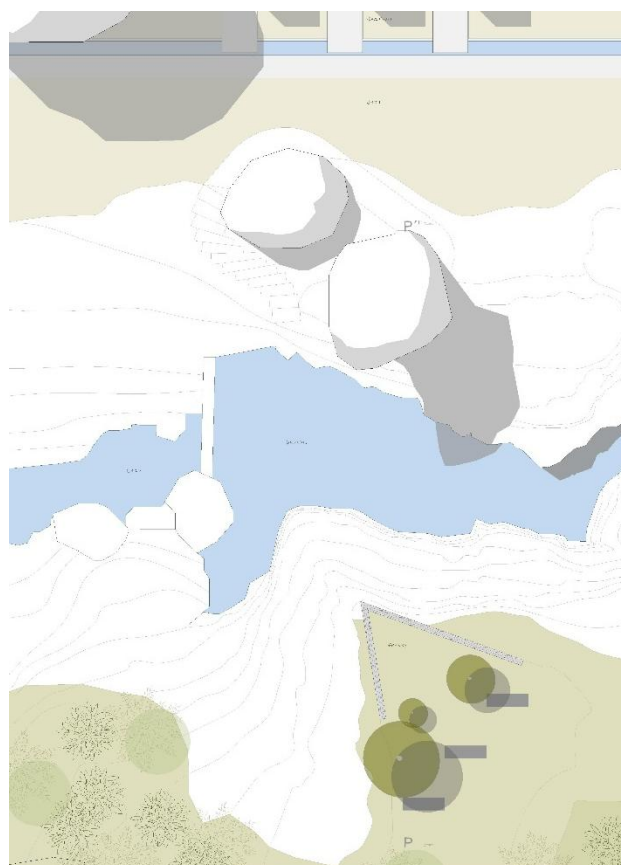


Figura 59. Planta de cobertura do poço. - Imagem de autor

13.1 Bancos

Nestes espaços de contemplação pretende-se colocar alguns elementos de mobiliário urbano. Para além de oferecerem conforto e uma relação íntima com o local, requer-se que sejam resistentes às intempéries. Procuramos dentro da ribeira a resposta. As rochas seriam ideais para a base do banco, conjuntamente com uma argamassa para fixá-las e nivelar o tampo. Desta forma utiliza-se um sistema de “gavion”, preenchido com pedras da ribeira, de maneira a obter o paralelepípedo. Para poder nivelar e modelar o tampo utiliza-se uma argamassa de cimento. A parte do banco que permite realizar a sua função está assim completa. Um encosto não é essencial, por isso só se colocará nos bancos que se situem em áreas de longa duração.

Sendo a base do banco uma peça fundamental e de necessidade estrutural, não poderia ser deixada a cargo dos utilizadores. Resta-nos o encosto. O encosto deve ser algo confortável, e se possível flexível. Articulando estas exigências com a disponibilidade local, o candidato principal é o vime. O excedente de vime será então disponibilizado para isso. Coloca-se uma peça em metal fixada na argamassa. Esta peça é perfurada na lateral com vários diâmetros para que se possa trespassar com os vimes, fixando-os do outro lado da mesma forma e fixando-os entre eles com fio.

O vime, para além de ser um material resistente é utilizado em mobílias variadas, assegura uma substituição relativamente rápida e acessível, permitindo um contato direto com a tradição e a arte de trabalhar o vime.

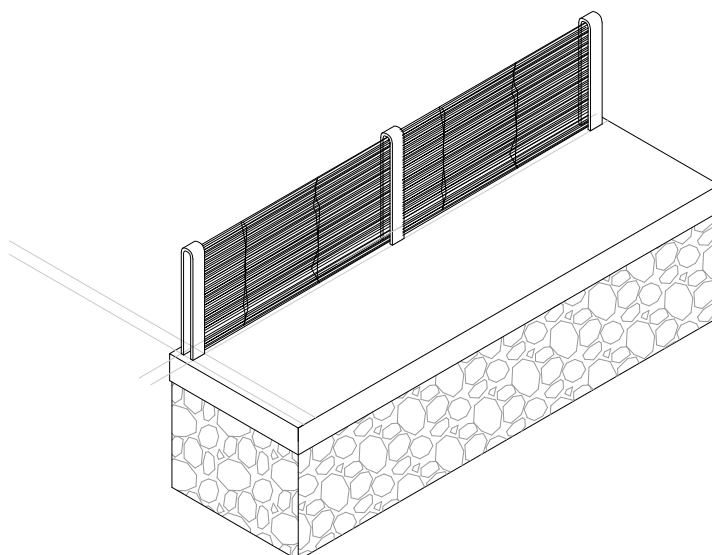


Figura 60. Banco. - Imagem do autor

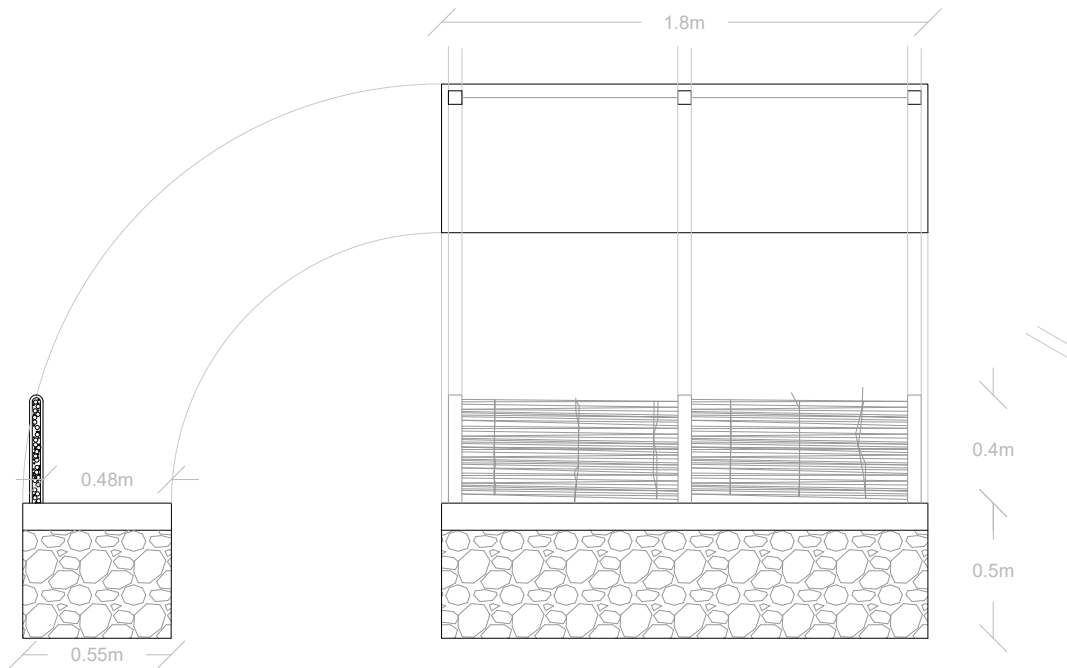


Figura 61. Vistas do banco. - Imagem do autor

13.2 Coberturas exteriores

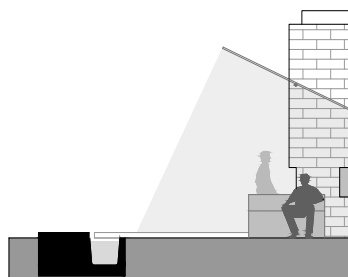


Figura 62. Alçado lateral dos fogareiros. Imagem do autor

O sol na freguesia, mesmo no inverno, apresenta um ângulo de exposição elevado durante as horas de almoço, criando um calor intenso e persistente. Na área destinada aos fogareiros, que será utilizada nessas horas, foi necessário desenvolver uma estratégia que cobrisse tanto a zona de confeção quanto a de refeição.

Tal como no restante mobiliário urbano, o objetivo principal é que o utilizador tenha um papel ativo, podendo manipular e zelar pelos elementos de forma intuitiva, utilizando materiais locais ou disponíveis no ambiente envolvente.

Para alcançar esta ideia de maneira simples e funcional, estudou-se uma solução que minimizasse a complexidade técnica e exigisse o menor número possível de passos e componentes para o utilizador. Observou-se no local a abundância de canaveiras, plantas nativas que se regeneram rapidamente e se tornam uma excelente matéria-prima sustentável para o projeto. Assim, as canaveiras foram selecionadas como material principal para a criação de uma cobertura que atendesse às necessidades do espaço.

Inspirando-se na lógica de simplicidade aplicada ao banco, desenvolveu-se uma estrutura metálica perfurada, permitindo que os utilizadores trespassassem as canaveiras para formar uma pérgula ajustável. Dessa forma, cada pessoa pode manipular a disposição dos elementos e regular a exposição ao sol conforme sua necessidade, adaptando o ambiente de maneira prática e sustentável.

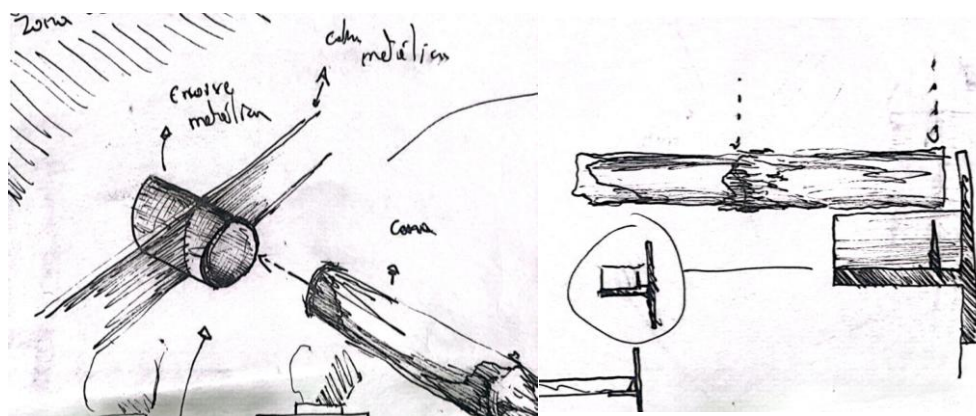


Figura 63. Esboço do estudo do sistema de encaixa das canaveiras.

14. O Vime



Figura 64. Oficina de vimes do Sr. Manuel – Imagem do autor

A cultura dos vimes é introduzida pelos primeiros colonos na ilha da Madeira. Apesar de o alimento não abundar, estas plantas não exigiam ou ocupavam um solo fértil, mas sim zonas de irrigação fácil ou onde a água fosse abundante, nomeadamente os ribeiros.

No entanto, a arte de trabalhar o vime surge em meados do século XIX, em que se usava o vime para replicar cadeiras de palha de centeio, feitas então na Madeira pela mão de reclusos da cadeia do Funchal. Esta prática foi continuada por gentes da Camacha, durante anos a única região onde tal se fazia. Um industrial conhecido, chamado de William Hinton, vem contribuir para o crescimento e evolução da arte do vime, trazendo moveis de Inglaterra e Alemanha feitos em hastes de cipó para serem replicadas em vime, resultando no aumento da

demanda pela matéria-prima e alastrando a sua produção para outras regiões como o Curral das Freiras. (Silva, 2020)

No Curral das Freiras, em tempos antigos, a ribeira junto ao poço estava repleta de vimieiros que, na sua época de colheita, juntavam a comunidade para todo o processo de preparação, em que os trabalhadores traziam merenda e bebidas que partilhavam entre si, assim como um acordeão e um rajão⁹ para as horas mortas. No entanto, a prática dos vimes tem vindo a desaparecer pela ilha, porque o custo elevado da mão de obra e a existência de opções mais económicas, que não se equiparam na qualidade do material nem na sua beleza, vêm contribuir para o perecimento desta atividade. Com o desuso do vime, muitos dos poios que tinham os vimieiros passaram a ser usados apenas para agricultura alimentar.

Atualmente a produção é cada vez mais escassa. A acessibilidade a matérias-primas mais baratas, tais como os plásticos, fazem do vime um produto caro e desnecessário devido ao seu trabalhoso e extenso processo de fabricação. Contudo, esta matéria-prima é muito estimada por quem a tem, e a procura vai aumentando pouco e pouco, prevendo-se um regresso deste material, desta vez como um artigo de luxo.

Ainda que decorativas, as obras de vime, por serem robustas, tinham lugar no trabalho agrícola. Era o caso do “cesto vindimo” que, como a própria designação desvenda, era usado no transporte das uvas das colheitas das vindimas. Atualmente, não havendo necessidade de recorrer a peças de vime para transportar os produtos agrícolas, muitas das peças atualmente produzidas são para uso doméstico e decorativo (Lima, 1993).

⁹ Instrumento tradicional madeirense composto por 5 cordas. O rajão deu origem ao famoso Ukulele, instrumento típico do estado do Havai nos Estados Unidos da América. (King, 2004)



Figura 65. Sr. Manuel a trabalhar do vime - Nuno Gonçalves

Implementar um espaço de processamento do vime junto à ribeira vem tentar impulsionar os agricultores locais a voltarem a produzir o vime e colocar o Curral das Freiras na vanguarda do regresso deste material. Para além de trazer de volta a camaradagem e o convívio que envolve a produção do vime, tal como já foi falado em relação à construção da barragem, mostra também esse processo a quem visita o Poço.

O processo inicia-se no cultivo do vimieiro, que dá pelo nome de *Salix Viminalis* e que demora entre 2 e 5 anos a atingir a maturidade. Após os ramos atingirem a sua maturidade, são podados e colocados em molhos separados por diâmetro. Estes molhos são transportados para a caldeira onde se inicia o processo de cozedura. Após a cozedura, os ramos são deixados a secar o tempo que for necessário para depois proceder-se ao descasque do vime. O descasque pode ser feito de duas maneiras: descasque a seco, em que após o período de secagem se procede ao descasque; descasque húmido, em que os vimes, após a seca, são colocados num recipiente com água fria permitindo que a casca do vime tenha mais facilidade em descolar. A desvantagem deste segundo método é que exige 2 períodos de secagem. Após descascado e secos, os vimes, já separados por tamanhos e diâmetro, são encaminhados para os artesãos que recorrem a quase nenhuma ferramenta, dependendo da destreza das suas mãos.

Os vimes de maior espessura serão indicados para objetos de maior dimensão ou de maior necessidade estrutural, como mesas, cadeiras, moveis... O custo elevado deste material é compensado pela versatilidade do produto final, mas isso já cabe ao mestre e ao seu mester.



Figura 66. Homem retira um molhe de vimes do caldeirão e mulher a descascar o vime. – Nuno Gonçalves

14.1 Centro de Processamento do Vime



Figura 67. Alçado Norte do Centro de processamento do vime - Imagem do autor

Projetar um espaço que abrigue este ciclo de produção, processamento e manufatura, é uma exceção na prática dos vimes. Por norma não encontramos a plantação dos vimieiros junto ao caldeirão. Isto deve-se ao facto da sua plantação ser colocada em zonas estratégicas onde os recursos têm a disponibilidade que esta espécie necessita, o que não deixa muito espaço para qualquer outra infraestrutura. Apesar de ser possível encontrar vimieiros em terrenos com habitações, a capacidade produção é limitada pois tende-se a priorizar a área de produção agrícola para a alimentação. Nem todos os produtores de vimes tem caldeirões particulares. Sendo este um esforço conjunto que pode muitas vezes juntar uma força de trabalho de 30 pessoas, para cozer mais de uma tonelada de vimes, não é viável pensar este processo de forma individual, o que leva a que os produtores se juntem para cozer vimes em conjunto no mesmo caldeirão. A manufatura só acontecerá junto ao caldeirão se os poucos produtores tiverem um espaço que possam usar para tal. Os que beneficiam da boa vontade de quem compartilha o caldeirão, têm de transportar os seus vimes, já cozidos e descascados, para as suas oficinas. Alguns produzem para vender aos artesãos, outros produzem para depois trabalhar os vimes. Os espaços de trabalho são muito básicos. A modesta necessidade de utensílios para executar estas tarefas liberta-as da rigidez espacial das oficinas, permitindo que se improvisem áreas de trabalho em garagens ou em zonas mortas das residências, construídas muitas vezes com blocos de betão sem qualquer revestimento.

Rico em água, área, solo cultivável e espírito comunitário, o poço dos chefes junta as condições necessárias para uma contribuição arquitetónica para a produção de vimes na freguesia. Criar um núcleo de trabalho que incorpore todas as atividades no mesmo local

permitiria uma melhor fluidez na arte de trabalhar o vime, com a possibilidade de ser testemunhada, partilhando-se assim a cultura com quem visita e contribuindo para a população e para a sua herança cultural.

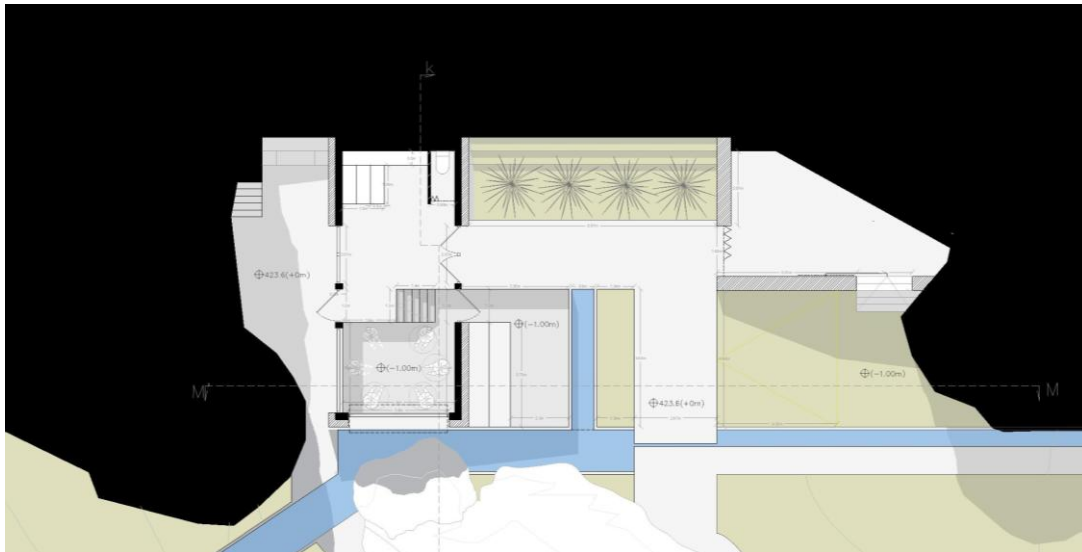


Figura 68. Planta de do centro de processamento de vime. - Imagem de Autor

De todo o projeto, este elemento é o que mais exige tecnicamente. Sem exemplos práticos, há que haver um exercício muito mais intenso e metucioso. Determinou-se que duas zonas deveriam existir: a zona de cozedura e de descasque, pois estas atividades acontecem na mesma janela de tempo, a que se chamará de área de processamento; o espaço de oficina e armazém, uma zona coberta, que se denominará de oficina. A área de processamento é constituída pelo caldeirão, onde se ferve os vimes, e pela zona de descasque. Por norma, o exercício de cozer o vime exige um grupo extenso de pessoas, por volta de 20, onde 5, normalmente homens, tratam da cozedura, que consiste em juntar os vimes, submergi-los, acender o lume e mantê-lo, e retirar os vimes. Os restantes membros tratam do descasque, podendo o seu número variar. Neste projeto propõe-se bancadas viradas para o caldeirão a uma distância que mantenha a segurança e possibilite a vigilância. O caldeirão é alimentado pela água da levada, e é instalada uma portinhola que restringe a entrada ou saída de água sem restringir a corrente da levada.

Na área de oficina, trabalha-se o vime. Este trabalho é realizado sentado, numa posição mais baixa do que a que seria considerada habitual. O artesão, ao preparar a estrutura principal da peça, entrelaça os vimes, e como não se utiliza qualquer tipo de material fixante, é necessário aplicar pressão nas camadas de vime à medida que se entrelaçam. Por essa razão, prefere-se uma posição em que o artesão esteja mais próximo do pavimento, permitindo que os seus membros inferiores contribuam para o trabalho. Esta área está localizada no interior, ao mesmo nível da zona de cozedura e descasque. Por estar abaixo da cota de soleira, o perímetro construído é aproveitado como espaço de arrumação, evitando a necessidade de armários, o que disponibiliza mais espaço para os artesãos e confere ao ambiente um caráter mais sóbrio. As cores quentes dos castanhos dos vimes contrastam com a frieza do betão, criando uma composição visual equilibrada.

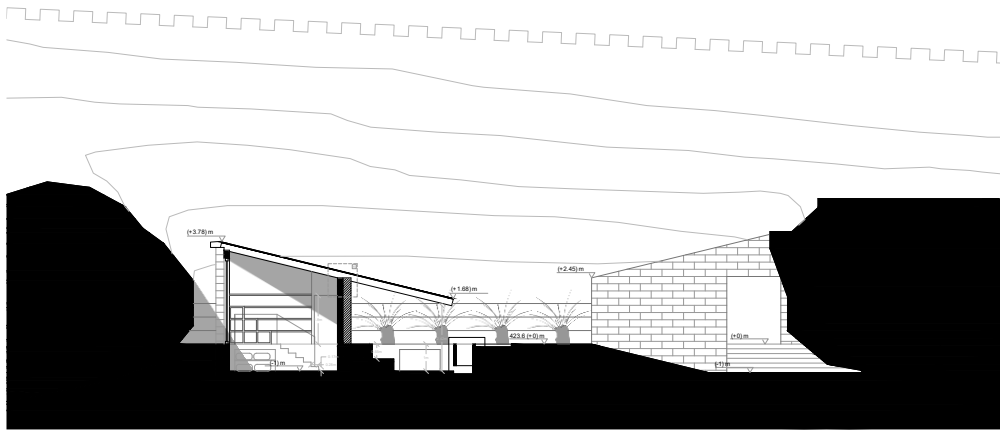


Figura 69. Centro de processamento de vime. - Imagem do autor

Junto à entrada encontra-se a loja, onde é possível adquirir peças finalizadas ou vime por trabalhar, conectando o comprador ao espaço onde decorre o ciclo de produção. A loja é composta por paralelepípedos ocós de madeira de eucalipto. Estas peças permitem que se possa armazenar e organizar os vimes por tamanho, cor ou espessura e expor peças concluídas.

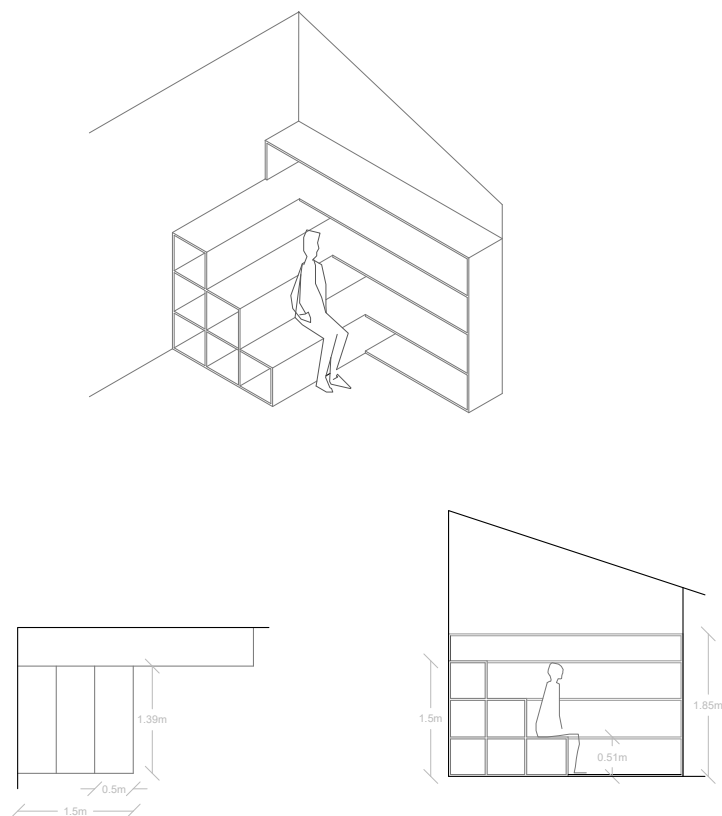


Figura 70. Esquema dos paralelepípedos. - Imagem do autor

O espaço dedicado ao trabalho do vime estabelece uma forte relação com o exterior. A fachada sul possui uma grande permeabilidade visual, conectando o interior a um pequeno saguão formado pela rocha e pelo edifício. Apesar da orientação a sul, não há uma exposição excessiva à luz solar direta, o que garante uma boa iluminação natural sem sobreaquecer o espaço. Este saguão é ligado ao interior pela loja, que atua como um plano de fundo e amplia a percepção do espaço. Na oficina, usufrui-se da luz difusa proporcionada pela fachada envidraçada. Na fachada este, um vão mais modesto rasga a parede, abrindo-se para a levada que corre junto ao parapeito. A água da levada, ao embater na rocha, acrescenta um elemento sonoro ao ambiente de trabalho.

A entrada principal situa-se a norte. A fachada sugere muito mais no seu interior do que o que é revelado pelas paredes de pedra e pelo telhado de vime. À noite, a luz que emana do interior torna o espaço convidativo, incitando a explorar. O pavimento guia o visitante até uma entrada modesta e discreta. Ao atravessá-la, o espaço abre-se, iluminado pela luz natural proveniente das traseiras e pelo pé-direito em ascensão. A luz preenche o espaço de forma controlada e subtil. O som da água da levada ecoa pelo ambiente, e a grande rocha, que projeta a sua sombra sobre o edifício, não se revela por completo, como se se estivesse a contemplar os pés de um gigante.

Na arquitetura, existem duas possibilidades básicas de composição espacial: O corpo arquitetónico fechado que isola espaço dentro de si e o corpo aberto que abraça uma área de espaço conectado o infundável contínuo.

(Zumthor, Atmospheres: architectural environments, surrounding objects, 2006)

14. Conclusões

Durante todo o processo do desenvolvimento desta dissertação, várias questões foram surgindo: o porquê deste tema, o porquê deste local. Na altura de escolher um tema, imaginei os mais extraordinários desafios de arquitetura, futuros utópicos ou cenários de ficção científica, usando-me como uma tela branca onde pudesse desenvolver um conceito arquitetónico sem qualquer arquétipo que limitasse a minha imaginação ou as minhas vontades. No entanto, o meu foco foi-se afunilando para este fenómeno que envolve os deveres da arquitetura no meio natural e para os motivos que têm vindo a degradar essa conexão com o passar do tempo.

A minha infância, sempre conectada à freguesia, e o carinho profundo pela minha terra, trouxeram à superfície um sentido de responsabilidade sobre esta degradação. Ao confrontar-me com essa realidade, abriu-se uma espécie de caixa de Pandora, onde cada camada revelava novas dimensões deste processo de descaracterização, que não é apenas estético, mas cultural e ambiental. Foi nesse momento que percebi que o tema escolhido não era apenas uma questão profissional, mas uma chamada pessoal para refletir e propor uma resposta arquitetónica que respeitasse e reforçasse a simbiose entre o homem e a Natureza.

A reflexão que foi feita sobre a relação destas duas forças – a Arquitetura e a Natureza – fez realçar a necessidade da sua ligação. Mais do que uma cooperação, a arquitetura depende intrinsecamente da Natureza e, por isso, deve sempre priorizar as valências proporcionadas pelas entidades vivas e os seus habitats. A realidade é que a arquitetura, quando bem empregada, pode catalisar a integração harmoniosa do ser humano no ecossistema natural, reconhecendo-se como uma peça dentro do todo, onde a Natureza permanece a base indispensável de equilíbrio e sustento. Exemplos como os de Siza Vieira e Peter Zumthor demonstram como a arquitetura pode dialogar com o espaço natural de forma sensível e consciente, um princípio que tentei aplicar na proposta apresentada.

O estudo da freguesia revelou uma dimensão oculta que vai além do que é visualmente perceptível. A compilação de informações, as conversas com os habitantes locais e os anos de convivência com este território levaram-me a perceber que muitas das atividades, tradições e outros elementos que constituem a identidade cultural da freguesia operam de forma isolada, sem nunca se cruzarem, resultando numa estrutura social fragmentada. A intervenção proposta procura demonstrar que, através de gestos pequenos, mas genuínos, a arquitetura pode ser uma força articuladora, capaz de reconciliar a necessidade humana, a cultura e a Natureza, promovendo uma harmonia essencial para a preservação deste ecossistema.

Ainda assim, a arquitetura não se limita a uma posição subordinada face à Natureza; A arquitetura desempenha um papel essencial na preservação das tradições culturais, e é a interligação entre gerações e o motor para a adaptação e reinvenção da cultura, apoiando-se nas tradições que ainda são relevantes

Esta reflexão permitiu-me compreender que a arquitetura não deve apenas adaptar-se ao contexto natural, mas contribuir para o fortalecimento desse equilíbrio, sendo um elemento facilitador da convivência sustentável entre o homem e o ambiente que o rodeia. Apesar dos desafios técnicos e das limitações práticas, este projeto oferece uma abordagem que pode ser replicada noutros contextos, com o potencial de inspirar um diálogo mais profundo entre arquitetura e Natureza. Mais do que um final, esta dissertação representa um ponto de partida para novas investigações, para outras formas de reimaginar o papel da arquitetura enquanto parte integrante e respeitadora do mundo natural.

Bibliografia

- Abreu, A. D. (6 de Junho de 2023). "Curral das Freiras, mundo rural ímpar". *National Geographic*. Obtido de https://www.nationalgeographic.pt/viagens/curral-das-freiras-mundo-rural-impar_2969
- Amaral, K. d. (1947). "*Uma iniciativa necessária*". Lisboa: *Arquitectura : Revista de Arte e Construção*. - 2ª Série, nº 14 (Abr. 1947), p.12-13.
- Aragão, A. (1987). *Para a história do Funchal*. Funchal: Governo Regional da Madeira. Secretaria Regional do Turismo e Cultura. Direcção dos Assuntos Culturais.
- Baeza, A. C. (2009). *Pensar con las manos*. Buenos Aires: Editorial Nobuko.
- Bourdain, A. (26 de Setembro de 2014). "Anthony Bourdain: My first trip to Vietnam changed my life". (L. J. Hill, Entrevistador) Obtido de <https://www.cntraveler.com/stories/2014-09-26/anthony-bourdain-my-first-trip-to-vietnam-changed-my-life>
- Carita, R. (1989). *História da Madeira (1420-1566) Povoamento e Produção Açucareira*. Funchal: Governo Regional da Madeira, Secretaria Regional da Educação Juventude e Emprego.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. (19 de Abril de 2023). Obtido de Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: <https://dicionario.priberam.org/taxidermia>
- Ferreira, D. (4 de Junho de 2024). *Pme*. Obtido de *As Consequências da Revolução Verde*: <https://pme.pt/revolucao-verde/>
- Foster, H. (1983). *The anti-aesthetic essays on postmodern culture*. Port Townsend, Washington: Bay Press.
- Heidegger, M. (1951). *Construir, habitar, pensar*. Pfullingen: LaOficina.
- Hutton, J. (11 de Outubro de 2015). "Fazer paisagem". *Arquitetura Paisagista*(11), 6-12. Obtido de <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://apap.pt/wp-content/uploads/2017/09/AP-11-Out-2015.pdf>
- King, J. (2 de Agosto de 2004). Obtido de *Prolegomena to a history of the ukele*: <https://web.archive.org/web/20040803005054/http://www.ukuleleguild.org/history.php>
- Kostof, S. (1995). *A history of architecture, settings and rituals*. Nova Iorque, Oxford: Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780195083781.001.0001>
- Kuma, k. (2009). Entrevista a Kengo Kuma. (M. T. Falcão, Entrevistador)
- Lima, R. d. (1993). *Cestaria tradicional portuguesa*. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional.
- Mann, C. C. (2011). "The birth of religion". *National Geographic*, 34-59. Obtido de https://www.gilbertschool.org/uploaded/departments/Social_Studies/9thgrade_worldhistory_honors_summer_read.pdf
- Matos, R. C. (2022). *Arquitetura e turismo na Madeira, (Des)Continuidades Históricas*. Funchal: Direcção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira.
- McHarg, I. L. (1969). *Design with nature*. Nova Iorque, Garden City: American Museum of Natural History. Obtido em 25 de Agosto de 2023

- Mestre, V. (1997). *Levantamento da arquitectura popular do arquipélago da Madeira*. Évora: Universidade de Évora. Obtido em 4 de Dezembro de 2024
- Nesbitt, K. (1996). *Theorising a new agenda for architecture*. New York: Princeton Architectural Press. Obtido em 12 de Janeiro de 2024
- Norberg-Schulz, C. (1979). *Towards a phenomenology of architecture*. Edinburgh: Rizzoli. Obtido em 6 de Novembro de 2024
- Pestana, C. A. (1985). *A Madeira, cultura e paisagem* (1 ed.). Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura. Obtido em 18 de Setembro de 2023
- Petit, P. (1997). *El Ciber mundo, la política de lo peor*. (P. Virilio, Entrevistador) Madrid: Catedra. Obtido em 9 de Outubro de 2023
- Petroni, M. (2021, Novembro 26). "*Civita di Bagnoregio, the dying town between depopulation and overtourism*". Retrieved Maio 21, 2023, from Sustainable Cities: <https://www.domusweb.it/en/sustainable-cities/gallery/2021/11/19/civita-di-bagnoregio-the-dying-town-between-depopulation-and-overtourism.html>
- Pickens, A. (2022). *Madeira Ilustrada*. Imprensa Académica. Obtido em 15 de Julho de 2024
- S.A. (23 de 08 de 2017). *O que são as Levadas da Madeira?* Obtido em 6 de Março de 2023, de Walk Me Guide: <https://walkmeguide.com/pt/what-is-a-levada/>
- S.A. (8 de Abril de 2020). *A cana de açúcar e a ilha da Madeira*. Obtido em 25 de Novembro de 2022, de Madeira Best: <https://blog.madeira.best/a-cana-de-acucar-e-a-ilha-da-madeira#>
- S.A. (20 de Março de 2020). *S/título*. Obtido em 25 de Julho de 2023, de Instituto das Florestas e Conservação da Natureza: <https://ifcn.madeira.gov.pt/areas-protegidas/parque-natural-da-madeira.html>
- S.A. (2022). *Cestaria de vime*. Obtido em 15 de Maio de 2023, de Saber Fazer Portugal: <https://programasaberfazer.gov.pt/arte/cestaria-de-vime>
- S.A. (25 de 03 de 2024). *Shadow Map*. Obtido em 19 de Maio de 2023, de Shadow Map: <https://app.shadowmap.org/?lat=32.71821&lng=-16.96906&zoom=15.20&azimuth=0.00000&basemap=map&elevation=nextzen&f=29.0&polar=0.52360&time=1711362474697&vq=2>
- S.A. (s.d.). *Sabe o que é um poio?* Obtido em 3 de Julho de 2023, de Somos Madeira: <http://www.somosomeira.com/2015/07/sabe-o-que-e-um-poio.html>
- Saint-Maurice, A. (11 de 7 de 1987). *A vida no Curral Das Freiras*. Funchal, Ilha da madeira, Portugal: RTP. Obtido em 21 de Novembro de 2023
- Silva, R. G. (Dezembro de 2020). *Rui Gonçalves Silva*. Obtido em 23 de Outubro de 2022, de <https://www.ruigoncalvessilva.com/trabalhos/o-sector-da-obra-de-vime-na-madeira-do-apogeu-ao-declínio>
- Simmonds, J. (23 de Novembro de 2017). "*History of the grand tour*". Obtido em 12 de Dezembro de 2024, de The Educated Traveller: <https://educated-traveller.com/2017/11/23/history-of-the-grand-tour/>

- Távora, F. (2006). *Teoria geral da organização do espaço*. Porto: FAUP. Obtido em 30 de Janeiro de 2025
- The Access Fund. (2008). Bouldering. Em T. A. Fund, *Cimbing manegement. A guide to climbing issues and the development of a climbing management plan*. (pp. 39 - 41). Boulder: The American Alpine Club. Obtido de The Access Fund.
- Vieira, A. (2008). A História do turismo na Madeira. *Revista de la Escuela Universitaria de Turismo Iriarte*. Obtido em 30 de Agosto de 2024
- Vieira, A. (2015). *As levadas. Os caminhos de água na Madeira*. Funchal: CEHA-SRETC-MADEIRA. Obtido em 21 de Fevereiro de 2023
- Vieira, Á. S. (2009). *textos 01*. Porto: Civilização Editora. Obtido em 17 de Setembro de 2023
- Vieira, Á. S. (2012). *Imaginar a Evidência*. Edições 70. Obtido em 16 de Março de 2023
- Wilde, W. R. (1844). *Narrative of a voyage to Madeira, Teneriffe and along the shores of the Mediterranean, including a visit to Algiers, Egypt, Palestine, Tyre, Rhodes, Telmessus, Cyprus, and Greece. With observations on the present state and prospects of Egypt and Palestine*. Dublin. Obtido em 20 de Abril de 2024
- Zumthor, P. (2006). *Atmospheres: architectural environments, surrounding objects*. Basel: Barkhauser. Obtido em 3 de Maio de 2023
- Zumthor, P. (2006). *Thinking architecture*. Basel: Birkhäuser. Obtido em 4 de Maio de 2023

Anexos

Entrevista com Sr. Manuel “Abel”



Entrevistador: Boa tarde, e obrigado por nos receber aqui na sua oficina de trabalho. Vou começar por perguntar como se chama.

Entrevistado: Boa tarde, o prazer é meu. Chamam-me Manuel Abel.

Entrevistador: Como vemos, trabalha com a arte do vime. Há quanto tempo?

Entrevistado: Já trabalho há cerca de 55 anos, mas não como trabalho diário.

Entrevistador: Aprendeu com alguém ou sozinho?

Entrevistado: Eu tinha um tio que fazia os cestos. Eu ia para lá, aos poucos, via-o fazer e depois tentava fazer por mim. Contava os vimes — claro, tinha de ser vimes contados — e depois ia para a beira da ribeira, dentro dos vimieiros, arranjava uma pedra mais ou menos chã e fazia os cestinhos mais pequeninos. Primeiro começamos por esses, e quando não saíam muito bons — às vezes pareciam latas de tinta de cinco litros, sem jeito nenhum — pegava neles e deitava de lado. Não fazia caso, mas também não desanimava. Fui fazendo e fazendo, porque ninguém nasce ensinado.

Entrevistador: Quantas pessoas, na altura, faziam cestos de vime?

Entrevistado: Havia dois da igreja para baixo, no Cumeal tinha um, na Fajã Escura havia três. No total, deviam ser uns oito.

Entrevistador: Plantava-se muito vimeiro aqui na freguesia?

Entrevistado: Ao lado dos ribeiros, dos corgos onde havia água. O vime precisa de água enquanto não ganha raiz. Depois, quando já está com uma raiz forte, tipo um pinheiro, já não precisa de tanta água. Mas no início tem de ter água, senão morre.

Entrevistador: E onde se costumava plantar os vimeiros?

Entrevistado: Em todos os sítios. Não havia nenhum canto da freguesia sem vimeiros. Hoje em dia há uns aqui e outros acolá. Houve uma altura em que ninguém apanhava vimes.

Entrevistador: Não compensava?

Entrevistado: Não compensava porque não havia pessoal suficiente para trabalhar com eles, nem havia venda para o estrangeiro como antes. Então, se não havia venda, as pessoas não iam fazer os cestos. Só mais tarde comecei a apanhar uns vimieiros, a cuidar deles, e eles foram refilhando. Quanto mais se apanha, mais desenvolvem. Os vimieiros são como a vinha — se não se poda, perde-se. Não dá o cacho preto, fica tudo mal. O vimeiro é igual: se passas um ano sem apanhar, os vimes já não prestam para trabalhar, já não são direitos. Um vime de um ano... olha *mostra vime fino, flexível*, com isto faz-se o que se quiser — liaça, miolo, tudo.

Entrevistador: Atualmente vende os produtos ou faz por gosto?

Entrevistado: Faço os cestos para vender. É para ganhar algum, não é só por gosto. Tenho gosto em fazê-los, mas não vou trabalhar só para aquecer. Tenho um pedaço de terra onde trabalho, mas em tempos livres — depois do almoço, ou num dia de chuva — faço alguma coisa com os vimes. Não é trabalho o dia todo, é como um part-time.

Entrevistador: Como é então todo este processo?

Entrevistado: Dá muita volta. Nos primeiros três anos é só para desenvolver o vime. A partir dos três anos, podando todos os anos, vai refilhando. Só precisa de ser regado. Com cinco a dez anos, rega-se uma vez por mês, dependendo de onde está. Tem de ter terra fundável e água perto. Desde que tenha água ao pé de uma ribanceira, nasce um vimeiro.

Entrevistador: No Poço dos Chefes havia vimeiros?

Entrevistado: Dava vimes lá, sim senhor. Se houvesse umas plantações ali, dava. Tem é de ter água, senão morre.

Entrevistador: Após podar o vimeiro, o que se faz?

Entrevistado: Depois de cortar, traz-se para o pé do caldeiro. É preciso lenha e água, e tem de ferver pelo menos quatro horas para tirar a casca.

Entrevistador: Reparei que tem vimes de várias cores. Como se obtêm essas tonalidades?

Entrevistado: Este ano foi a primeira vez que fizemos aquilo. Nunca tinha feito. Esse vime preto foi ao caldeiro duas vezes. Primeiro para tirar a casca. Depois, sem secar, vai outra vez ao caldeiro — agora com a água escura da casca — para tingir. Fica lá uma noite ou 24 horas. Quanto mais tempo, melhor a cor. Quando o tiras e secas, aquela cor já não sai. Quem vê até pensa que está pintado.

Entrevistador: E aqueles vimes brancos?

Entrevistado: Esses não vão ao caldeiro. São postos num poço de água fria, à moda antiga. Antigamente, aqui na Madeira, nem havia caldeiros para ferver vimes. Eram podados, metidos numa poça de água com terra, sempre húmida. Ficavam ali dois ou três meses até ganharem raiz e folha. Depois malhavam-se numa laje ou pedra para desapegar a casca. Há uns 60 anos é que apareceram os caldeiros aqui no Curral. E foi bom, porque o vime fervido resiste melhor, entra menos caruncho e descasca-se mais rápido. Fica até com uma cor mais escura.

Entrevistador: Se se criasse um caldeirão comunitário, faria sentido?

Entrevistado: Claro que sim! Era preciso um espaço grande, tipo armazém, com zona de secagem e para o pessoal trabalhar.

Entrevistador: A secagem do vime pode ser só ao ar livre?

Entrevistado: Pode, mas se apanha 15 dias de chuva, fica com bolor. Se for para agricultura, vá que não vá. Mas se for para pôr frutas ou ter em casa, não pode ter bolor. Um armazém de metal com chapas por cima, onde o sol bate e aquece, seria ideal. Os vimes que tenho aqui dentro, duas ou três vezes por ano, tenho que os mudar de sítio para arejar, senão boloram.

Entrevistador: Quais são as dimensões habituais para um caldeiro?

Entrevistado: O importante é o comprimento. A largura e altura depende do que se quer. Pode ser do tamanho de um contentor, desde que dê para pôr e tirar vimes sem se escaldar. Há caldeiros que fervem 500 kg, 1000 kg, até 1300 kg. Já tive um de 1000 kg, e uma vez fervei 46000 kg aqui na Achada. Nessa altura contei 32 pessoas a trabalhar — homens e mulheres. Só homens eram oito — uns na lenha, outros a marrar, outros a bater vime. Hoje, quem descasca vime já são poucos. É mais gente com 40 anos ou mais, sem outro trabalho.

Entrevistador: Acha que podia voltar a ser viável?



Entrevistado: Gostava que houvesse mais desenvolvimento. Era comprar o Café Relógio e continuar lá. Eu faço só este tipo de cesto, que me entretém, mas há outros modelos. Eu não quis mais. Gosto de agricultura e disto também. Tenho prazer em trazer fruta e legumes num cesto destes. Se não for com 30 kg, trago 15 ou 20 — mas venho com gosto.

Em conversa:

Entrevistado: Havia vimes em todas as freguesias — Camacha, Santana, Boa Ventura, Faial, Porto da Cruz. Usava-se até para amarrar canas. Quando havia muito vime, fazia-se latadas com ele. Uns usavam arame, outros vime.

Entrevistador: Os mais finos?

Entrevistado: Sim, mas até os mais grossos serviam para amarrar paus. O vime verde pode podar-se e usar para amarrar um braçado de canas ou varas. Se não tens barbante, o vime faz o mesmo.

Entrevistador: Um material versátil, mas que dá muito trabalho...

Entrevistado: Dá, mas olha que eu ganhei. Não foi muito dinheiro... mas para viver, dá. Já não há é pessoal para fazer. Agora há caixas de plástico... Mas o vime tem sempre o seu lugar. Uns preferem baldes de plástico, outros gostam disto. Um cesto destes pode custar 15, 17, até 20 euros. E dizem “Caramba, que caro!”. Mas quanto tempo dura um cesto destes em cima de uma mesa, com flores ou fruta? Tem outro valor.

Entrevista com a Sra. Silvina Gonçalves.



Entrevistador: Como é que se chama?

Entrevistado: Sou Silvina Gonçalves.

Entrevistador: E já reside no Curral há quanto tempo?

Entrevistado: Já vivo no Curral há 69 anos.

Entrevistador: E gosta de viver cá?

Entrevistado: Gosto! Não me vejo a viver noutra sítio.

Entrevistador: E porquê?

Entrevistado: Eu sei lá, já tive fora. Não foi muito tempo, mas já tive emigrada. Mas enquanto não cheguei aqui o meu coração não estava descansado. E aqui eu vou, por exemplo, ao Funchal, claro que a gente sai para cá ou para lá ou fazer uma viagensinha, mas eu estou sempre ansiosa para vir para o meu cantinho. O silêncio, a paisagem. O ar. O ar que é do melhor. E aqui a poluição não é agora, pois já vai vindo carros até cá, mas antes nem isso. E aqui que tem é as minhas raízes. Seja onde for, onde a pessoa nasce, acho que deita sempre uma raizinha que custa arrancar.

Entrevistador: Como já tinha dito, vim aqui para procurar um pouco mais sobre a gastronomia do Curral. O que é que acha que é a gastronomia do Curral? O que é que se chama na gastronomia do Curral?

Entrevistado: Antigamente, era uma gastronomia, mas à base dos produtos da terra, não é? Era mais natural. Hoje, já não se pode dizer que o Curral tem essa alimentação, porque isto é transversal a todo o mundo. Vai evoluindo, vai vindo novos produtos, as pessoas vão aderindo. Mas ainda se valoriza muito as sopas, as caseiras, muito. Nomeadamente a Sopa de Castanha, que é muito famosa, deverá saber isso? A Sopa de Castanha, a Sopa de Trigo, de Cevada, a Sopa de Couve, que a gente agora diz uma Sopa de Couve, vai lá, é um arroz com couve, uma massa com couve, mas Sopa de Couve, propriamente dita, era só a couve, feijão, inhame, semilha, carne de porco, era com esses ingredientes que faziam a Sopa

de Couve, não levava massa nem arroz, era produto da terra, a carniinha da que salgava do porco, e eu ainda faço isso às vezes.

Entrevistador: Atualmente existem outras acessibilidades, que não obriga a praticar esse tipo de produção.

Entrevistado: E ainda é bem que a gente agora pode usufruir de uma e de outra. Isso é sempre uma vantagem, mas claro que a de cá é sempre melhor. Tem outro sabor. Aliás, muita gente é de opinião que, por exemplo, as semilhas... claro, aqui na Madeira, é semilha e ponto. As semilhas do Curral dizem que são muito mais saborosas do que de certas freguesias por aí. Conheço pessoas que trazem semilha da terra deles e vendem para comprar desta daqui para comerem lá. Pode ser ilusão. Mas eu sei que é bem gostosa. E isso deve ser pela qualidade do terreno. O clima aqui é diferente, estava acabando de dizer, é a humidade. Por isso, abundam as castanhas.

Entrevistador: Queria por perguntar pelo famoso Brigalhó, o que é o Brigalhó?

Entrevistado: O Brigalhó, portanto, é um tubérculo que nasce espontaneamente nos terrenos, a gente não planta. O Brigalhó. É da família do inhame, mas é muito diferente.

Entrevistador: Mas se quisermos plantar, é possível plantar?

Entrevistado: Eu penso que sim. Ele é selvagemzinho. Mas é, a gente vai quando... E nunca mais cavei, que não tenho forças para isso. E não há paciência para isso, mas gosto. Gosto muito disso e sei como é que se faz. Aliás, eu também sou um bocadinho alérgica para lavá-lo, faz muita comissão nos braços e deixei-me um pouco. Mas se quisesse arranjar uma panela disso, era aí para os terrenos, aí que tem em cada canto há um monte de Brigalhó. E debaixo de pomares, é assim, é espontâneo. Não sei se alguém já tentou domesticá-lo, cultivá-lo, não sei.

Entrevistador: Uma das minhas ideias, como você tinha explicado, era voltar a colocar o vime, mas na parte da gastronomia era fazer uma espécie de restaurante que se baseasse na plantação própria, ou seja, plantavam para colher. Claro que nem sempre é possível na sua totalidade, não é? Porque para produzir para várias pessoas, vamos pôr 30 a 40 pessoas diariamente, não é possível. Exatamente num espaço mais pequeno. Mas não entendo poder ter parte da sua cozinha ser complementada pela plantação, a cultura própria e com base nos pratos tradicionais. Por exemplo, inclusive o Brigalhó, eles também me falaram da Cabrito, o Salgado, a cabra salgada, que a gente chamava carne corada.

Entrevistado: Corava-se com o sal? Com o sal e o sol. A carne convém que seja de uma cabra madura, uma rês madura, depois é bem salgada, durante uns dias fica numa salgadeira, a criar uma salmoura, pois pega-se naquela carne, põe-se a escorrer numa caixa, antigamente a gente enfiava-se num bordão os pedaços, pendurava-se e às vezes ainda se faz, pendurava ao sol, fica ali a secar e à noite guardávamos, por causa do sereno, para ela não humedecer. E depois dela estar bem seca, tipo bacalhau, fica quase como bacalhau. Então se guarda e quando a gente quer cozinhar, demolha-se, sei lá, durante uma noite, pelo menos tem que ser, mudar a água, para que ela fique em condições de por a cozinhar. Isso faz uma sopa de trigo fantástica.

Entrevistador: Quando somos mais novos, eu acho que temos uma certa ignorância à cultura que temos à nossa volta e consigo perfeitamente distinguir, não é pela maneira que se faz, mas mesmo pela comida em si que vinha ao Curral. Era diferente, tinha outros sabores. Não é que seja melhor ou que seja pior, mas sentia isso, e só hoje em dia é que começa a entender que realmente havia uma identidade na culinária, mesmo do Curral das Freiras.

Entrevistado: E ainda hoje, aliás, voltando à da castanha, nesse tempo antigamente era só a sopa, ou então cozidas, que chamavam-se castanhas em seco, que se cozia com semelhas, pimpinelas, batatas, para comer assim, não havia outro acompanhamento. Hoje a castanha já é usada... para fazer sopa, para fazer em bolos, para fazer em...



Entrevistador: Sim, já se faz mais um pouco de tudo.

Entrevistado: Tanto, é usada para tanto fim, até pudins, licores, tudo isso. Aproveita-se para tudo. E ainda é bom, o licor também já tem uns anos, já... Desde que começou a festa da castanha, a casa do povo começou a dinamizar também a cultura da castanha e, bem...

Entrevistador: É das festas que mais enche, é a festa da castanha, não é?

Entrevistado: A maior festa no Curral, não tenha dúvida, é a festa da castanha. Já tem uns 30 anos. A malta, muitas vezes ainda vem pela festa, mas vêm muito mais pessoas já com idade dos 40, 30, que vêm mesmo para levar um licor de castanha para casa, levar uma broa de castanha, ou levar mesmo só castanha para casa. E pela tradição. Que o Pão-por-Deus, aquele dia do Pão-por-Deus. Hoje o Curral não conhece o dia do Pão-por-Deus, é a festa da castanha. A festa da castanha. Mas é o Pão-por-Deus. E os produtos que se vendem, é o pero, é a castanha, as nozes, que há muitas nozes também, o seu avô aliás também tinha... E pronto, eles vêm, esses de mais idade já vêm por esses produtos também. Mas os jovens vêm, vêm vindo e vão continuar.

Entrevistador: É o que eu estava a dizer agora, aquela ignorância da idade de jovem. Porque apesar de nós não... Talvez naquele momento não prestarmos 100% de atenção, como está a dizer, vamos apanhando alguma coisa ali, e mais tarde faz tudo mais sentido.

Entrevistado: É, pronto, a tradição é isso. Nas festas, era o cabrito guisado, não podia faltar nas festas do Espírito Santo, na visita do Espírito Santo. Nas festas de agosto o cabrito guisado era muito famoso também. Antigamente coziam o arroz, não era como agora, que tinha azeite. Nesse tempo o arroz era raríssimo, não havia senão nas festas. O arroz era algo escasso, não era um produto raro, era raríssimo. Até às vezes as pessoas brincavam assim: “eu quero é que haja noivos para a gente comer arroz.” Mas na altura não se jogava o arroz! Era para comer, agora é que se joga!

Entrevistador: E como é que se cozia?

Entrevistado: Com um pedaço de carne porco. Quem não queria comer a carne, não comia, mas ficava o arroz saboroso. A carne já era salgada, portanto não precisava de mais nada. E aquele arroz era saboroso. Agora a gente coze arroz, não sabe como nesse tempo, mas deve ser tudo igual. Até na primeira oitava, quando a gente ia à casa da minha avozinha. O prato principal era o arroz de couve com carne de porco. Aquilo era um prato rico, porque era o tal arroz que aparecia. E aquilo era tão bom. Hoje é um prato banal.

Entrevistador: Pois, arroz é o mais barato que se arranja. Antigamente, se fosse agora comparar, o que seria o substituto do arroz? Não era um substituto, nem sequer havia na altura, mas o que é que complementava no prato o arroz? Talvez o Brighalho ou a semilha?

Entrevistado: O Brighalho era só no mês de maio e junho que aparecia. As pessoas coziam uma vez ou duas e cozinhava-se uma panela de ferro cheia. Que ele dava para vários dias. Mas também não sei se precisava ou não que explicasse como é que se fazia?

Entrevistador: Você pode explicar, não é essencial, mas pode explicar. É cultura.

Entrevistado: É cultura, exato. Portanto, a gente ia arrancar o Brighalho, lavar de preferência em água corrente, bem lavado, tiradas aquelas barbas, que ele tem muitas barbas. E, depois, coloca-se numa panela grande uma camada de erva que se chama azedas. Azedas no fundo e arrumava-se o Brighalho. Pois, à volta íamos pondo o Brighalho, não encostava à panela, até para não colar com o calor do lume e para tirar aquele queimor. Porque aquele tem o queimor do género do gengibre.

Entrevistador: Mas é mais intenso do que o gengibre?

Entrevistado: É, mais intenso. Que se calha na boca, aquele sumo... Ai, Jesus. Põe-se ao lume, um dia à tardinha, por exemplo, bem tapado com as azedas e sal.

Entrevistada: Bastante, pois aquilo vai fervendo, vamos juntando mais água, e vai-se gastando com tanta água. Às vezes, antes de irmos dormir, eles já estavam a começar a abrir a reguar.

Entrevistador: Ou seja, mas demoram bastante, então?

Entrevistada: Demoram sim. Como eles dizem, são 24 horas a cozer, mas não é bem assim. Mas, por exemplo, se dissermos que são 5 horas a cozer, já é bastante tempo. Leva, leva, leva. Bom, por exemplo, hoje em dia usa-se o gás — antigamente usava-se lenha. A lenha, de certa forma, não era tão cara, para assim dizer — hoje em dia já é. O gás é mais barato. O gás é mais barato que a lenha. Mas antigamente era só o essencial.

Entrevistador: Era mesmo o básico...

Entrevistada: Era só o essencial. Na minha infância, na adolescência, não se tinha fogões. Havia gás. E depois, tinha a vantagem de que, mesmo quando a lenha deixava de arder, a brasa ainda aguentava mais uma hora. Ou seja, mantinha-se a lei ao lume. Chegávamos a de manhã, voltávamos a acender o lume para essa panela, naquele processo de ir deitando águas. Até 10, 11 horas depois, deixávamos aquilo em lume brando. Mas se não houver cuidado, esmigalha-se com a tábua do...

Entrevistador: Tem que acertar no ponto certo...

Entrevistada: Exatamente, é preciso saber o ponto. Mas é muito bom. E depois, aquele descascado e frito em banha. Ou então na panela, como a minha sogra fazia, que era muito bom. Punha banha no fundo da panelinha de ferro, segurava ali. E depois então cozinhava com água. E o brigadeiro era tipo frito naquele... já tinha sido cozido, mas parecia frito naquela gordura. Olha, segurava ali. Lá punha água. E aí, a banha de porco. E aquilo ficava um brigo, bem saboroso. Melhor do que na frigideira. Mas a ideia também é boa, fritar. É a textura daquilo, é...

Entrevistador: Como é que é?

Entrevistada: É tipo semilha.

Entrevistador: Ah, é tipo semilha, pronto.

Entrevistada: É, é um emema. É o toque de ouro, é isso mesmo. Mas posso-lhe dizer: se tiver alguma pergunta, é só dizer.

Entrevistador: Estou a pensar agora, a ver o que mais se pode saber sobre... Ah, mais acompanhamentos?

Entrevistada: Não, não. Era mais o trabalho que dá... Para mim, entrei sem saber. Eu não sabia bem o que estava a dizer, todos os pormenores.

Entrevistador: Claro, claro. Mas depois, no trabalho, acaba por ficar extenso, com tanta informação... tem que se resumir.

Entrevistada: Resumir, pois.

Entrevistador: Pois é. No fundo, como é que posso... tentar valorizar o património da gastronomia como um ponto importante? Por exemplo, acha que as pessoas, ainda hoje, apesar de todas as mudanças que foram acontecendo ao longo do tempo e do acesso a outros ingredientes, ainda mantêm práticas da culinária tradicional?

Entrevistada: Sim, sim. Porque muitas vezes ainda se trabalha na agricultura. Aproveitam-se os produtos da terra. E agora, cada vez mais — ao princípio não era tanto — os produtos estão a voltar a ganhar valor. É bom quando a gente vai à fazenda, traz um punhado de feijão, umas maçarocas. Umas, duas sementes. Chega-se a casa, cozinha-se com sal, e está o almoço feito. Se tiver peixe ou carne da dispensa, tudo bem. Se não, também não faz falta.

Entrevistador: Não faz falta?

Entrevistada: Não me faz. Se vir bem...

Entrevistador: Sim, claro. Percebo.

Entrevistada: E às vezes eu nem cozinho carne porque nem calha. Às vezes é mais por causa deles. Se fosse por mim, acho que passava mais dias sem carne. Porque era bom. Sim, a carne é boa, mas é demais. Acho que devíamos fazer uma dieta, às vezes, sem carne nenhuma — ou ir alternando carne e peixe — para quebrar um bocadinho esse ritmo.

Entrevistador: Claro, variar...

Entrevistada: É isso mesmo. Se fosse só para mim, muitas vezes comia só o que vinha da fazenda. E quem dizia isso? Desde cedo, a gente foi assim.

Entrevistador: Pois, pois. Fica-se satisfeito e sente-se bem com esse tipo de alimentação.

Entrevistada: Pois, é diferente, é mais leve, faz mais sentido. E não sei, talvez até psicologicamente a gente saiba que aquilo é mais saudável.

Entrevistador: Está, percebo. Acho que é isso. Você sabe bem. Sabe, olha, aquilo vem da lei, e a gente só tem uma batata, e lembra-se que estava ali naquela...

Entrevistada: Está, percebi. Eu acho isso engraçado.

Entrevistador: Tem história, não é?

Entrevistada: Tem história. Aquilo que a gente põe no prato, a gente conhece. Pois tudo isso tem raízes, dá mais sabor à comida. Literalmente, é assim.

Imagens da maquete





Imagens da apresentação pública da dissertação



Figura 71. Costa da ilha da Madeira



Figura 72. Picos da ilha



Figura 73. Vale do Curral das Freiras



Figura 74. Ruas e contexto urbano da freguesia.



Figura 75. Leito da ribeira



Figura 76. Acessos

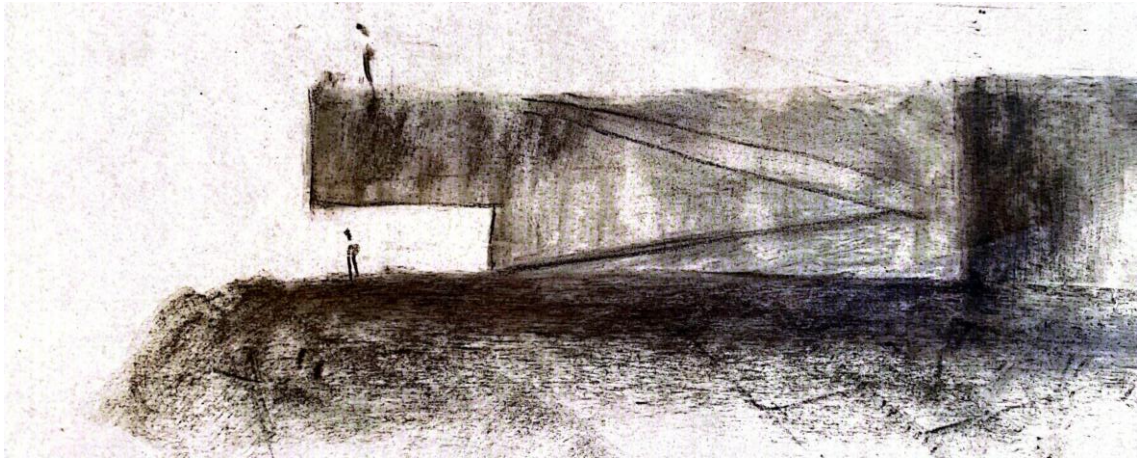


Figura 77. Esquiço do acesso.

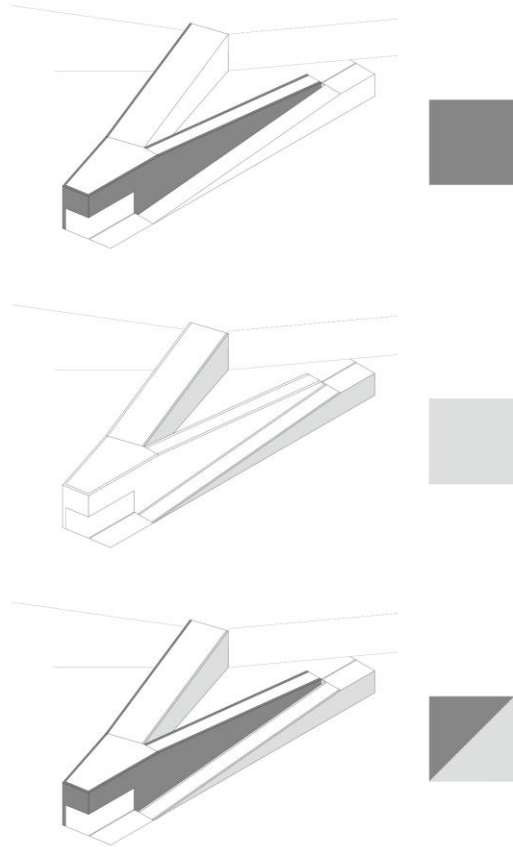


Figura 78. Materialidades

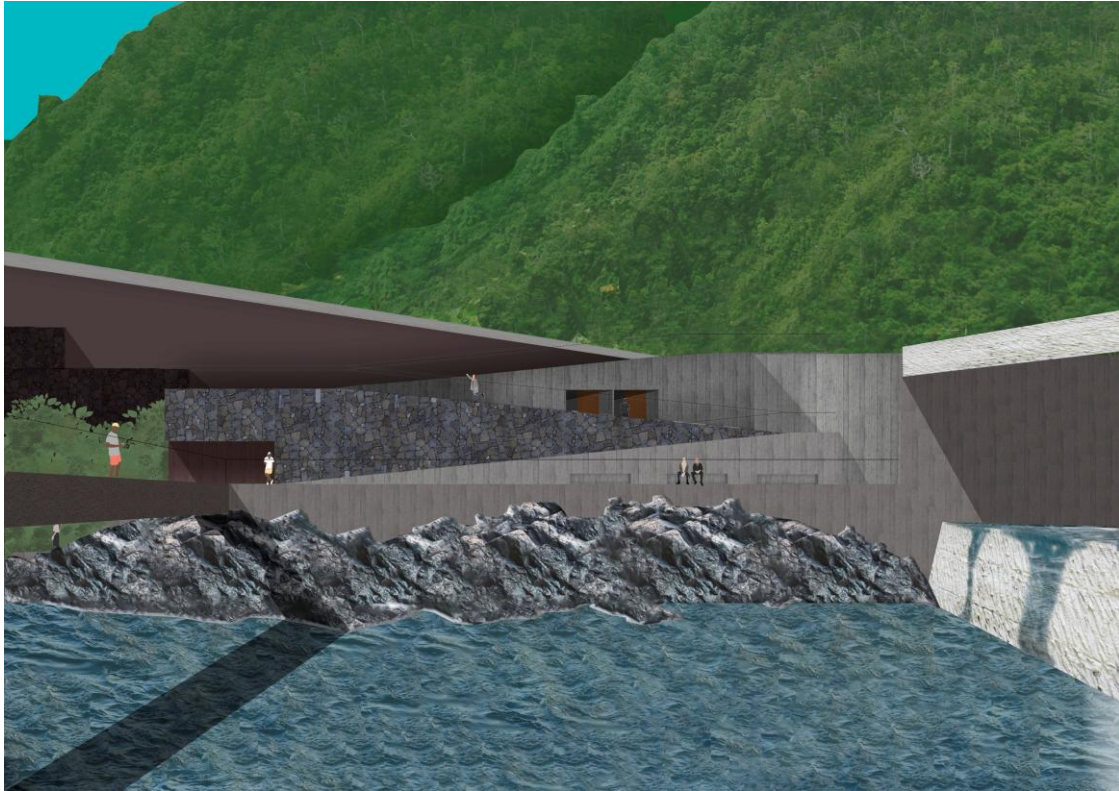


Figura 79. Alçado do edifício de acesso.



Figura 80. Restaurante.

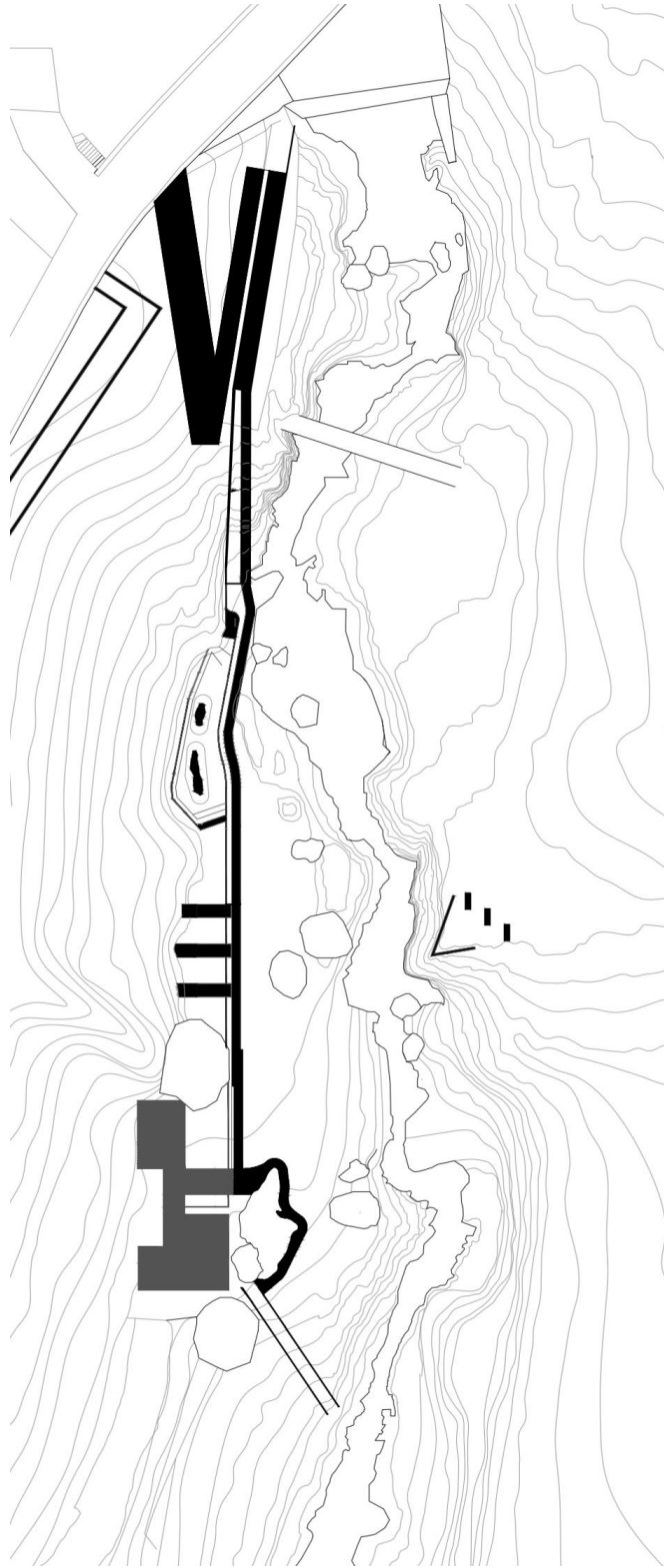


Figura 81. Planta com proposta



Figura 82. Contexto da paisagem do Poço dos Chefes.

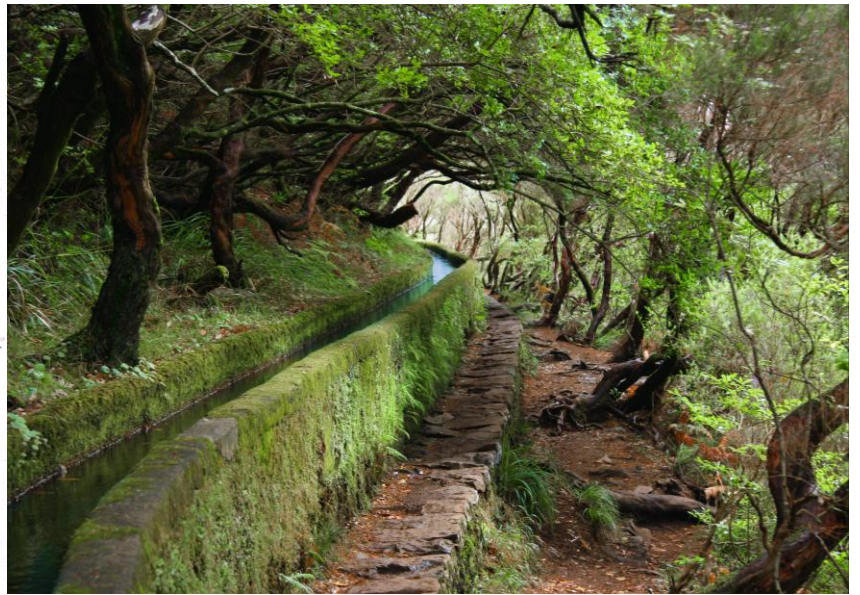
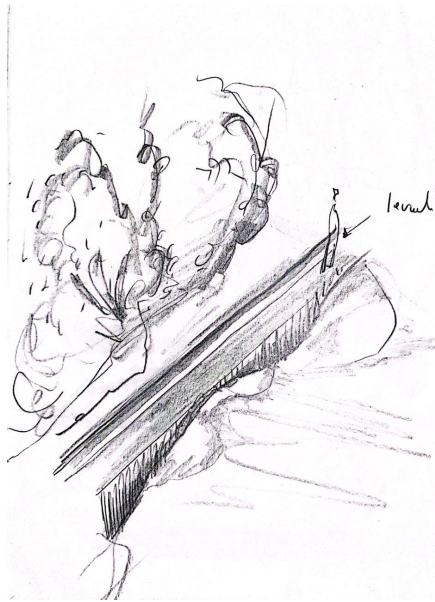


Figura 84. Levadas



Figura 83. Relação entre os cursos de água e a circulação pedonal.

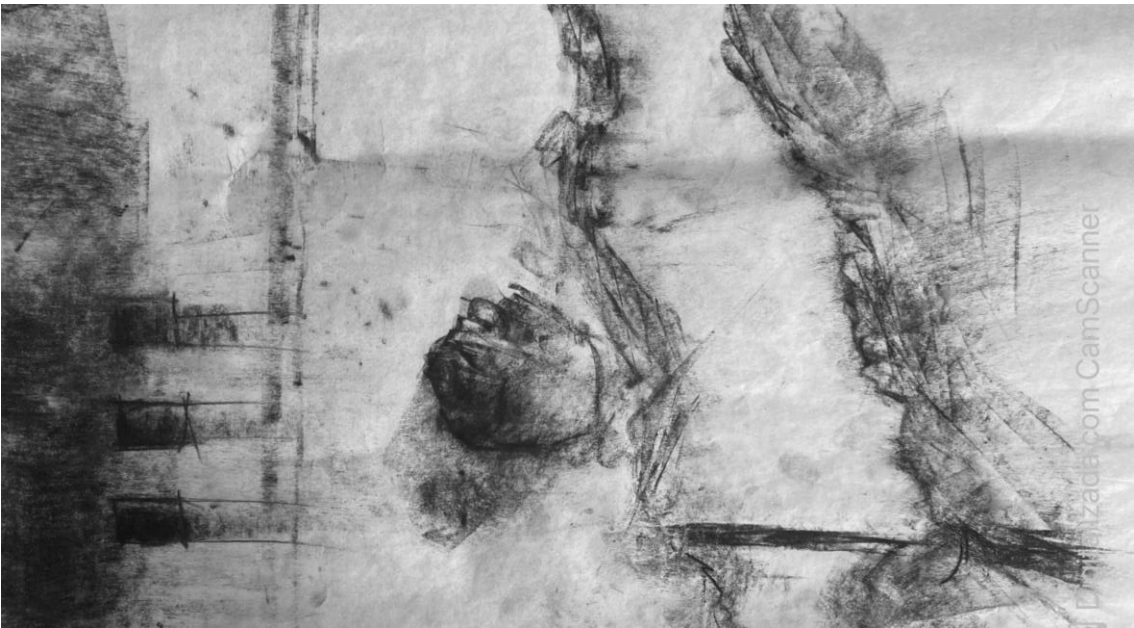
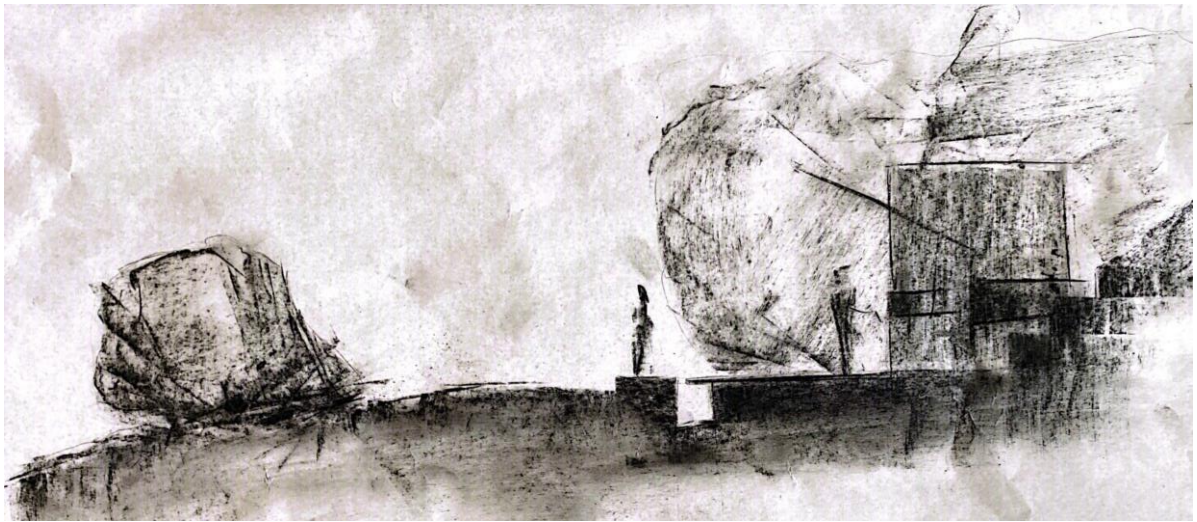
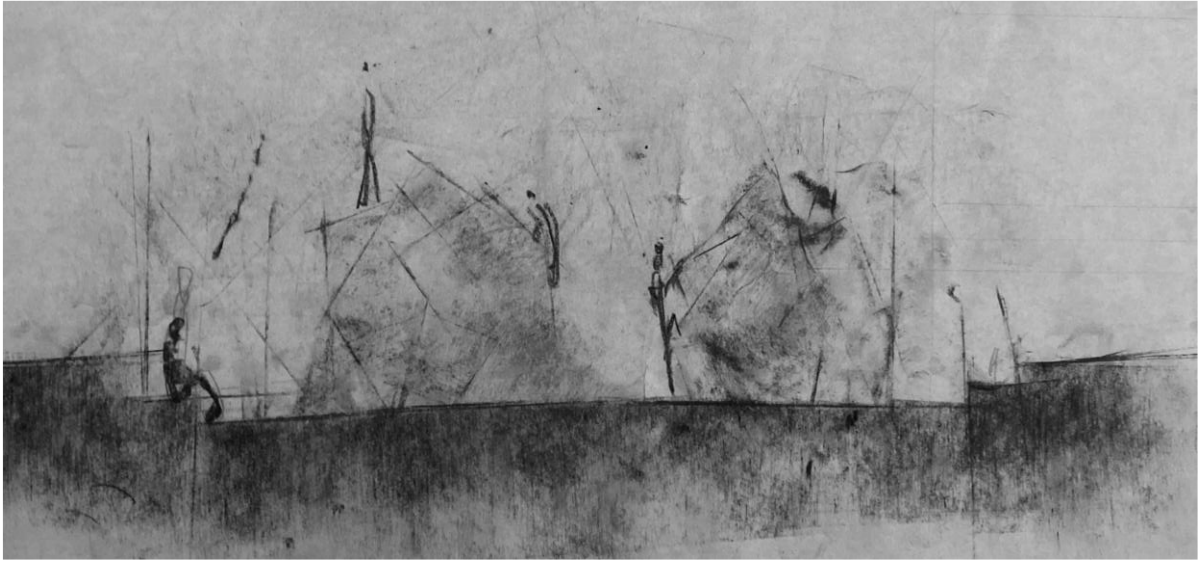


Figura 85. Esquiços de proposta.

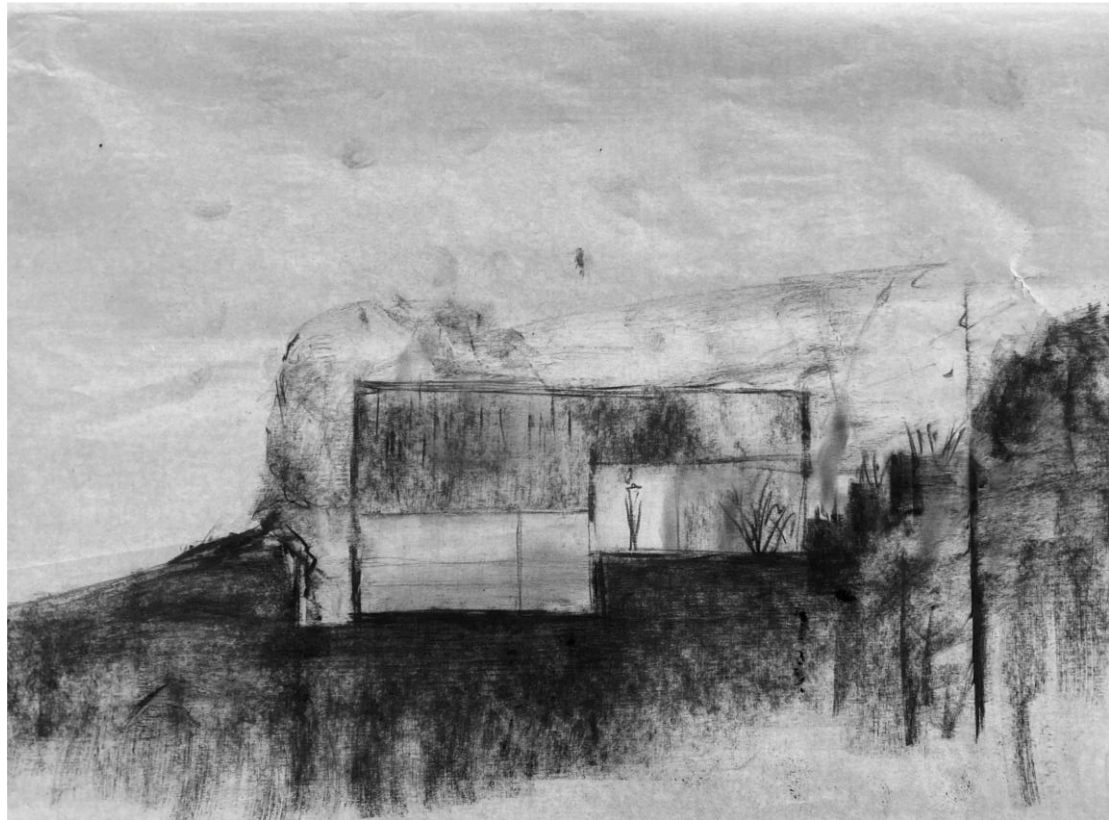
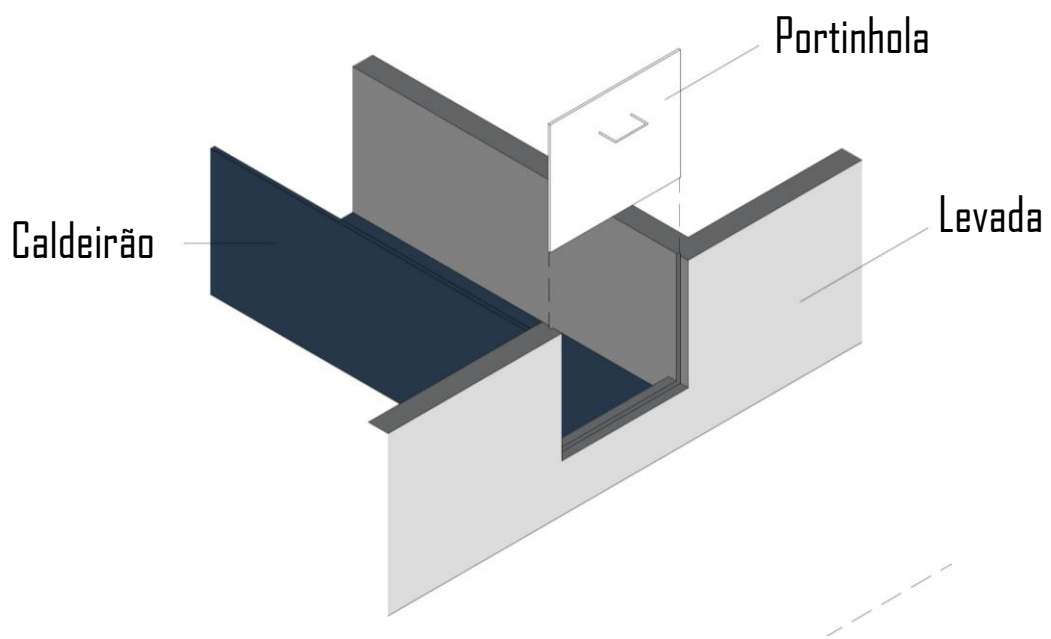
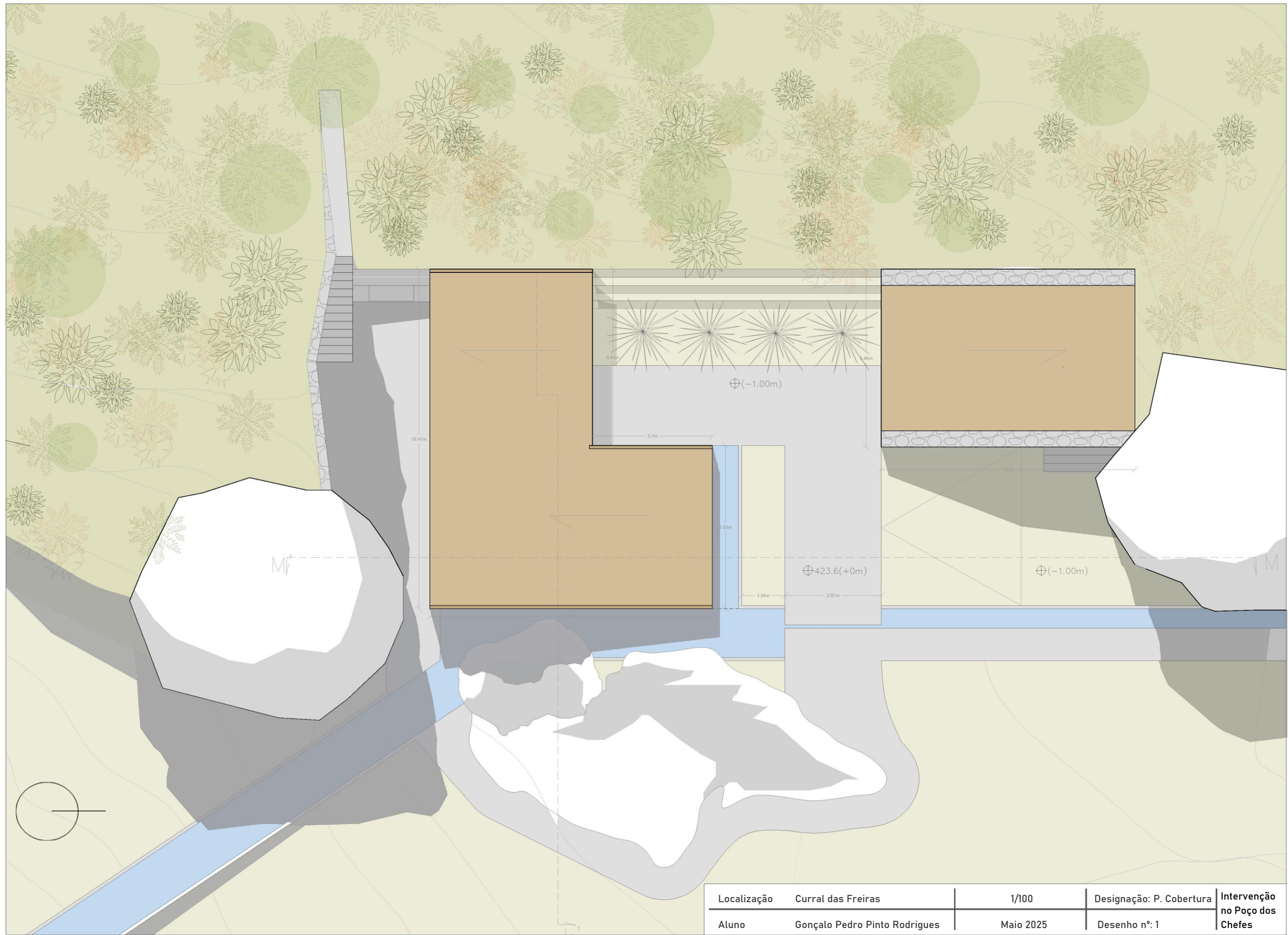


Figura 86. Centro de processamento de vimes.

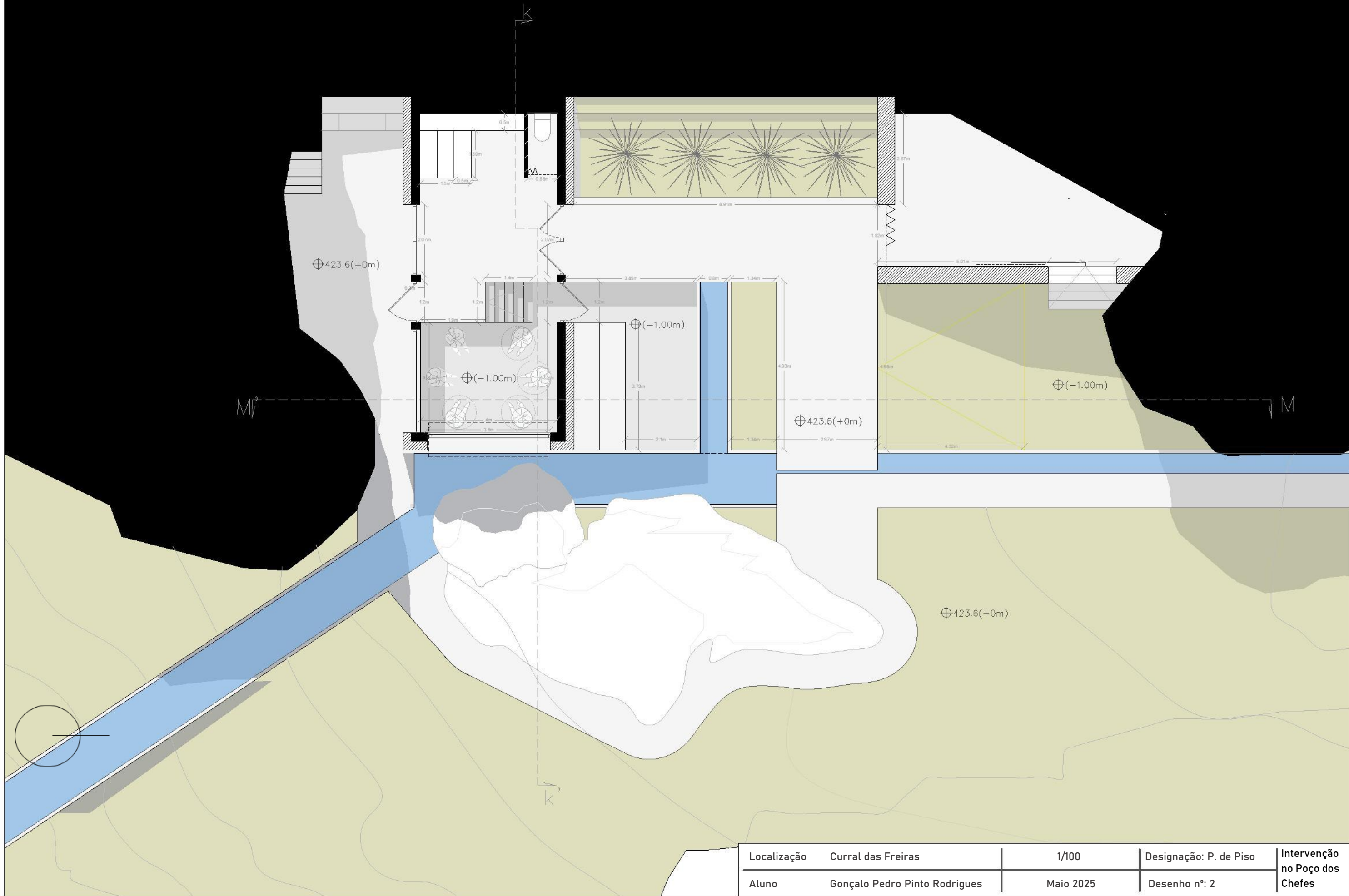


Peças Desenhadas

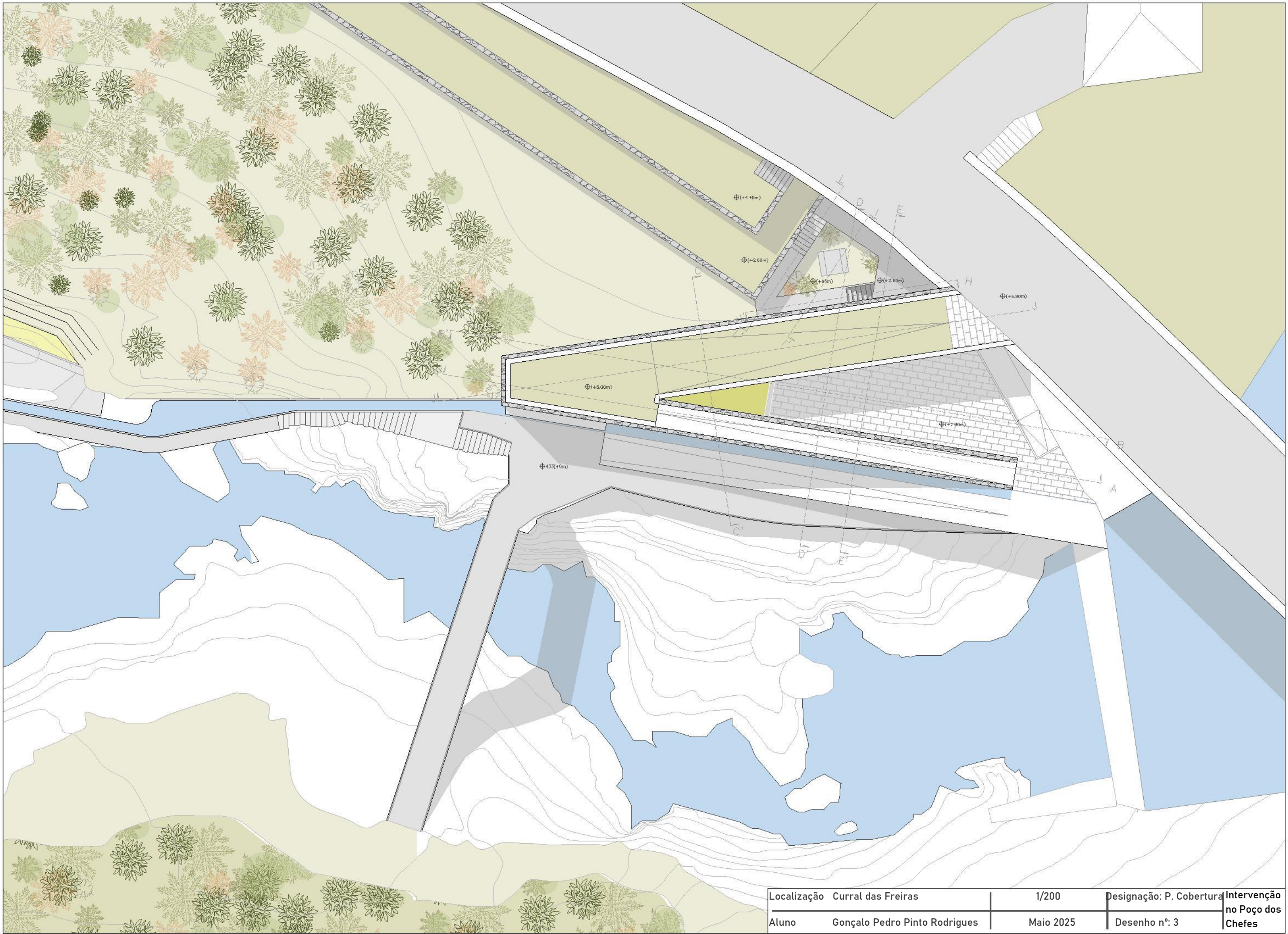
Planta de cobertura do Centro de Processamento do Vime.	1
Planta de piso do Centro de Processamento do Vime.	2
Planta de cobertura dos balneários e restaurante.	3
Planta de piso dos balneários e poios.	4
Planta de piso do restaurante.	5
Corte D – D'.	6
Corte C – C'.	7
Corte B – B'.	8
Corte J – J'.	9
Cortes H -H', I – I', L - L'.	10
Planta de cobertura do Bouldering Gym.	11
Pormenores construtivos.	12
Planta de cobertura das churrasqueiras.	13
Corte K – K'.	14
Corte M – M'.	15
Alçados do Centro de Processamento do Vime.	16
Corte O – O'.	17
Alçados Este e Oeste do balneário e restaurante.	18
Planta de cobertura do poço e zona de contemplação.	19
Corte O – O'.	20



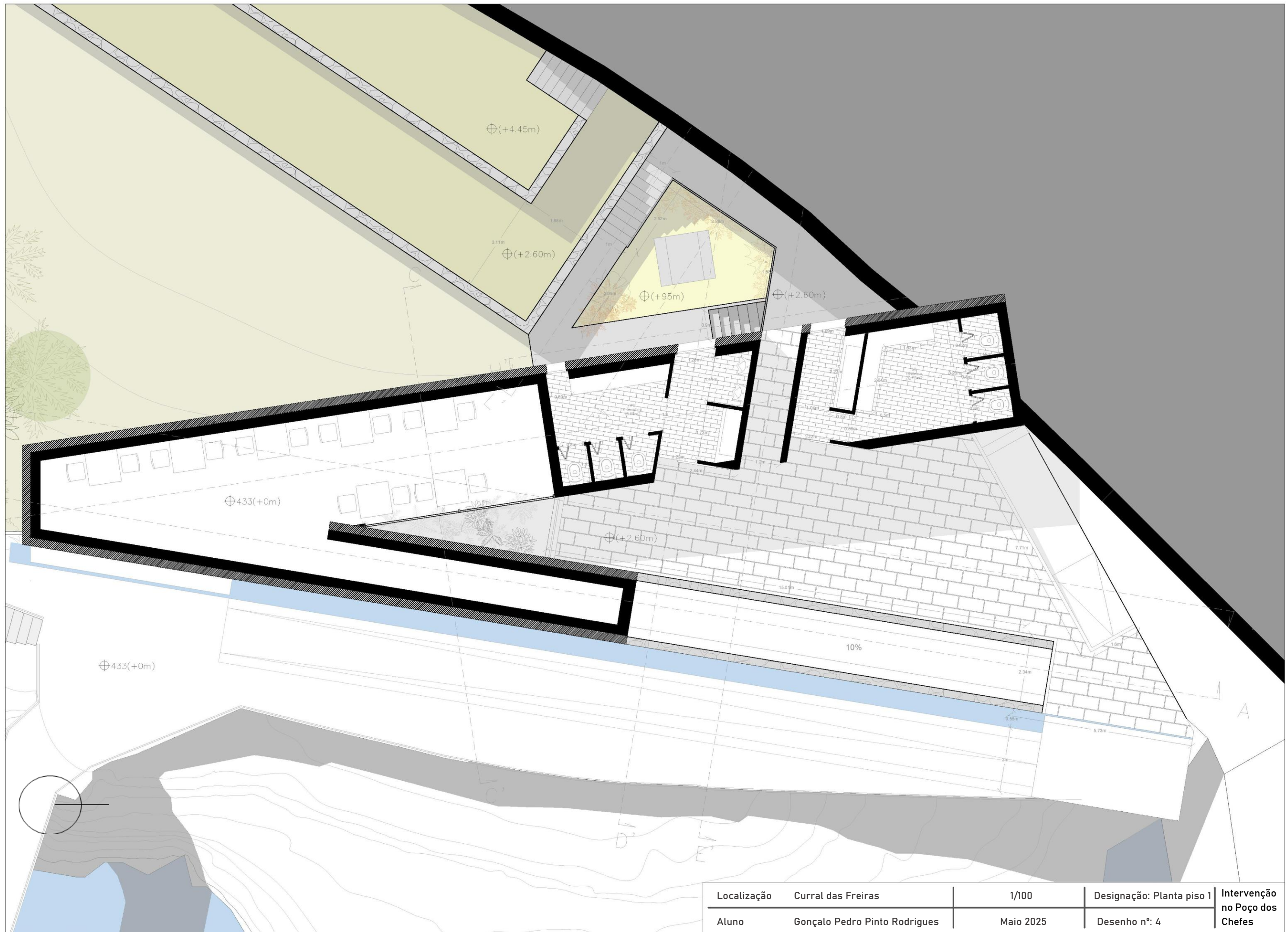
Localização	Curral das Freiras	1/100	Designação: P. Cobertura	Intervenção no Poço dos Chefes
Aluno	Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues	Maio 2025	Desenho nº: 1	



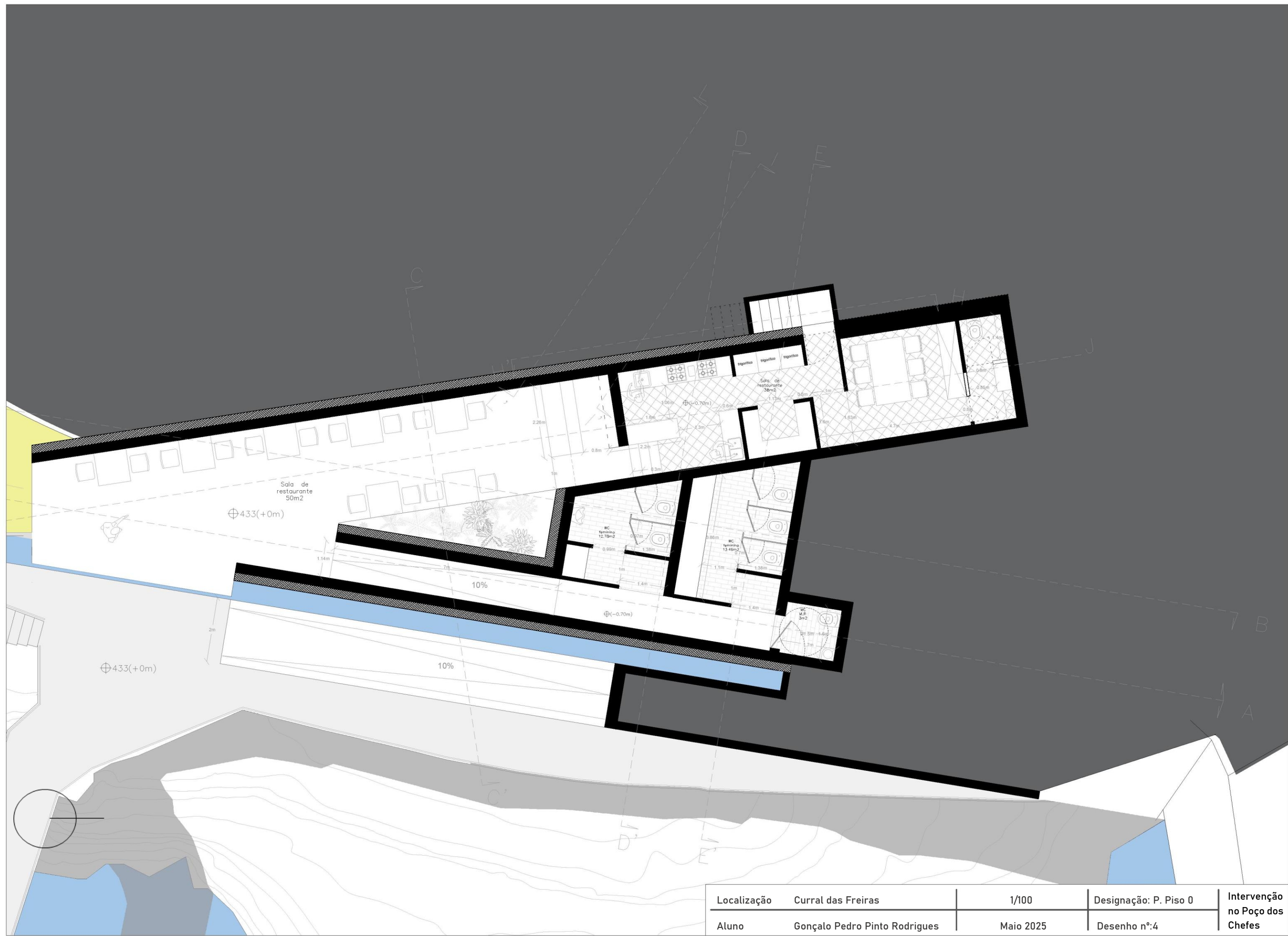
Localização	Curral das Freiras	1/100	Designação: P. de Piso	Intervenção no Poço dos Chefes
Aluno	Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues	Mai 2025	Desenho nº: 2	



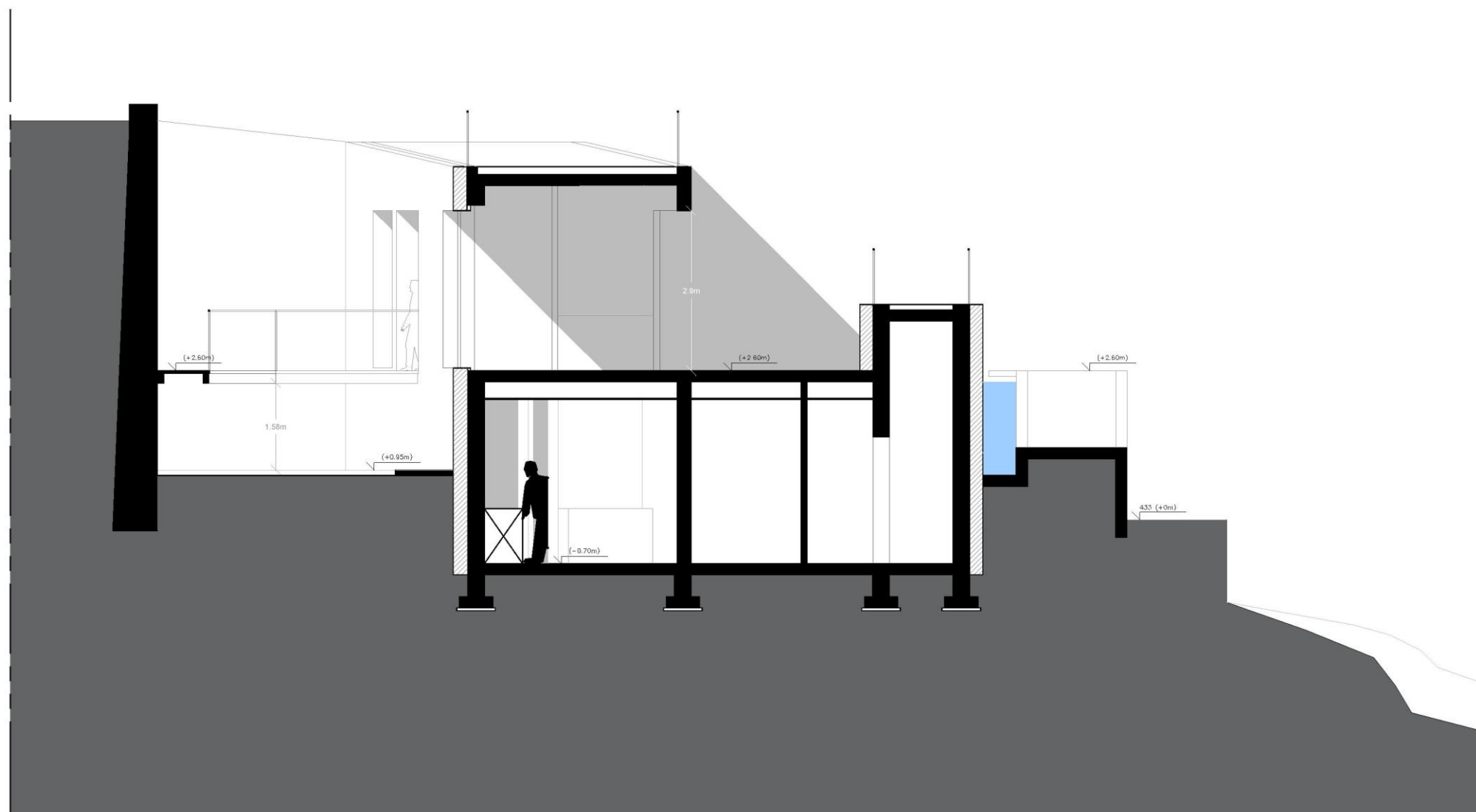
Localização	Curral das Freiras	1/200	Designação: P. Cobertura	Intervenção
Aluno	Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues	Maio 2025	Desenho nº: 3	no Poço dos Chefes



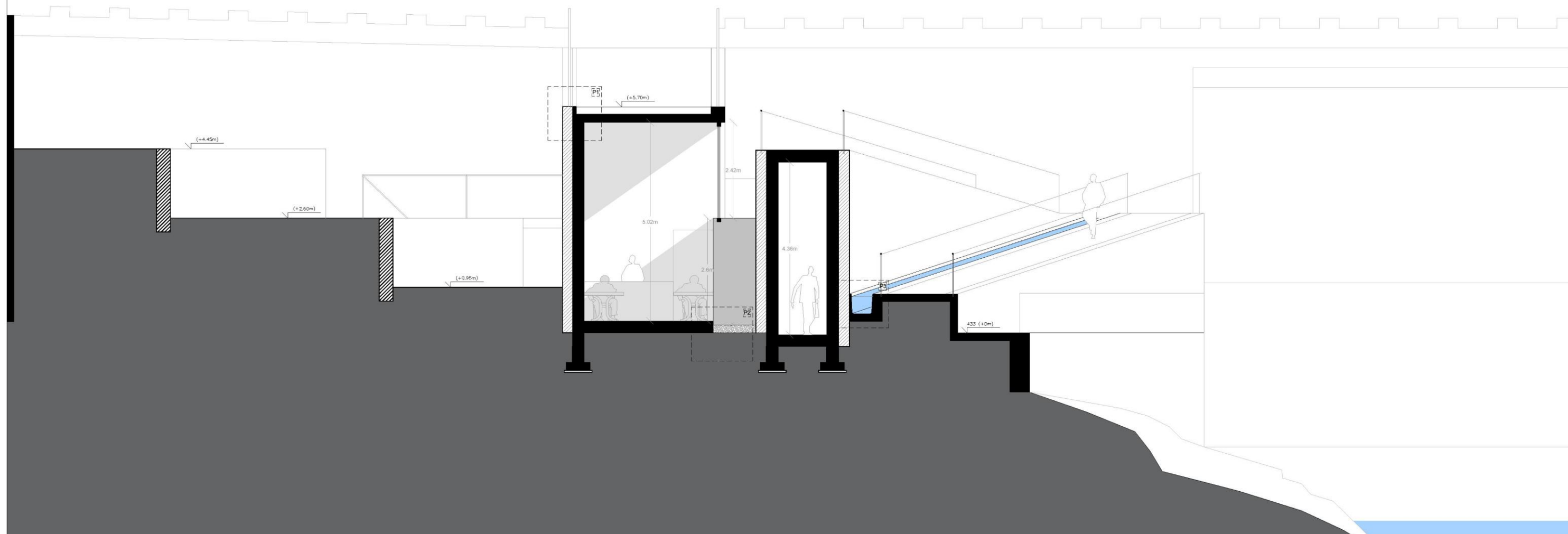
Localização	Curral das Freiras	1/100	Designação: Planta piso 1	Intervenção no Poço dos Chefes
Aluno	Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues	Mai 2025	Desenho n.º: 4	



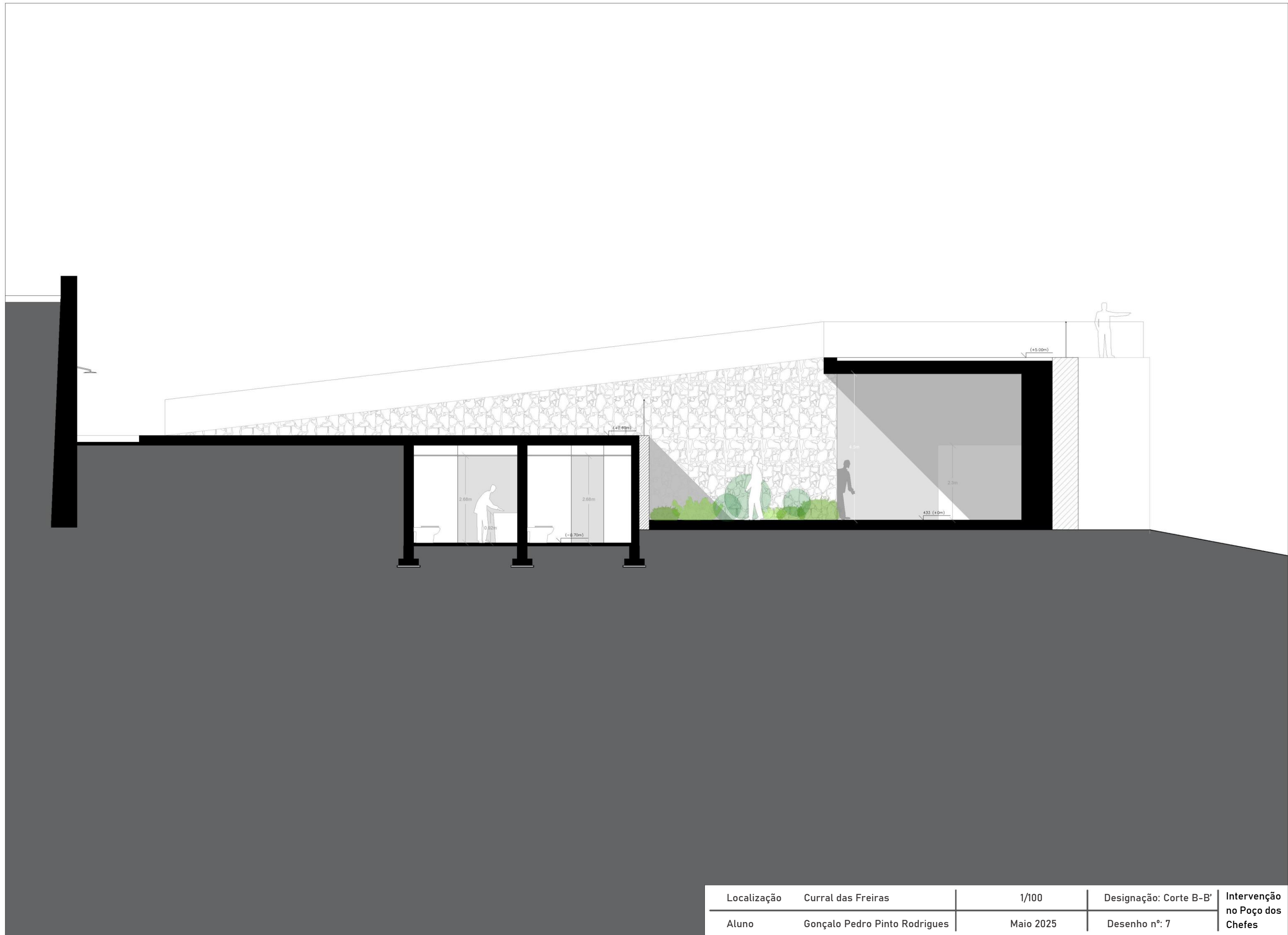
Localização	Curral das Freiras	1/100	Designação: P. Piso 0	Intervenção no Poço dos Chefes
Aluno	Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues	Maio 2025	Desenho nº:4	



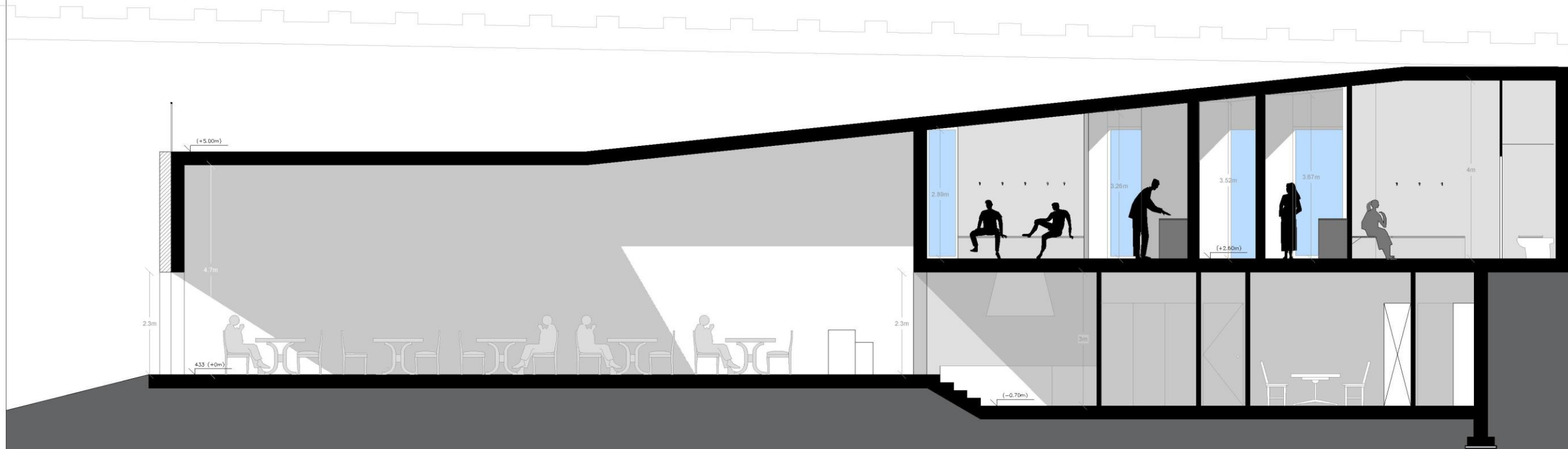
Localização	Curral das Freiras	1/100	Designação: Corte D - D'	Intervenção no Poço dos Chefes
Aluno	Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues	Mai 2025	Desenho n°:5	



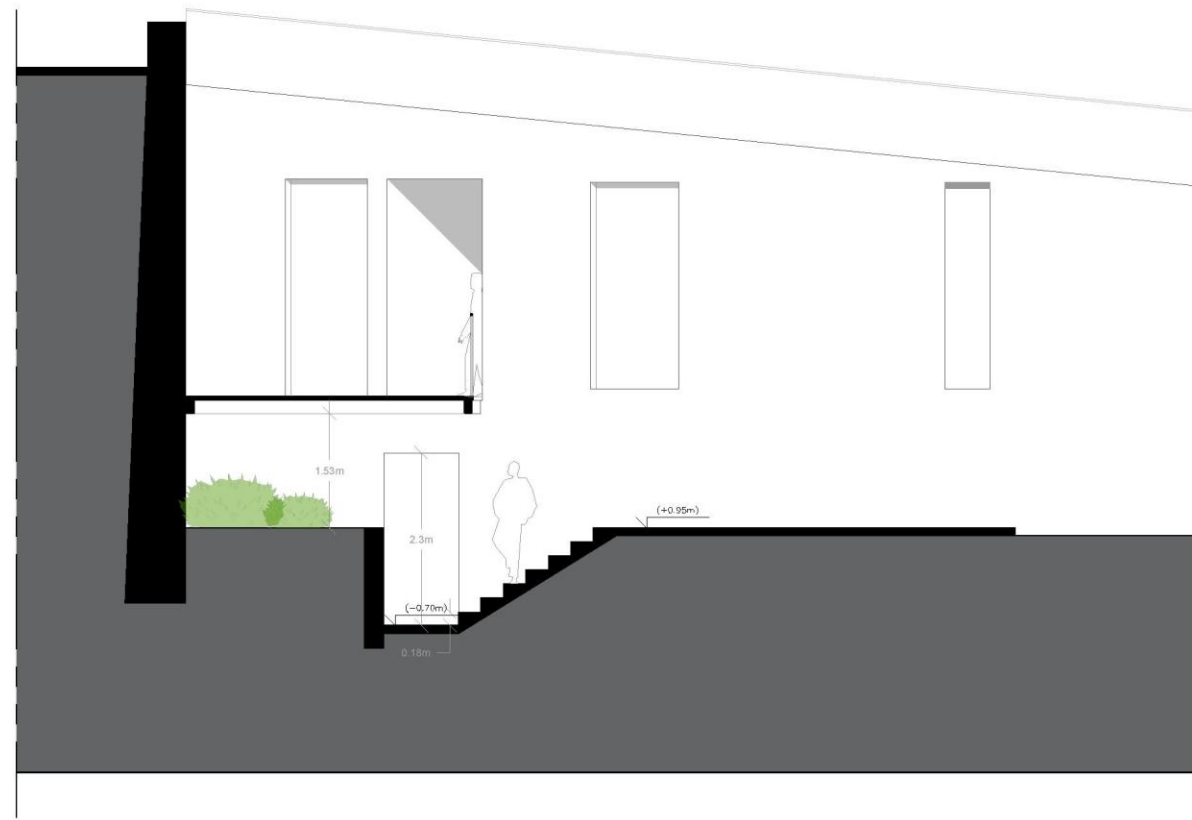
Localização	Curral das Freiras	1/100	Designação: Corte C - C'	Intervenção no Poço dos Chefes
Aluno	Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues	Mai 2025	Desenho nº:6	



Localização	Curral das Freiras	1/100	Designação: Corte B-B'	Intervenção no Poço dos Chefes
Aluno	Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues	Mai 2025	Desenho nº: 7	



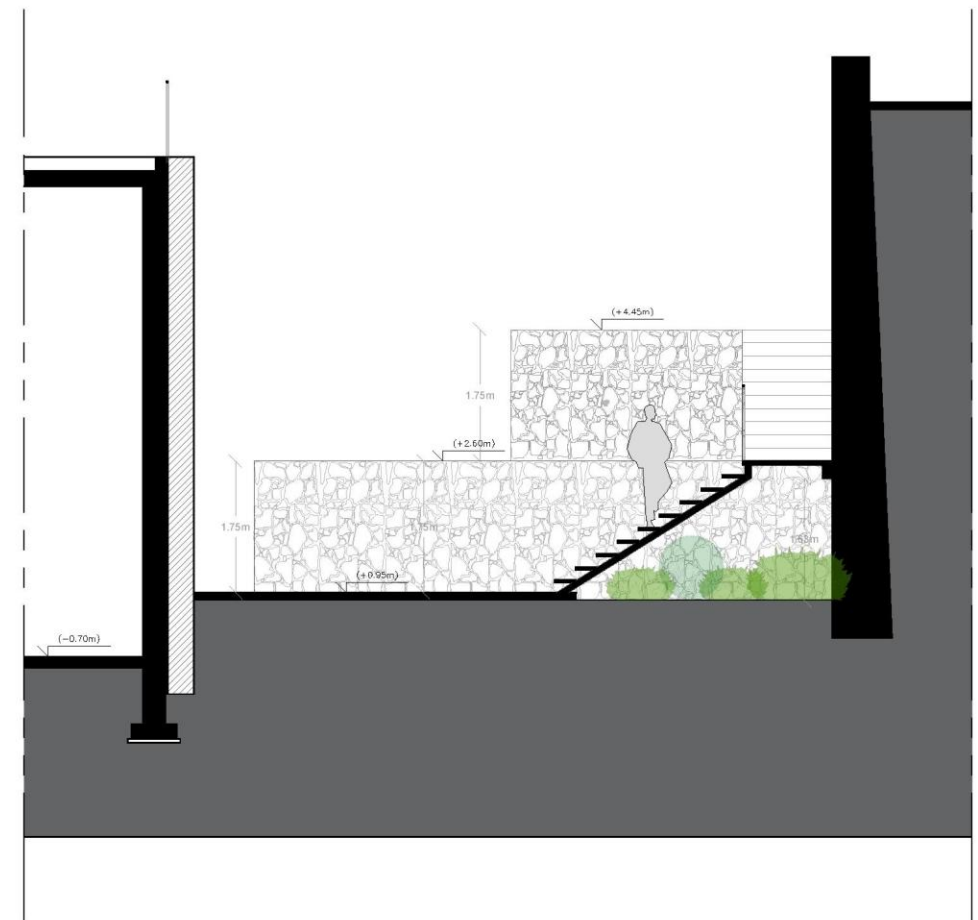
Localização	Curral das Freiras	1/100	Designação: Corte J - J'	Intervenção no Poço dos Chefes
Aluno	Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues	Maio 2025	Desenho nº: 8	



Corte H – H'

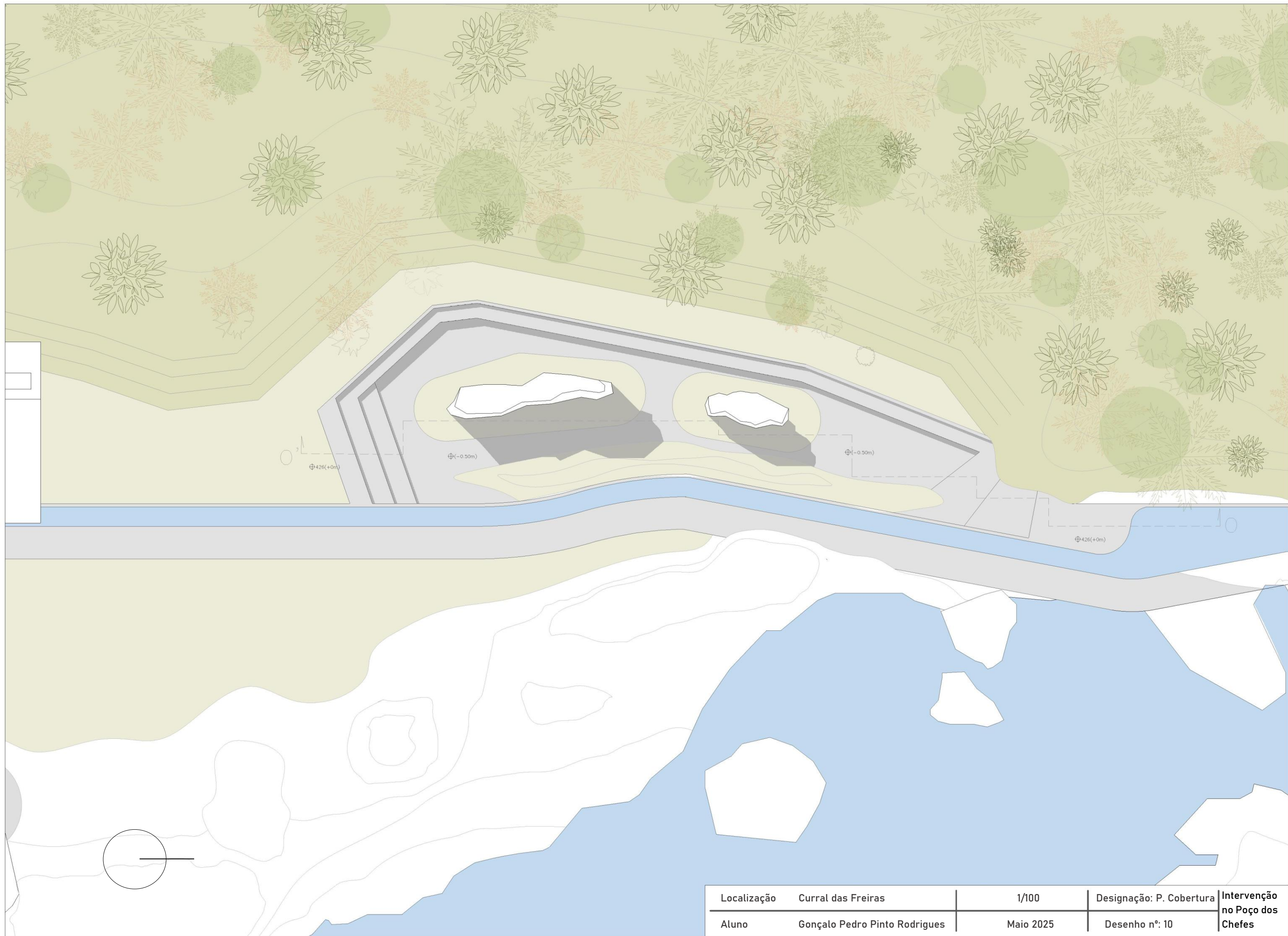


Corte I – I'

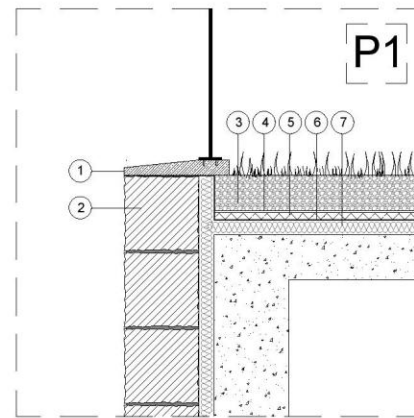


Corte L – L'

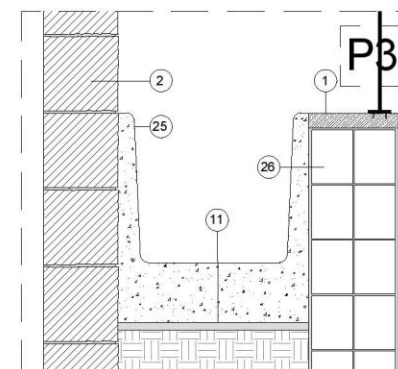
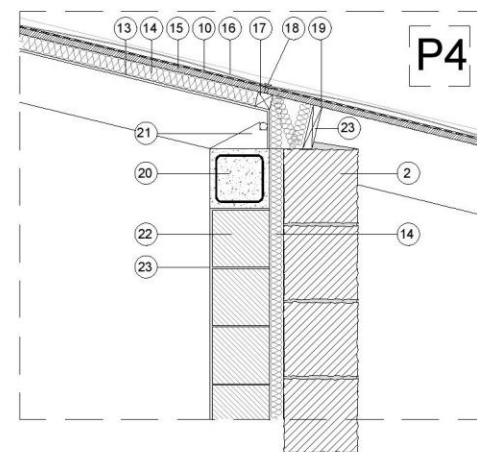
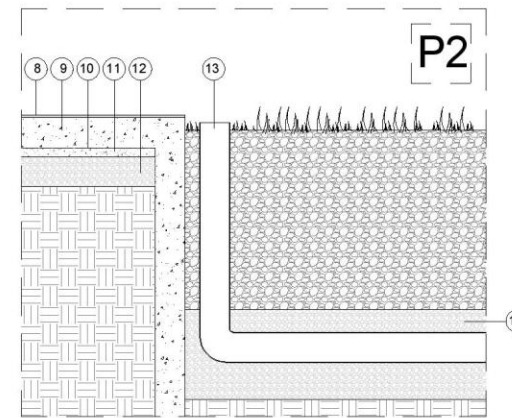
Localização	Curral das Freiras	1/100	Designação: Corte	Intervenção no Poço dos Chefes
Aluno	Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues	Mai 2025	Desenho nº: 9	



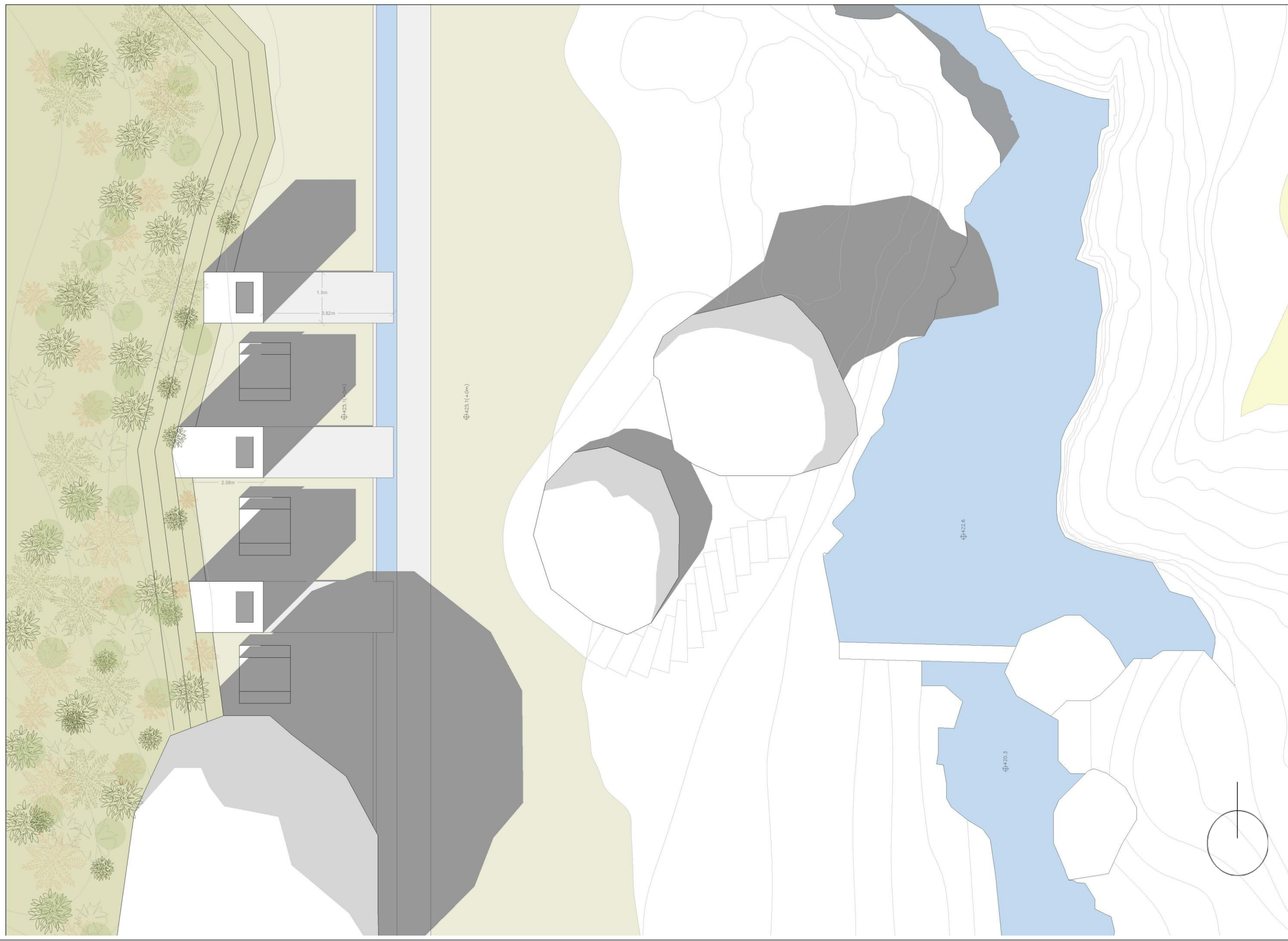
Localização	Curral das Freiras	1/100	Designação: P. Cobertura	Intervenção no Poço dos Chefes
Aluno	Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues	Maio 2025	Desenho n.º: 10	



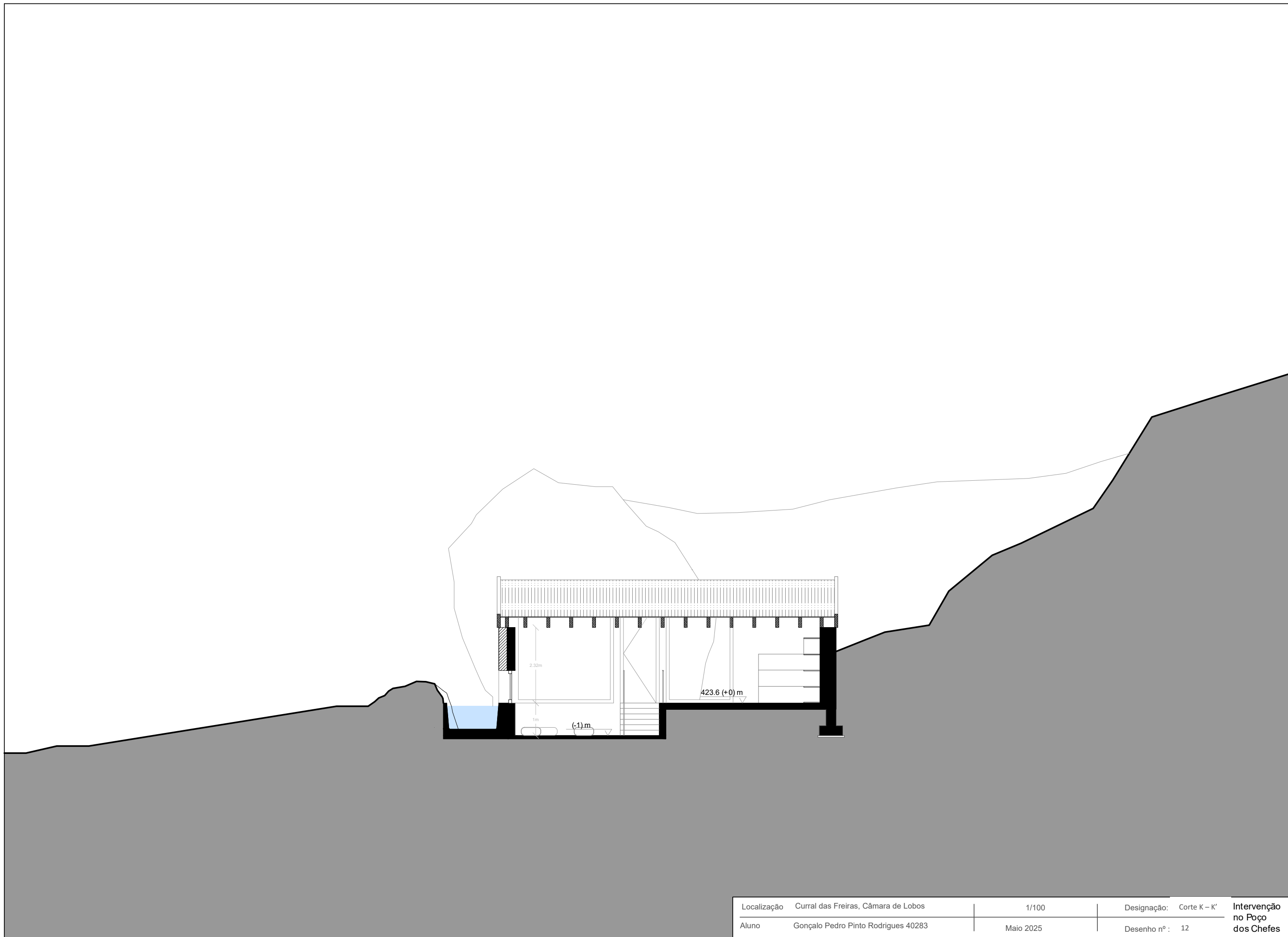
- 1-Capeamento em betão.
- 2-Pedra arrumada.
- 3-Terra compactada com grelha de pavimento.
- 4-Nivelamento.
- 5-Sistema de drenagem.
- 6-Membrana PVC.
- 7-Isolamento térmico em XPS.
- 8-Microcimento (2cm).
- 9-Laje Betão(10cm)
- 10-Folha de Polieteno de baixa densidade.
- 11-Betão de Regularização.
- 12-Brita.
- 13-Tubo de transbordo (100mm).
- 14-Ripos de Madeira.
- 15-Lã de Rocha.
- 16-Placa OSB 20mm.
- 17-Vime/canaveira/urze
- 18-Bloco de madeira 50mmx50mm
- 19-Fixador de cobertura de telhado.
- 20-Sanca de madeira com iluminação.
- 21-Viga de betão.
- 22-Parede de bloco.
- 23-Revestimento em microcimento.
- 24-Régua de madeira.
- 25-Levada pré moldada em cimento.
- 26-bloco 13cmx20cmx18cm.
- 27-Levada pré moldada em cimento.



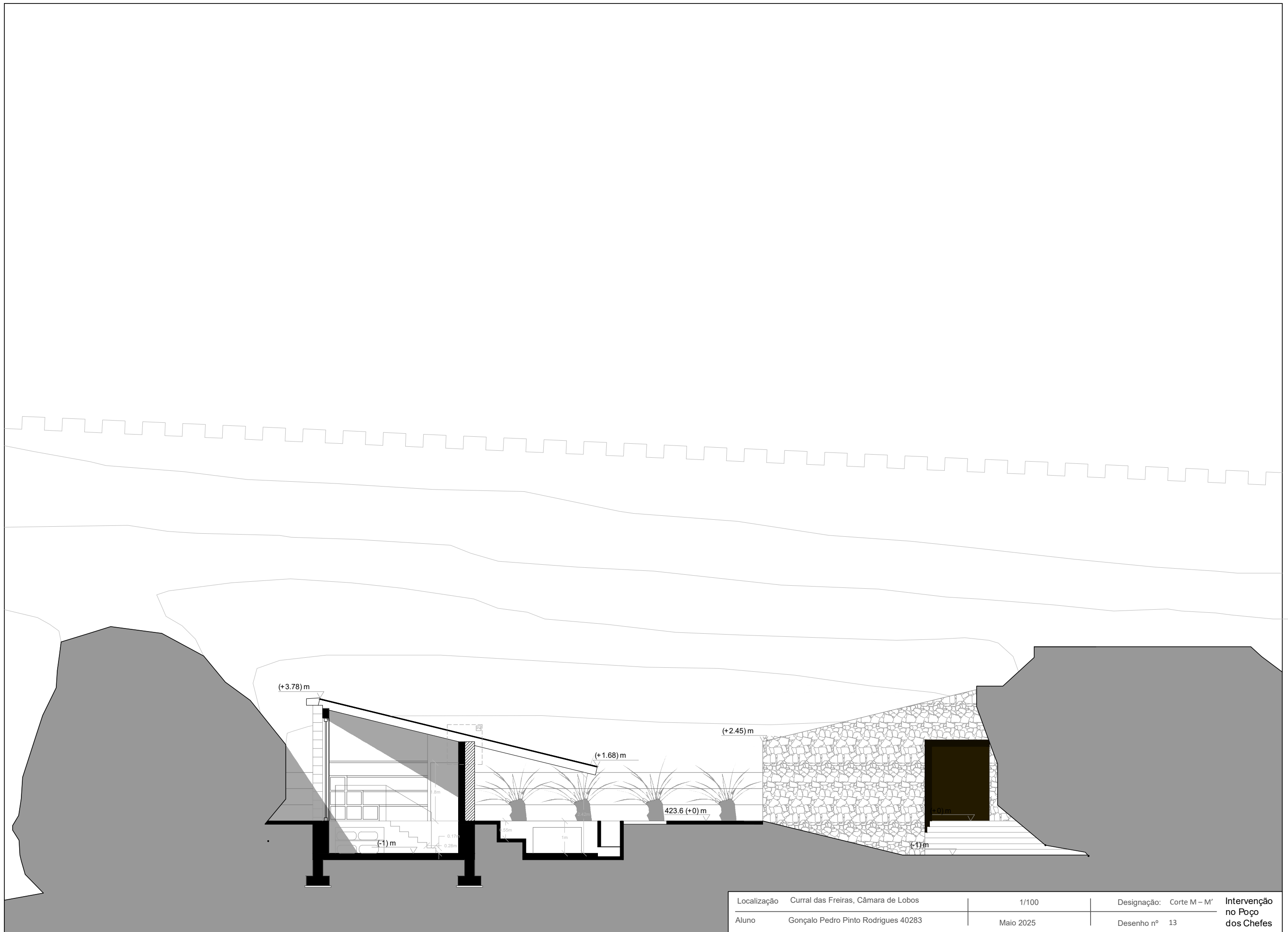
m



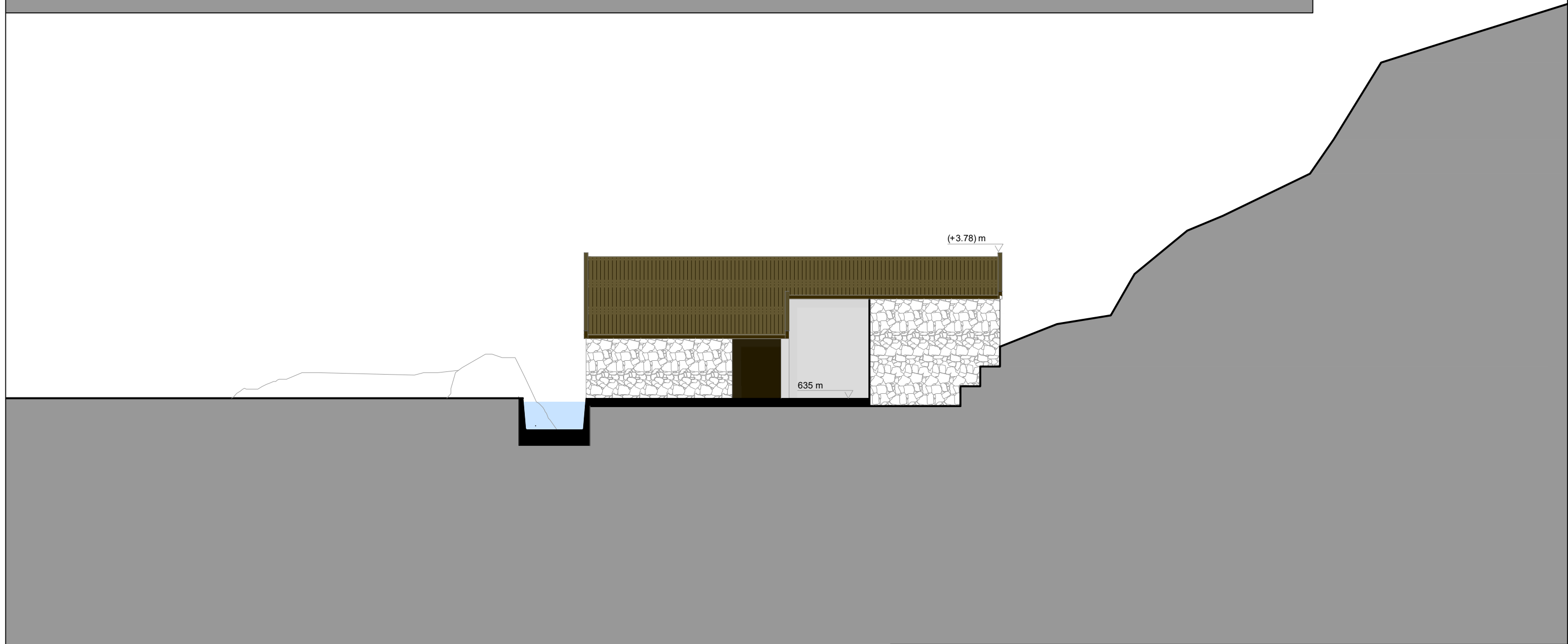
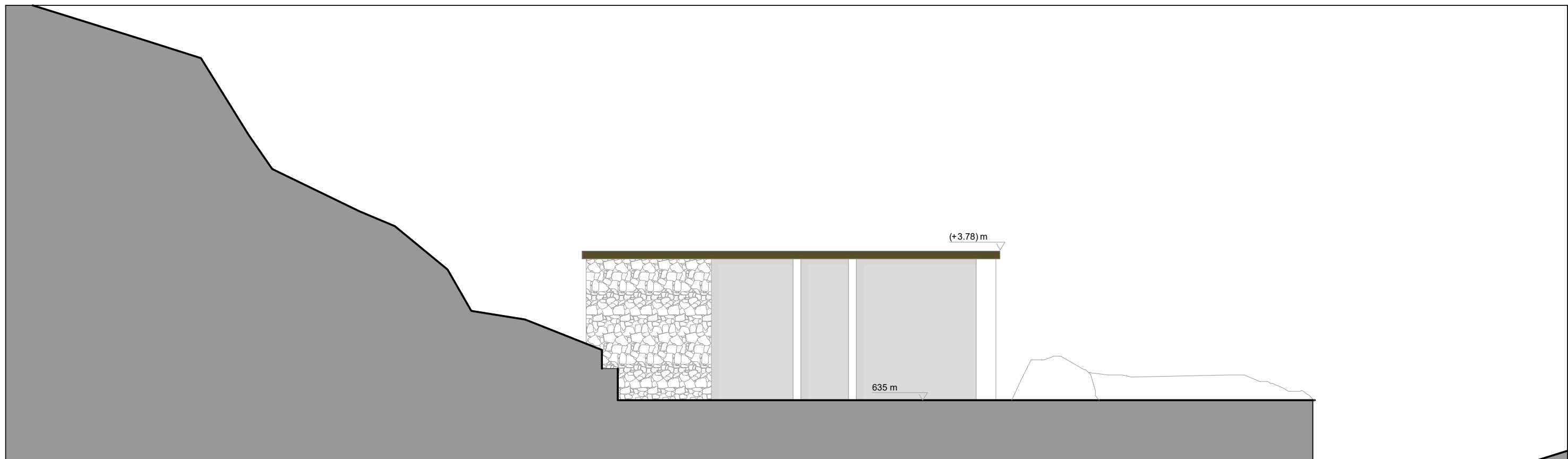
Localização	Curral das Freiras	1/100	Intervenção
Aluno	Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues	Maio 2025	no Poço dos
			Chefes
			Desenho n.º: 11



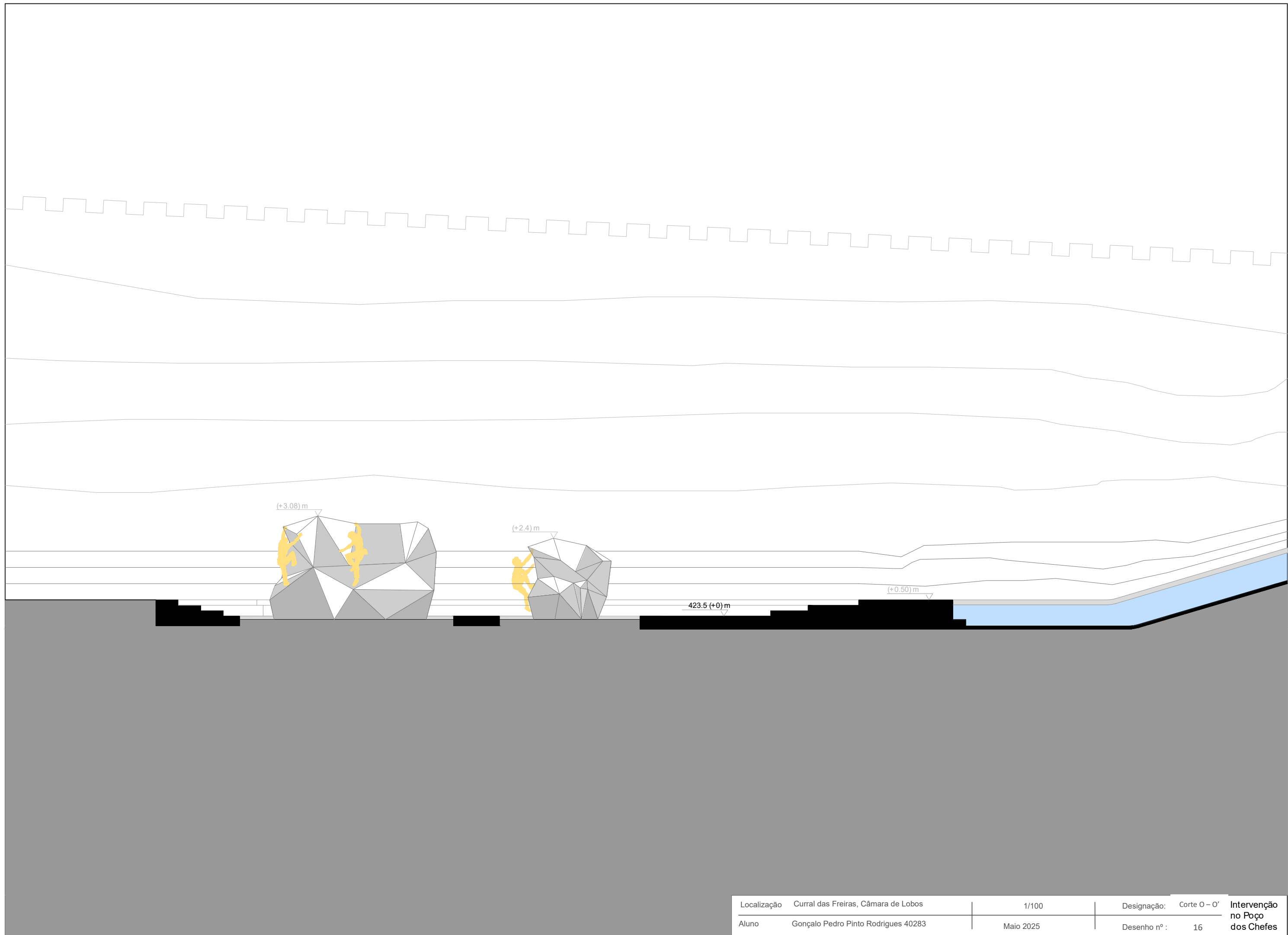
Localização	Curral das Freiras, Câmara de Lobos	1/100	Designação:	Corte K - K'	Intervenção no Poço dos Chefes
Aluno	Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues 40283	Maior 2025	Desenho nº :	12	



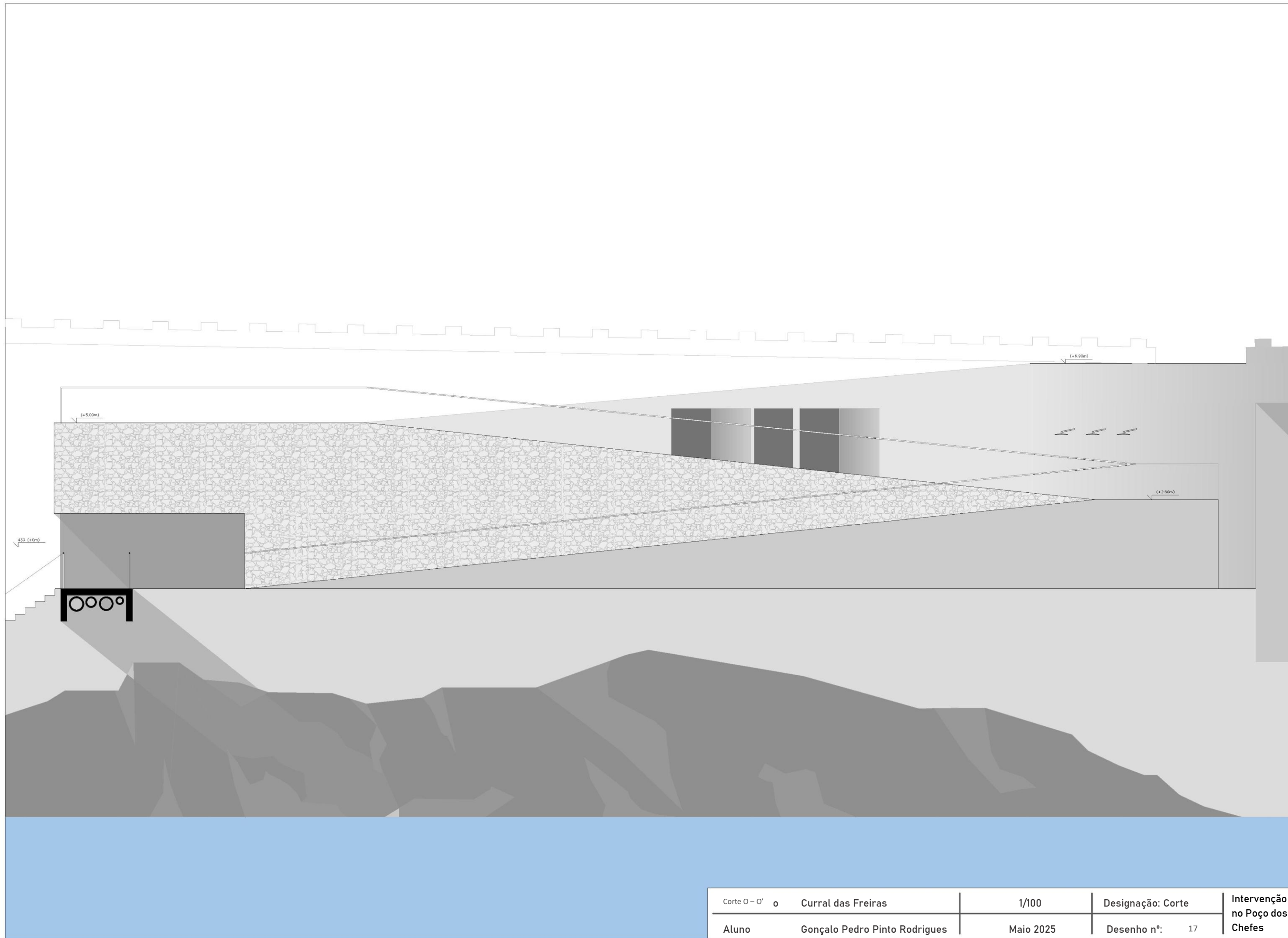
Localização	Curral das Freiras, Câmara de Lobos	1/100	Designação:	Corte M - M'	Intervenção no Poço dos Chefes
Aluno	Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues 40283	Maio 2025	Desenho nº	13	



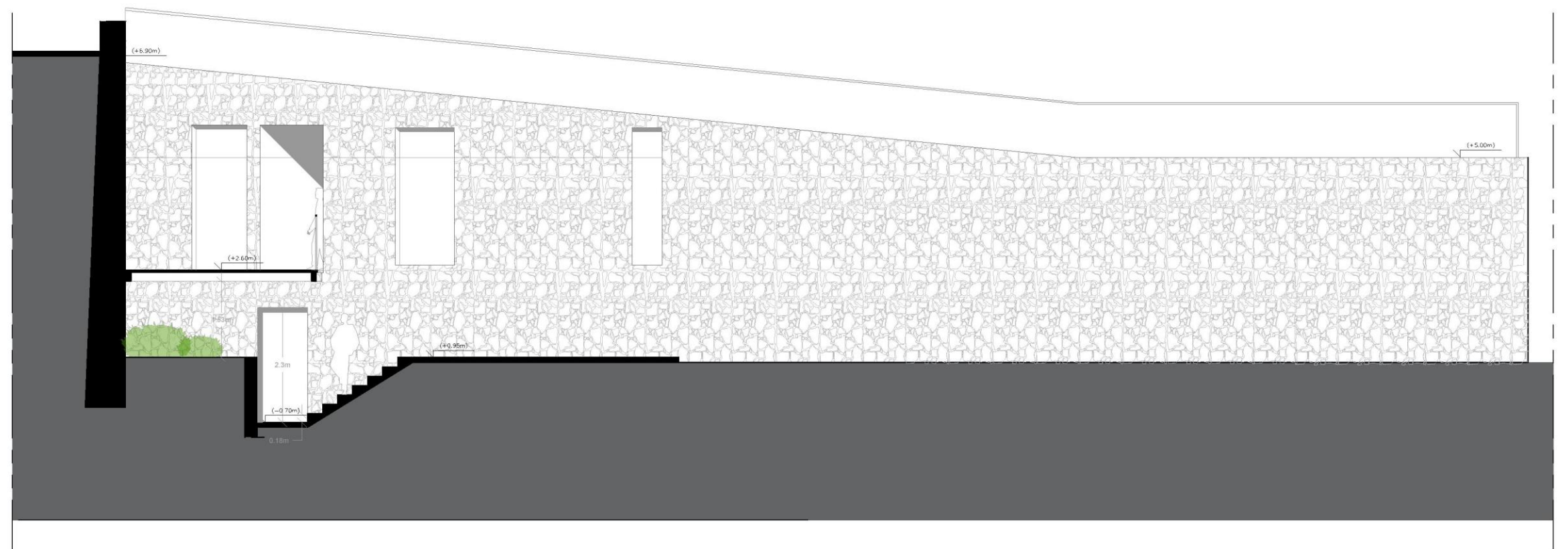
Localização	Curral das Freiras, Câmara de Lobos	1/100	Designação: Alçados	Intervenção no Poço dos Chefes
Aluno	Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues 40283	Mai 2025	Desenho nº: 15	



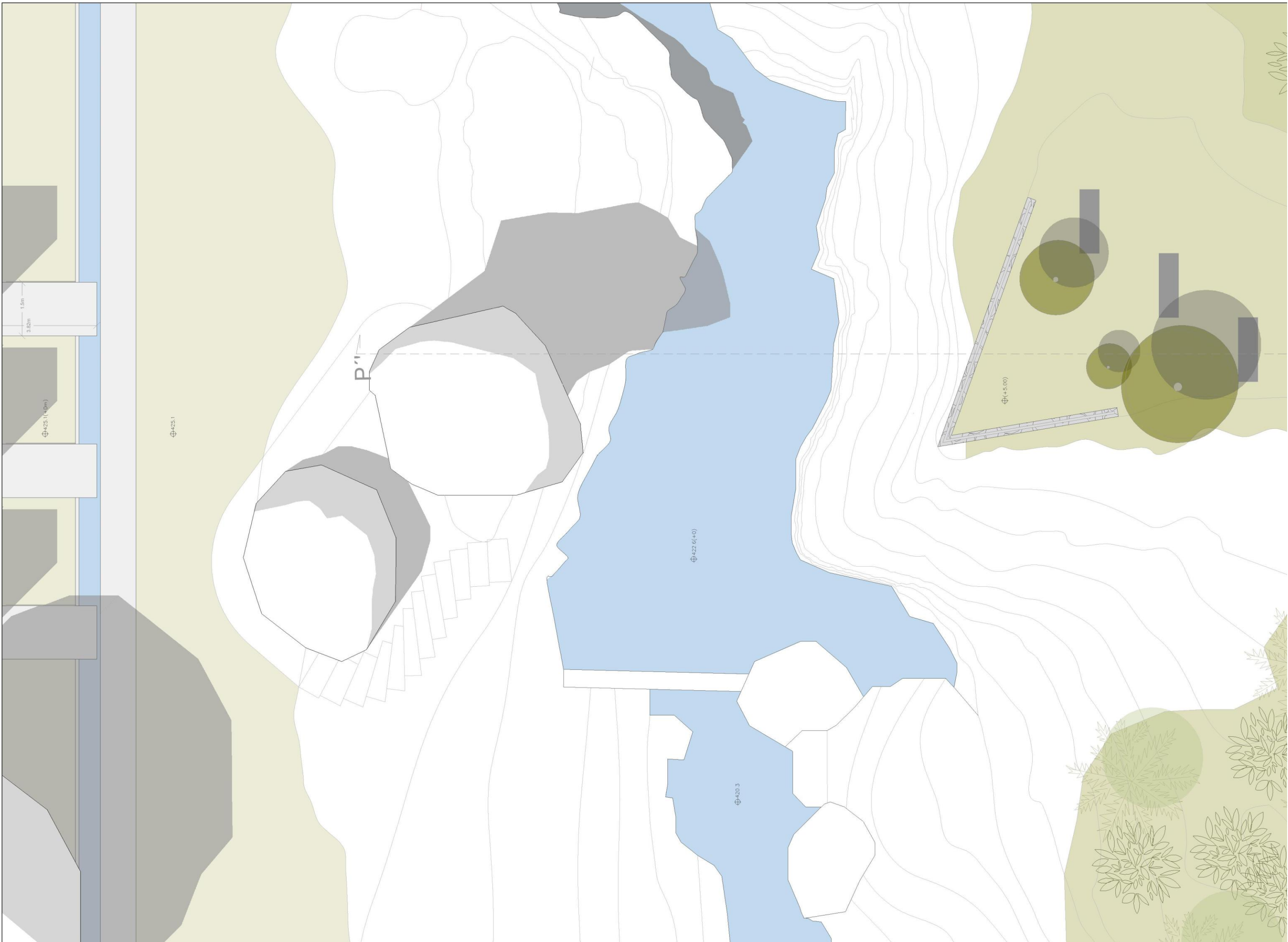
Localização	Curral das Freiras, Câmara de Lobos	1/100	Designação:	Corte O – O'	Intervenção no Poço dos Chefes
Aluno	Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues 40283	Maio 2025	Desenho nº:	16	

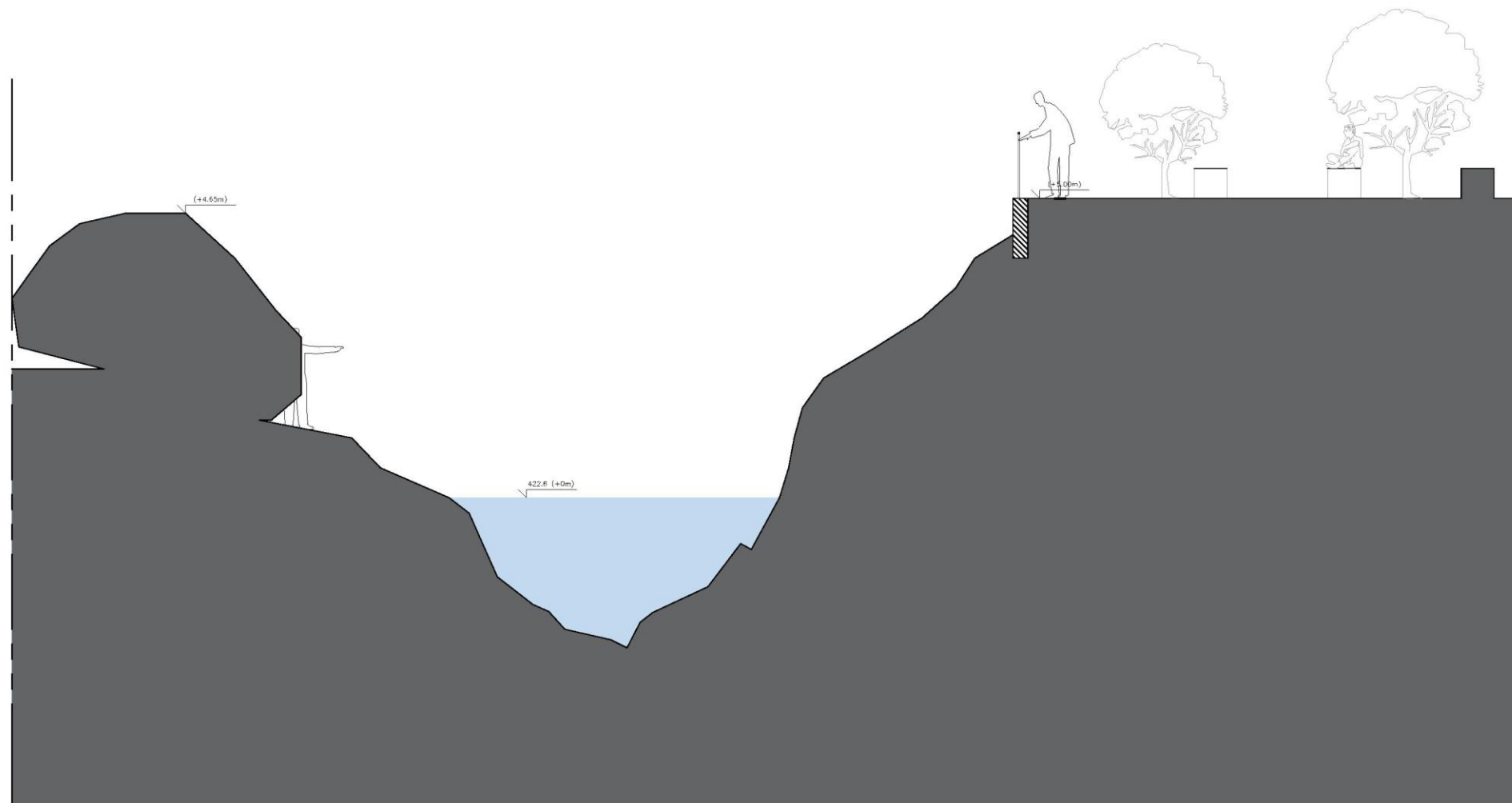


Corte O-O'	o	Curral das Freiras	1/100	Designação: Corte	Intervenção no Poço dos Chefes
Aluno		Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues	Maio 2025	Desenho nº: 17	



Localização	Curral das Freiras	1/100	Designação: Alçado	Intervenção no Poço dos Chefes
Aluno	Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues	Maio 2025	Desenho n.º: 18	





Localização	Curral das Freiras	1/100	Designação: Corte P - P'	Intervenção no Poço dos Chefes
Aluno	Gonçalo Pedro Pinto Rodrigues	Maior 2025	Desenho n.º: 20	